



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

Jorge Manuel Pombo Fernandes

***A MISERICÓRDIA: ATRIBUTO DE DEUS E
COMPROMISSO ÉTICO***

Dissertação Final

Sob orientação de:

Professor Doutor Jerónimo Trigo

**Lisboa
2019**

[PÁGINA EM BRANCO]

“ A misericórdia não cabe numa definição. Não se pode dizer: «A misericórdia é isto!». Precisamos de espelhos para compreender a misericórdia. Ela tem de encarnar para que a possamos tocar. [...] Não há misericórdia sem dádiva, sem doação”¹.

¹ J. MENDONÇA, *Elogio da Sede*, Quetzal, Lisboa, 2018, 132.

A Deus pela sua infinita misericórdia.

Aos meus formadores e professores, pelo conhecimento e testemunho que me deram o
que me permitiu ver, tocar e abraçar tão grande mistério.

Aos meus colegas de seminário e de academia por terem sido companheiros nesta
jornada da minha vida.

SIGLÁRIO

SAGRADA ESCRITURA

Antigo Testamento

1Cr – Primeiro Livro das Crónicas	Jr – Livro do Profeta Jeremias
2Cr – Segundo Livro das Crónicas	Js – Livro de Josué
1Rs – Primeiro Livro dos Reis	Lv – Livro do Levítico
1Sm – Primeiro Livro de Samuel	Mq – Livro do Profeta Miqueias
Ct – Livro Cântico dos Cânticos	Ne – Livro de Neemias
Dt – Livro do Deuterónimo	Nm – Livro dos Números
Esd – Livro de Esdras	Os – Livro do Profeta Oseias
Ex – Livro do Êxodo	Pr – Livro dos Provérbios
Ez – Livro de Ezequiel	Rt – Livro de Rute
Gn - Livro do Génesis	Sl – Livro dos Salmos
Is – Livro do Profeta Isaías	Zc – Livro do Profeta Zacarias
Jb – Livro de Job	
Jl – Livro do Profeta Joel	

Novo Testamento

1Cor – Primeira Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Coríntios
1 Jo – Primeira Carta de S. João
2Tim – Segunda Carta de S. Paulo a Timóteo
Ap – Apocalipse
Act – Livro dos Actos dos Apóstolos
Cl – Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Colossenses
Hb – Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Hebreus
Ef – Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Efésios
Jd – Carta de Judas
Jo – Evangelho de S. João
Lc – Evangelho de S. Lucas
Mc – Evangelho de São Marcos
Mt – Evangelho de S. Mateus
Rm – Epístola do Apóstolo S. Paulo aos Romanos
Tg – Carta de Tiago

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

CA – Encíclica <i>Centesimus Annus</i>	GS – Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
CIgC – Catecismo da Igreja Católica	LE - Encíclica <i>Laborem Exercens</i>
CV - Encíclica , <i>Caritas in Veritate</i>	LG – Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
DCE - Encíclica <i>Deus Caritas est</i>	MetM – Encíclica <i>Mater et Magistra</i>
DM - Encíclica <i>Dives in Misericordiae</i>	MM - Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i>
EG – Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>	MV - Bula <i>Misericordiae Vultus</i>
ES - Encíclica <i>Ecclesiam suam</i>	PP - Encíclica <i>Populorum Progressio</i>

RESUMO

A presente dissertação de mestrado trata-se de uma reflexão sobre a misericórdia como atributo de Deus e o modo como esta é imperativo para o agir humano. Poderíamos ter privilegiado uma outra categoria, igualmente válida, contudo, pareceu-nos ser este um conceito síntese, na medida em que ocupa um lugar central na mensagem cristã.

A misericórdia não é apenas mais uma característica de Deus. Deus é misericórdia! Por isso apresenta-se como a chave do Evangelho, da vida cristã e traduz a vocação da Igreja.

O percurso deste nosso pensamento inicia-se com a apresentação das perspectivas filosóficas e cristãs acerca da misericórdia. Num segundo momento analisamos os vocábulos bíblicos que são traduzidos por misericórdia. Em momento subsequente, de modo exaustivo e centrado na Sagrada Escritura, abordamos a questão da misericórdia como atributo divino que se desvela plenamente na vida e pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado. Em fases posteriores, com recurso ao Magistério da Igreja, mostramos a face institucional, social e política da misericórdia.

A Igreja, comunidade eclesial, Corpo Místico de Cristo, é a manifestação da misericórdia divina no mundo, quando pelo seu anúncio e serviço, se torna um “hospital de campanha” que trata das feridas dos homens de hoje.

Palavras chave: Misericórdia; linguagem bíblica; encarnação da misericórdia; praxis.

ABSTRACT

This master's dissertation is a reflection on mercy as an attribute of God and the way it is imperative for human action. We could have privileged another category, equally valid, but it seems to us that this is a synthesis concept, since it occupies a central place in the Christian message.

Mercy is not just another feature of God. God is Mercy! This is why it is presented as the key to the Gospel and the Christian life and reflects the vocation of the Church.

The course of our thinking begins with the presentation of philosophical and christian perspectives, which denotes that this concept is not exclusively theological. In a second moment we analyze the biblical words that are translated by mercy, which helps us to realize that man says God according to his experience and relationship with the divinity.

In a subsequent moment, exhaustively and centered on Sacred Scripture, we address the question of mercy as a divine attribute that is fully revealed in the life and person of Jesus Christ, the incarnate Son of God. In later phases, using the Magisterium of the Church, we show the institutional, social and political face of mercy.

The Church, the ecclesial community, the mystical body of Christ, is the manifestation of divine mercy in the world when, through its proclamation and service, it becomes a “field hospital” that deals with the wounds of men today.

Keywords: Mercy; biblical language; incarnation of mercy; praxis.

INTRODUÇÃO

A temática da misericórdia, desde sempre, teve especial importância para o Magistério e para a vida da Igreja, tornando-se um elemento relevante de trabalho para o pensamento teológico contemporâneo, no qual se destaca o estudo *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, do teólogo Walter Kasper². Este teólogo põe em destaque a relação que existe entre misericórdia e ética. Sublinha que, apesar da misericórdia ser uma palavra marcadamente bíblica, a tradição teológica, desde muito cedo, encontrou a relação desse conceito com as experiências do quotidiano dos homens e com a reflexão filosófica, o que permitiu perceber de modo concreto a sua significação bíblica.

No Pontificado de S. João Paulo II, a misericórdia foi abordada de forma insistente e com o Sumo Pontífice Francisco torna-se estandarte caracterizador do seu papado. A misericórdia foi, e continua a ser, o motor da vida de muitos homens e mulheres que comprometem a sua existência com este dinamismo: dar a vida para que outros a ganhem, sem daí esperarem qualquer tipo de consolo ou vantagem pessoal.

O conceito de misericórdia não raras vezes aparece associado à ideia de pecado. Contudo, não sendo essa associação de todo despropositada, pode ser um muro que não permite ver a riqueza e a importância que a misericórdia assumiu na história da humanidade e que se perpetua até aos nossos dias – uma história feita de homens em relação com Deus, em que o outro e os princípios éticos passam a ter especial relevo e

² W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015.

servem de móbil à ação, permitindo assim uma convivência social mais verdadeira e salutar.

O mundo de hoje, ao qual a Igreja tem de fazer chegar o anúncio da misericórdia, está enraizado numa cultura das emoções, que nos leva a ler a realidade a partir desta perspectiva quase absoluta da emoção e do sentimento. Alguns autores falam de uma “cultura líquida”³, ou seja, construída e estruturada em torno de um sujeito débil e imaturo no governo dos seus próprios sentimentos, que o incapacita de assumir relações, compromissos estáveis e duradouros, e de abrir-se a uma conceção de amor entendida na lógica do dom e do acolhimento.

Esta confusão entre o verdadeiro amor, que se entende como doação pessoal, e o sentimento, reduzido à mera experiência emocional, isolada do conjunto da trama afetiva da pessoa, pode conduzir-nos a uma visão redutora daquilo que é efetivamente a misericórdia. Deste modo, a misericórdia deixa de ter no centro e como fim a totalidade e integridade da pessoa, dando lugar a uma emoção individualista. As vivências interiores, as emoções, o prazer momentâneo, o sentimento que me gera compaixão e consolo pelo outro, são a praxis desta visão da misericórdia. Por este caminho, acabamos por psicologizar esta qualidade tão profundamente humana e pessoal, despojamo-la do seu significado mais teológico e da realidade que é a verdade da pessoa, que alcança o seu cume na definição do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-30)⁴.

Conscientes que o objeto da nossa dissertação é de grande complexidade, abrangência e relevância, e depois de muito ter sido escrito acerca da misericórdia por ocasião do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, proclamado pelo Papa Francisco, não quisemos deixar de trabalhar esta temática porque se trata de um assunto, um princípio

³ Sobre este assunto cf. Z. BAUMAN, *Amor líquido. Acerca de la fragilidad de los vinculos humanos*, F.C.E, Buenos Aires, 2005.

⁴ As referências bíblicas que constam do nosso trabalho são tiradas da *Bíblia Sagrada, para o Terceiro milénio da encarnação*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2003.

que pessoalmente vou experimentando no caminho que vou fazendo com Deus, com a Igreja e na relação com o próximo. Neste nosso trabalho colocamos singular atenção na Sagrada Escritura, na Tradição e no Magistério da Igreja.

Na nossa dissertação pretendemos refletir acerca da misericórdia como atributo de Deus, a relação intrínseca e o modo como enforma o agir humano. Sem a pretensão de ser exaustivo no tratamento do tema que vou estudar, pois a sua magnitude não o permitiria e faltar-me-ia o engenho para levar por diante tal feito, o objetivo do nosso trabalho é partir de uma certa tendência atual para a relativização daquilo que é a misericórdia e “chegarmos à meta” concluindo que

“é pela misericórdia que se abre o coração ao estrangeiro, se olha o insólito sem animosidade, se encaram hábitos alheios e alheios sistemas, sem atitudes condenatórias e sem julgamentos sumários. É pela misericórdia que se realiza a melhor apreensão e compreensão do mundo e da vida. [...] A misericórdia é a grande via de acesso à transcendência”⁵.

Para lá da introdução e de uma reflexão conclusiva, a presente dissertação é composta por cinco capítulos. O nosso percurso inicia-se com o situar a misericórdia no contexto da sociedade hodierna e perceber as problemáticas que se desenvolvem em torno deste conceito. Apontamos a misericórdia como uma realidade não exclusiva da teológica e, nesse sentido, oferecemos algumas perspetivas filosóficas, sem deixar de apresentar a perspetiva cristã, Assim, é o nosso primeiro capítulo.

No segundo capítulo trataremos do vocabulário bíblico da misericórdia divina. Partimos do Antigo Testamento onde a misericórdia é apresentada como atributo de Deus. Deus que se compadece do seu povo, o ama e trata com misericórdia. No Novo Testamento a experiência que os homens fazem de Deus é completamente diferente e por

⁵ M. ANTUNES, *Obra completa, Tomo II: Paideia - Educação e Sociedade*, 2ªEd., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008, 87.

isso o dizem de maneira distinta. Temos um Deus – Amor que se manifesta plenamente em Jesus Cristo, que veio para curar os doentes, libertar os presos e ser sinal de esperança para os pobres.

No terceiro capítulo abordamos de modo mais incisivo o objeto do nosso estudo, a misericórdia como atributo divino. Iniciamos com a manifestação de Deus Pai que se “autorrevela” como um “Deus paciente” e “misericordioso” e que se mostra em Jesus Cristo. Neste capítulo, com o auxílio da Sagrada Escritura, fazemos uma “biografia” de Jesus e aferimos, a partir das suas palavras e gestos, que Ele é a misericórdia incarnada do Pai.

No quarto capítulo, detemo-nos nos documentos do Magistério recente que se pronuncia acerca da misericórdia, e que expressam uma dimensão mais institucional e política da misericórdia.

Por fim, procuramos demonstrar que a misericórdia não é passiva, mas tem uma vertente ativa, que se concretiza nas relações que o homem tem com os outros homens e com o mundo que o rodeia. A misericórdia não tem apenas uma dimensão individual mas também comunitária, o que, nos levou a abordar esta temática no âmbito eclesial, em que a Igreja, é testemunha da misericórdia divina no mundo, pelo anúncio, celebração e serviço.

Neste capítulo para melhor concretizar a relação da misericórdia, atributo de Deus, com a ação humana, recorreremos, de modo particular, aos documentos, mensagens, discursos do papa Francisco, que traduzem de forma clara esta preocupação pelos mais pobres, o desejo de uma Igreja missionária e em relação com o mundo, atenta aos sinais dos tempos, para aí escutar qual a vontade de Deus para o hoje da humanidade.

CAPÍTULO I

DIALÉCTICA DA MISERICÓRDIA

Neste capítulo refletiremos sobre o conceito de misericórdia. Procuramos apresentar de forma breve, o modo como essa realidade é percebida no âmbito da filosofia e como é vivida ou entendida no cristianismo.

1. Problemáticas

Ao longo da história da salvação, Deus revela-se ao homem como amor primeiro, radical e originário e, ao mesmo tempo, como o mais próximo de nós mesmos. O que sobressai nesta revelação do amor divino é a compaixão por todo o ser humano, o “saber padecer” com o homem, que faz do amor de Deus um amor especificamente misericordioso.

No topo desta revelação do amor misericordioso de Deus, está Cristo, que deu carne à verdadeira compaixão trinitária, pois, ao incarnar, tomou sobre si toda a fragilidade humana, exceto o pecado. Pela sua morte e ressurreição, restaurou a relação com Deus que, pelo pecado, se perdera em Adão. A humanidade foi de novo inserida na comunhão divina. O caminho histórico da Revelação mostra que, em Deus, a misericórdia se entende e ocorre num único dinamismo: o “sair de si”, o “dar-se”; deste modo, entramos na lógica do dom.

“Na estrutura do dom, temos o doador e o recetor e a mediação concreta do bem que se oferece ao outro”⁶. Esta mesma estrutura constitui, por isso, o suporte interno da misericórdia cristã, na qual a pessoa sempre é considerada como a destinatária do bem concreto, e nunca o contrário. A pessoa nunca será considerada um meio para alcançar um fim; ela é um fim em si mesma e tudo a ela se deve destinar. Só assim as ações correspondem à verdadeira dignidade humana⁷. Como refere o teólogo Carlos Alonso, “no equilíbrio entre estes três polos do dom – doador, recetor e bem – joga-se a verdade humana e pessoal de qualquer obra de misericórdia”⁸.

O amor não é só benevolência, o querer o bem do outro, pois isso não é suficiente. Separar o bem, da pessoa, do amor, e buscar o bem sem um destinatário concreto, é um caminho que não leva à verdadeira misericórdia. Por outro lado, o amor não se esgota em querer o outro apenas em sentimentos ou em palavras; completa-se na oferta ao outro de um bem concreto, porque o amor traduz-se em obras.

No contexto da cultura da emoção em que vivemos, somos despertados para uma breve tipologia de misericórdias⁹ que parecem responder a um padrão reducionista.

A misericórdia humanitária e filantrópica é entendida num sentido muito altruísta. Designa a conduta que busca servir construtivamente o outro, ajudá-lo na sua sobrevivência, atendê-lo de maneira diligente e desinteressada, ainda que à custa do bem e da comodidade própria. Socorre-se espontaneamente uma necessidade determinada, alivia-se pontualmente uma dor, resolve-se ocasionalmente uma escassez e, ainda que se faça bem ao outro, na realidade o que se busca é a gratificação de viver uma experiência de empatia consigo mesmo. É dizer: faço o bem ao outro porque isso me faz sentir bem

⁶ C. ALONSO, “La maternidad divina de María, paradigma de la misericordia cristiana”, *Iglesia y Familia*, 37- novembro (2016), 4.

⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta às famílias*, Secretariado Geral do Episcopado, Lisboa, 1994, 12.

⁸ C. ALONSO, “La maternidad divina de María, paradigma de la misericordia cristiana”, 5.

⁹ Cf. *Ibidem*, 2-3.

comigo mesmo. Trata-se de uma expressão de grande altruísmo; porém, o seu centro não é o valor da pessoa em si mesma, mas, na realidade, o bem concreto que se faz e, sobretudo, a sensação positiva que esse bem proporciona àquele que o realizou.

A misericórdia romântica ou sentimentalista reduz-se à mera experiência sentimental e não chega a transcender para o plano operativo. É uma misericórdia que se comove, mas não se compromete, que espera e anima a que outros atuem. O sujeito impressiona-se face às necessidades, debilidades e sofrimentos dos demais, mas detém-se na expressão das suas emoções e sentimentos, incluindo a busca de persuadir a outros a que sintam o mesmo. Ao interpretar o bem destes critérios sentimentalistas, este tipo de misericórdia vira as costas a qualquer critério racional e objetivo que evite fechar o bem em critérios meramente subjetivos.

Por sua vez, a misericórdia sincretista ou relativista faz ressaltar a importância em socorrer e ajudar o outro, independentemente da motivação que esteja por detrás, à margem de qualquer condicionamento objetivo de carácter moral, religioso e ético. No centro está o bem pelo bem, o dever de fazer o bem, e, para tal, devo estar disposto a renunciar a princípios, a bem de um consenso mais amplo e ocasional, que é o que vem imposto pela necessidade de socorrer e ajudar o outro. Este tipo de misericórdia encontra-se relacionada com as anteriores e fica polarizada em torno de um aparente bem maior, que é esse consenso universal do bem. O valor concreto da pessoa acaba por se diluir, e o bem universal que se invoca não passa de algo demasiado abstrato e amorfo, incapaz de explicar e sustentar, em última análise, a misericórdia feita ao outro.

Por fim, a misericórdia espiritualista. Face aos sofrimentos, debilidades e necessidades alheias, recorre de maneira quase unilateral, como nas interpretações anteriores, aos meios exclusivamente religiosos, ou melhor, espirituais, esperando que os outros, menos espiritualistas, arranjem a solução. Certamente, o poder da oração é

insuspeitavelmente maior do que podemos intuir ou imaginar, quem sabe, maior que qualquer uma das nossas obras de misericórdia. Mas sabemos que o recurso ao “*ora*”, se não for acompanhado do “*labora*”, corre o perigo de se converter em espiritualidade desincarnada, porventura roçando um certo sonho romântico e narcisista, que está muito longe do que é a verdadeira espiritualidade cristã. Podemos dizer que por, detrás deste recurso único à oração, oculta-se uma grande emoção e uma grande e inoperante comodidade espiritual, que em muito se distancia da caridade cristã e da verdadeira oração.

Todas estas interpretações parciais têm em comum o facto de reduzir a misericórdia a uma experiência individual e subjetivista, desligada do valor da pessoa na sua integridade. Como podemos constatar, não é a emoção, a razão ou a espiritualidade que dão conta da verdade do amor que ilumina o verdadeiro significado da misericórdia cristã. Em Deus a misericórdia não se cinge ao sentimento ou à emoção, nem se esgota no campo da ação impelida pelo altruísmo ou por outras motivações humanitárias.

Precisamente para depurar os “*ismos*” do subjetivo ou objetivo; é necessário evitar a supressão da mediação do bem, reduzindo a misericórdia a um falso espiritualismo, ou suprimir a pessoa e reduzir a misericórdia ao fazer o bem pelo bem em si mesmo. O ato de misericórdia é sempre muito prático e operativo, mas sempre inseparável do dom do amor e da pessoa concreta.

2. Perspetivas filosóficas

No presente número, ao abordarmos o conceito de misericórdia (compaixão) no âmbito da filosofia demonstramos que se trata de uma realidade que não é do domínio

exclusivo da teologia. Procuramos indicar o contributo que a filosofia tem dado para que possamos perceber a misericórdia nos diferentes momentos da história do pensamento.

A filosofia oferece sólidos fundamentos éticos que contribuem para possibilitar uma visão mais alargada da misericórdia, enquanto elemento fundante do próprio sentido do humano. Com a ajuda de Walter Kasper¹⁰, verificamos que, embora não sejam sinónimos, a reflexão acerca da misericórdia encontra-se muitas vezes associada ao conceito de compaixão. Ao longo dos tempos e nas diferentes épocas, o compadecer-se do outro, bem como o perdão, foram entendidos de modo diverso e, por vezes, até contrário.

a. Um olhar filosófico negativo sobre a misericórdia

Walter Kasper diz-nos que a reflexão sobre a misericórdia vem desde a antiguidade, e que muitos eram os pensadores e filósofos, que a entendiam como uma fragilidade humana, que impedia a realização plena da razão e da justiça.

Para Platão, o agir compassivo ou misericordioso é substituído por uma conduta movida pela razão e pela justiça. A compaixão carrega consigo o risco de impedir o juiz de julgar o acusado de forma justa¹¹.

Na esteira de Platão, os pensadores estoicos, defendiam que o homem sábio é aquele que não se deixa perturbar pelos afetos, ou seja, que não é abalado perante o seu próprio destino ou o destino alheio, e luta pela apatia (*apátheia*); tudo o que fosse para além disso, seria uma debilidade da alma. A compaixão tratar-se-ia de um “desânimo irracional”¹².

¹⁰ W. KASPER, *A misericórdia - Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 33-47.

¹¹ Cf. *Ibidem*, 35.

¹² Cf. *Ibidem*.

No despontar da era moderna, encontramos filósofos que mostram resistência aos conceitos de misericórdia e de compaixão. Immanuel Kant (1724-1804) foi um crítico quanto às éticas universais fundadas em sentimentos como a compaixão e a misericórdia.

Na sua obra *Fundamentação da metafísica dos costumes*, Kant procura mostrar uma doutrina moral desligada das características empíricas. Desse modo os seus conceitos éticos têm como base conceitos práticos que podemos encontrar na razão humana: “Ora, a lei moral, na sua pureza e genuinidade (que é o que mais importa no domínio prático) não deve ser procurada em nenhum outro lugar senão numa filosofia pura”¹³. A razão na ética de Kant é o garante da moral. A razão e a moral andam juntas.

Immanuel Kant diz-nos que é por sermos seres racionais que temos a capacidade de agir moralmente e isso acontece porque temos leis que regulam a nossa acção, caso contrário seríamos como o comum dos animais. O homem não tem vontade divina, por isso necessita de leis que orientem a sua conduta, concretamente, “as imperfeições subjetivas” da vontade de um determinado indivíduo. Portanto, será através dos imperativos que se tornará possível exprimir “as relações objetivas do querer em geral com a imperfeição subjetiva da vontade deste ou daquele ser racional, por exemplo, da vontade humana”¹⁴.

O “querer em geral” ao qual se reporta Kant, só se estabelece como “querer moral”, quando é comandado pelo imperativo categórico: “O dever está situado (enquanto dever geral), antes de toda a experiência na ideia de uma razão determinante *a priori*”¹⁵. Assim sendo, estamos obrigados à observância normativa, ou seja, a sua validade já está posta *a priori*.

¹³ I. KANT, *Fundamentação da Metafísica dos costumes*, Trad. Paulo Quintela, Atlântida, Coimbra, 1960, 75.

¹⁴ *Ibidem*, 189.

¹⁵ *Ibidem*, 167.

Na ética kantiana os imperativos do dever representam a instância primeira e essencial da motivação e da obrigação da ação. Todas as ações assentes ou derivadas do afeto, são de rejeitar porque são originadas por impulsos ou sentimentos e não derivam de uma reflexão e aplicação da razão pura prática.

Em Kant, por meio do imperativo categórico, a ação moral torna-se um critério objetivo universal: o cumprimento do dever é o motor para o querer humano, e só assim aferimos tratar-se ou não de uma ação moral. “O que importa não é a ação que a gente vê, mas aqueles princípios íntimos da mesma que a gente não vê”¹⁶.

Ainda assim, Kant não põe de lado as ideias de compaixão e de misericórdia, pois, reconhece a sua importância enquanto pressuposto para que seja alcançada a meta da moral. A compaixão torna-se importante sob o ponto de vista da solidariedade. Movido por grande senso de realidade, como descreve Walter Kasper, o filósofo entendia essas questões como secundárias, mas não dispensáveis, pois eram sentimentos a cultivar por aqueles que tivessem uma participação ativa no destino de outros; tratar-se-ia de um dever indireto¹⁷.

Uma crítica à compaixão e à misericórdia de cariz muito diferente chega-nos de Friedrich Nietzsche (1844 – 1900). Diz-nos Walter Kasper:

“Este filósofo alemão contrapôs ao pensamento racional, que qualificou de apolíneo, o pensamento criador dionisíaco, que extravasava de toda a forma, o extático sentimento vital. [...] Nietzsche vê na compaixão um aumento de sofrimento. A misericórdia não é altruísmo, mas antes uma forma refinada de egoísmo e de deleite, visto que o misericordioso mostra e faz sentir, com desdém, ao pobre a sua superioridade”¹⁸.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 40.

¹⁸ *Ibidem*, 26.

Segundo Nietzsche, “a misericórdia tratar-se-ia de um ato de soberba da parte de quem é superior e está melhor, e de sujeição da parte de quem é miserável”¹⁹. Na sua obra *O Anticristo* afirma que “os fracos e malogrados devem morrer: primeiro princípio do nosso amor aos homens. E deve-se ajudá-los nisso. O que é mais nocivo que qualquer vício? A ativa compaixão por todos os malogrados e fracos – o cristianismo”²⁰.

A compaixão para Nietzsche, “na medida em que produz sofrimento, [...] é uma fraqueza como todo o abandono a um afeto que prejudica. Ela faz crescer o sofrimento do mundo; [...] é prejudicial”²¹.

b. Um olhar filosófico positivo sobre a misericórdia

No seguimento da exposição de Walter Kasper, aferimos que no limiar do século XX, o homem passa a ser percebido como um ser em relação, destacando-se assim a sua intersubjetividade²². De entre outros nomes, Kasper menciona o filósofo Max Scheler (1874 – 1928) que entende a compaixão como um fenómeno humano original. Scheler faz a distinção entre dois tipos de compaixão: o que passa apenas pelo contato sentimental, e uma outra forma mais autêntica, na medida em que esta revela uma relação pessoal com o sofrimento do outro, enquanto outro concreto. Na teoria de Scheler, existem leis que fundamentam a simpatia, que, em síntese, significa a participação mais ou menos voluntária na alegria ou na tristeza de outrem. Estas leis são as seguintes: primeira, a unificação afetiva é fundamento do sentir o mesmo que outro; segunda, o sentir o mesmo que outro é fundamento da simpatia; terceira, a simpatia é fundamento do

¹⁹ G. PAIVA, *Ética da Misericórdia: associações com a Psicologia*, *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, V. 37, 92, 1-10, 5, in <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94651818002>, acedido em 05/03/2019.

²⁰ F. NIETZSCHE, *O Anticristo*, Companhia das Letras, São Paulo, 2007, 11.

²¹ IDEM, *Aurora*, Companhia das Letras, São Paulo, 2004, 104.

²² Cf. W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 42.

amor ao ser humano e, finalmente, o amor ao ser humano é fundamento do amor à pessoa e a Deus. Scheler denomina esta última forma de amor de “acosmístico”²³.

Com a mesma positividade e olhar filosófico acerca da misericórdia ou compaixão, encontramos o pensamento de Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778) que defende a bondade originária do coração humano, o seu carácter compassivo, que se sente posto em causa pelo sofrimento alheio. Defende a existência de um sentimento inato de justiça no coração humano, que imediatamente nos faz por ao lado da vítima. A piedade é um princípio, uma disposição ou sentimento natural, que inspira uma repugnância instintiva e imediata ao ver o sofrimento de qualquer ser sensível, de modo especial, dos nossos semelhantes²⁴.

Segundo o pensamento de Rousseau, a piedade dita a máxima bondade natural; “faz o teu bem com o menor mal possível para o outro”²⁵. Para Rousseau, um indivíduo não está absolutamente desnaturalizado na medida em que conserve um resto de compaixão, e defende a importância de uma educação que tenha em conta as máximas da piedade, e que permita que essas disposições se cultivem e não se percam²⁶.

Na esteira de Rousseau, aparece-nos Artur Schopenhauer (1788 – 1860), que nos diz que a compaixão é o fundamento da moral. Se o egoísmo, muito presente na constituição do ser humano nos coloca no centro da nossa existência, a compaixão descentra-nos e faz com que o outro se converta no foco da atenção.

Quando me compadeço, identifico-me com o outro e suprimo, em certa medida, a barreira ou distância que o egoísmo natural estabelece entre os seres humanos. Por isso,

²³ Cf. M. SCHELER, *Essência y Formas de la Simpatía*, Losada, Buenos Aires, 2004, 127;136.

²⁴ E. RODRIGUES, “A compaixão (*Mitleid*) em Schopenhauer e a piedade (*pitié*) em Rousseau”, in A. CORREIA – V. DEBONA – R. TASSINARI (Org.s), *Hegel e Schopenhauer*, ANPOF (Associação Nacional de Pós graduação em Filosofia), São Paulo, 2017, 265.

²⁵ Cf. J. ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem e fundamentos da desigualdade entre os homens*, Europa-América, Lisboa, 1976, 79-80.

²⁶ E. RODRIGUES, “A compaixão (*Mitleid*) em Schopenhauer e a piedade (*pitié*) em Rousseau”, 271.

considera a compaixão como o fundamento das ações morais, o gérmen da virtude da generosidade ou da caridade. A clemência, o perdão, o responder ao mal com o bem, supõem, da parte daquele que assim procede, um reconhecimento da essência do ser humano, mesmo em situações que outros a possam ter ignorado.

Resumindo, para ambos, a compaixão tem uma dupla função: primeiro, travar a realização do mal; segundo levar a procurar o modo de como ajudar. Schopenhauer denominou o primeiro nível de “justiça”, cuja máxima é: “não fazer sofrer”, e o segundo caridade. Afirmo textualmente que “todo amor (*agapé, caritas*) é compaixão”; daí que seja o verdadeiro motor moral de uma eficácia real e ampla, que sem necessidade de conhecimentos abstratos, só intuitivos, permite reagir imediatamente ao sofrimento alheio. Para lá do seu ateísmo, Schopenhauer reconhece o papel positivo do cristianismo, ao propor a caridade como a principal virtude que deve ser aplicada mesmo para com o inimigo²⁷.

3. Perspetiva cristã

Situados na perspetiva da lógica do dom e da centralidade da pessoa, importa lembrar algumas notas que colocam a misericórdia num horizonte evangélico. Em primeiro lugar, a misericórdia é uma realidade eminentemente interpessoal, uma virtude própria das pessoas, porque o amor se dirige sempre à pessoa e requer, pelo menos, duas pessoas concretas.

A singularidade do homem define-se a partir do dom de si e da entrega mútua ao outro, pelo que o dinamismo próprio da misericórdia é também um dinamismo de amor, entendido como doação e entrega pessoal de si. Nesta perspetiva, o centro já não sou eu,

²⁷ Cf. A. SCHOPENHAUER, *Metafísica de las costumbres*. Trotta, Madrid, 2001, 25.

mas sempre o outro, e isto obriga-me a sair de mim mesmo e a entregar-me ao outro, segundo a verdade completa do que ele é. Assim, uma obra de misericórdia não se pode entender apenas como um facto isolado, pontual, ocasional e espontâneo.

A misericórdia cristã tem uma estrutura responsorial: não se limita a abraçar o culpado, a levantar o caído; antes, favorece e torna possível uma resposta livre do outro, no qual suscita o acolhimento do bem, para que a resposta gere na pessoa uma verdade: o saber-se pessoa. A misericórdia cristã é recíproca: é uma realidade generativa e biográfica, porque a minha entrega ao outro faz despertar nele a verdade do que ele é, uma criatura amada por si mesma. Simultaneamente, reafirma a verdade de que eu sou pessoa, isto é, criatura que se realiza no dom de si aos outros.

A misericórdia gera laços de comunhão que estão para lá do encontro ocasional ou pontual, o que sugere que a temporalidade pertence à verdade do amor e do dom: este torna-se mais verdadeiro e sincero quanto mais se estender no tempo.

A misericórdia assim vivida não tem a sua medida e origem no coração humano, mas é um dom de Deus dado ao homem. Este precede-o de maneira radical e originária, e capacita-o a ser também misericordioso para com os outros.

Os conceitos de misericórdia e compaixão têm na sua essência o mesmo pendor, na medida em que há uma atitude que leva à superação do “eu” face ao sofrimento e padecimento alheios. Na Sagrada Escritura, vemos como Deus tem, de modo perene, esta atitude de compaixão para com o homem em situações de precariedade, que põem em causa a dignidade da sua existência.

A misericórdia não é apenas uma categoria que fica enclausurada nos muros da religião ou da teologia, mas também um conceito que desperta o interesse de filósofos e de outros estudiosos das ciências sociais, cujo labor ilumina a noção cristã de misericórdia.

Na etimologia da palavra misericórdia, está o verbo “*miserere*” (compadecer-se), mais concretamente, o adjetivo “*miser*” (desgraçado, digno de compaixão) e inclui ainda o termo “*cordis*”, que significa coração, o mesmo é dizer, a sede dos sentimentos e das emoções, o lugar espiritual onde se tece e une toda a trama afetiva da pessoa. Por último, o sufixo “*ia*” indica qualidade ou virtude. Poderíamos então dizer que a misericórdia é uma qualidade que traduz o ter o coração com os desventurados²⁸.

A misericórdia manifesta-se como compaixão, como a arte de saber sofrer com o outro, passar pelo mesmo sofrimento. Neste sentido, a misericórdia e a compaixão andam de mãos dadas, estão irmanadas espiritualmente nesse centro afetivo da pessoa que é o coração.

A misericórdia é uma experiência que envolve a totalidade da pessoa, tanto daquela que se compadece, como daquela que sofre, assumindo assim um caráter verdadeiramente pessoal; nisso encontramos a sua chave hermenêutica. A misericórdia é uma virtude e uma qualidade especificamente humana. A experiência da misericórdia está fortemente unida à dimensão afetiva, pois, como indica a sua etimologia, trata-se de uma qualidade que nasce no coração da pessoa. Os verdadeiros afetos, que se deixam atrair pela beleza do bem, são sempre tremendamente operativos e práticos, ao ponto de se converterem na força e no pilar do dom de si ao outro e disso trataremos em capítulos subsequentes.

²⁸ Cf. C. ALONSO, *La maternidad divina de María, paradigma de la misericordia cristiana in Iglesia y Familia*, 1.

CAPÍTULO II

VOCABULÁRIO BÍBLICO DA MISERICÓRDIA

Sendo o conceito de misericórdia poliédrico, importa perceber o seu significado dentro do contexto bíblico. A palavra “misericórdia” traduz diferentemente vocábulos hebraicos como gregos. Embora muitas vezes se apresentem como sinónimos, têm um significado próprio e com diversos matizes; é, pois, necessário partir das línguas originais para obter uma compreensão completa e exata desses termos.

Conscientes da interdependência entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, parece-nos pertinente olhar para a forma como esta palavra foi usada, para melhor se compreender a continuidade e novidade do seu sentido.

1. Antigo Testamento

Se olharmos para as raízes hebraicas e gregas das quais deriva o conceito de misericórdia, não podemos ficar indiferentes à riqueza e significado teológico que lhes subjazem e que foram, tantas vezes, traídos e negligenciados²⁹.

²⁹ Cf. T. KOEHLER, “Miséricorde”, in M.VILLER, – F.CAVALLERA, – J.GUIBERT, – A.RAYEZ, – A.DERVILLE, – P.LAMARCHE, – A.SOLIGNAC (Orgs), *Dictionnaire de Spiritualité*, X, Beauchesne, Paris, 1980, 1314.

Em face da grande riqueza e variedade ao nível de sufixos e formas verbais da língua hebraica, impõe-se que, para uma melhor compreensão dos matizes e afinidades entre os diversos termos, nos detenhamos na apreciação etimológica das palavras que se destacam pela frequência com que aparecem nos textos da Sagrada Escritura e que são: *Ḥesed* (fidelidade de Deus a si próprio manifestada no amor para com o povo) e *Rah^amim* (misericórdia divina tida como amor materno)³⁰.

a. *Ḥesed* (חֶסֶד)

O termo *ḥesed* tem de ser considerado dentro do seu campo semântico que remete a três raízes: *râham*, *hânan* e *hâsad*. Estas, em conjunto, surgem trezentas e sessenta e nove vezes no Antigo Testamento, sem considerar os textos que não correspondem ao original hebraico³¹. Temos ainda de considerar os termos hebraicos *hus*, que exprime piedade e compaixão, e *‘emet* que significa segurança, estar seguro, fidelidade.

Ḥesed é ordinariamente traduzido para o grego por *ελεος* e na “Vulgata por *miser cordia, miseratio*”³². O seu significado estende-se a um vasto campo semântico: piedade, amor, favor, graça, bondade, benevolência. É, inclusive, resposta a um dever interior, fidelidade para consigo mesmo³³. Daqui recebe a misericórdia uma base sólida, pois deixa de ser apenas um eco de bondade, que pode equivocar-se acerca do seu objeto ou da sua natureza, tornando-se numa benevolência consciente e voluntária.

³⁰ Cf. J. MCKENZIE, “Misericórdia” in *Dicionário Bíblico*, 3ªEd., Paulinas, São Paulo, 1983, 614.

³¹ Cf. D. CERBELAUD, “Misericórdia”. in J. YVES LACOSTE, *Dicionário Crítico de Teologia*, Loyola, São Paulo, 2004, 1150.

³² H. LESÉTRE, “Misericorde”, in F. VIGOUROUX (Org) , *Dictionnaire de la Bible*, 12ªEd., T. IV, Letouzey et Ané Éditeurs, 1912, 1131.

³³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, in X. LÉON-DUFOUR (Org) , *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petropolis, 1972, 594.

No Antigo Testamento, o vocábulo *hesed* aparece duzentas e quarenta e cinco vezes³⁴ e não designa, de modo geral, uma amabilidade espontânea e imotivada, indica antes “um comportamento do homem ou de Deus, inspirado por uma relação de reciprocidade. Implica um doador e um recetor, alguém que dá e um outro que recebe”³⁵, ou seja, tem a sua raiz numa convenção, aliança ou pacto. Assim, a misericórdia denota claramente uma dimensão social e é aplicada na esfera das relações humanas. O *hesed* é nuclear nos laços entre pessoas (parentesco, matrimónio, amizade, contratos) e espera-se que seja praticado, trata-se de direitos e deveres; daí a frequente combinação com *emet* (fidelidade), *sedaqah* (justiça) e *mishpat* (direito)³⁶.

Hesed alude às boas relações entre as pessoas, como, graça, agradecimento de um superior para um súbdito, amor, fidelidade e também misericórdia quando o outro precisa de ajuda. “Abrange para além do querer bem, a sua manifestação, o fazer bem, daí a expressão muito frequente: *asah hesed* = *πολειν ελεος*”³⁷, que na linguagem do Papa Francisco se diz “misericordiar”. *Hesed* refere-se a uma ação concreta³⁸.

Num âmbito mais íntimo, *hesed* manifesta-se na ajuda ou num gesto de bondade para com um familiar ou amigo. Quando essa ação é tida entre pessoas com pouca intimidade, surge como um gesto imprevisto que é motivado pelo sofrimento do outro. *Hesed* assume um traço “particularmente denso de afeto” (DM 6).

³⁴ Estas referências a *hesed* aparecem “distribuídas da seguinte forma: Sl - 127 vezes; 2Sm – 12 vezes; Gn- 11 vezes; Pr e 2Cr – 10 vezes; Is – 8 vezes; Jr e Os – 6 vezes; 1Rs, Ne, 1Cr – 5 vezes; Ex, 1Sm – 4 vezes; Dt, Js, Mq, Job, Rt, Esd – 3 vezes; Nm, Jz, Jn, Lm, Est, Dt – 2 vezes; Jl, e Zc – 1 vez” in E. JENNI, *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*, com a colaboração de C. WESTERMANN, T. I, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976, 833.

³⁵ R. BULTMANN, “Eleos”, in G. KITTEL, G. FRIEDRICH (Orgs) , *Grande Léxico del Nuevo Testamento*, Vol. III, Paideia, Brescia, 1965, 403.

³⁶ Cf. V. SCHAİK, “Misericórdia”, in A. BORN (Org) , *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Editora Vozes Lda, Petrópolis, em coedição com Centro do Livro Brasileiro Lda., Lisboa/Porto, 1971, 994.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ Cf. I. BROER, “Misericórdia”, in M. SALAS (Org) , *Diccionario Enciclopédico de Exegesis y Teología Bíblica*, T.II, Herder, Barcelona, 2011,1087.

No campo do religioso, a inflexibilidade normativa desvanece-se e ganha destaque a graça e misericórdia divinas³⁹. Deus, que é bondoso e misericordioso, está sempre disposto a perdoar. A bondade de Deus e a sua misericórdia para com a humanidade não estão associadas a nenhum preceito legal que decorra da Aliança. Elas são-lhe primárias, ou seja, a Aliança tem como fundamento a bondade e misericórdia de Deus e, por isso, é eterna e inviolável.

O conceito de *hesed* é usado para “indicar a conduta de Deus para com o homem necessitado”⁴⁰. A libertação do povo hebreu do jugo dos egípcios (Ex 3, 6-7) é manifestação e sinal da compaixão e misericórdia de Deus, o que é percebido claramente, como podemos ver nas palavras do profeta Isaías:

“Vou recordar as misericórdias (חַסְדֵי יְהוָה) do Senhor, os seus feitos gloriosos, tudo quanto fez por nós o Senhor, toda a sua bondade para com o povo de Israel, tudo o que fez por eles na sua benignidade, e com a sua imensa bondade. Ele disse: «Verdadeiramente este é o meu povo, filhos que não me renegarão». E foi para eles um salvador. Em todas as suas aflições, não foi um mensageiro nem um enviado que os redimiu, mas foi Ele em pessoa. Com o seu amor e ternura livrou-os do perigo, sustentou-os e amparou-os constantemente nos tempos antigos” (Is 63, 7-9).

A fidelidade de Deus surge sempre no contexto da Aliança⁴¹ que celebrou com o seu povo. Toda a *Historia Salutis* tem como pano de fundo este amor que é mais forte que a traição. Deus, perante a infidelidade do povo, responde com amor e compaixão. Trata-se de uma qualidade transcendental, absolutamente gratuita que nada espera em troca, mas que gera surpresa naqueles que se deixam tocar por este ágape divino pois, como canta o salmista, a misericórdia de Deus é eterna (Sl 135).

³⁹ Cf. H.-J. ZOBEL, “*hesed*”, in G. BOTTERWECK (Org), *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. V, Grand Rapids, Michigan, 1986, 63.

⁴⁰ V. SCHAIK, “Misericórdia”, in A. BORN (Org), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 994.

⁴¹ Cf. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dives in Misericórdia*, 3ªEd., A.O., Braga, 1981, nota 52.

A misericórdia é esta ação concreta do amor e do perdão que transforma a vida. É assim que se manifesta o mistério divino. Deus é misericordioso e cuida, de geração em geração, de todos aqueles que n'Ele colocam a sua confiança, dando-lhes a Sua própria vida (DM 2). *Hesed* é primariamente “o ato, a prova de fidelidade que salva e não um estado de alma ou de espírito”⁴².

O vocábulo *hesed* assinala a fidelidade que Deus manifesta a si próprio e o amor para com o povo, sendo este o nome pelo qual Deus será conhecido pelas gerações.

A misericórdia de Deus manifesta-se em cada página do Antigo Testamento. No entanto, é no Livro do Êxodo que isso é expresso de modo singular. Este texto é considerado pelos exegetas como aquele que melhor nos define Javé (*YHWH*):

“O Senhor desceu na nuvem e, passando junto dele, pronunciou o nome do Senhor. O Senhor passou em frente dele e exclamou: «SENHOR! SENHOR! Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade, que mantém a sua graça até à milésima geração, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não declara inocente o culpado e pune o crime dos pais nos filhos, e nos filhos dos seus filhos até à terceira e à quarta geração»” (Ex 34, 5-7).

Estes versículos apresentam-se como uma chave teológica e sugerem-nos como que uma profissão de fé. Deus diz por duas vezes o seu nome e associado a este, seguem-se uma série de atributos. Deus apresenta-se como misericordioso e fiel. Na Sagrada Escritura esta formulação é retomada, totalmente ou em parte, em outros textos do Antigo Testamento (Jl 2, 13; Jb 4, 2; Sl 86, 15; 103, 8; 145, 8; Ne 9, 17).

Por outras palavras, é destacada no Livro do Êxodo a misericórdia divina e não o castigo: a misericórdia de Deus, que se estende a mil gerações, contrasta com o castigo que pode chegar à terceira e quarta geração – a Sua bondade e amor são ilimitados (Ex

⁴² R. BULTMANN, “Eleos”, in G. KITTEL, G. FRIEDRICH (Orgs) , *Grande Léxico del Nuovo Testamento*, 406.

34, 5-7). A glória de Deus é a vida do homem⁴³, uma vida em comunhão com o seu Senhor, em que o amor de Deus se traduz na sua compaixão que é eterna. Deus determinou-se pela salvação do homem, pelo que essa sua vontade sobrepõe-se à justiça retributiva do “olho por olho e dente por dente” (Ex 21,24). A vontade salvífica de Deus é anterior a qualquer vontade ou mérito humano; por outras palavras, o *hesed* divino é a antecipação de Deus em prol da salvação do homem.

Os profetas são os arautos que dão voz à misericórdia divina. Eles incitam o povo a ter presente a Aliança na sua vida; movem-no ao arrependimento e impelem-no à conversão ao único Deus vivo e verdadeiro, que é um Deus de amor e eternamente misericordioso.

Joel anuncia que Deus é “clemente e compassivo, paciente e rico em misericórdia (רַחֻם-חַסְדִּים) e exorta o povo a uma conversão interior e não exterior (Jl 2, 13).

Jeremias torna manifesta a predileção de Deus pelo Seu povo, evidenciando que se trata de um amor eterno; daí, a sua misericórdia (רַחֻם) ser sem medida (Jr 31, 3).

Oseias para falar da Aliança recorre à metáfora do casamento e, desse modo, põe em evidência a infidelidade do povo, ressaltando em alto grau a misericórdia divina. O povo é comparado a uma prostituta que viola constantemente a Aliança e em face disso o profeta anuncia que Deus deixou de ter compaixão do seu povo. (Os 1, 6). O povo, por causa da sua iniquidade, era merecedor e legitimava que Deus o repudiasse e castigasse; contudo, a Sua misericórdia vence a justiça.

O ser humano nunca conseguirá retribuir a Deus o Seu amor e a Sua bondade. Essa benevolência divina que atua na perfeita gratuidade, deve servir como ponto de reflexão ao homem e induzi-lo a usar dos mesmos sentimentos nas relações com o seu

⁴³ Cf. IRENEU DE LIÃO: *Contra os hereges*, Livro IV, Paulus, São Paulo, 1995, 20, 7.

semelhante e, deste modo, espelhar a misericórdia que experimentou da parte de Deus (Mq 6,8; Zc 7, 9-10).

O conceito da misericórdia de Deus é-nos apresentado no Antigo Testamento de modo exaustivo e a sua imensidão é cantada pelo salmista de um modo único. A linguagem da fé (presente nos salmos) expressa que “o Senhor é misericordioso (רַחֵם) e compassivo, é paciente e cheio de amor (רַחֵם רַב־יָ)” (Sl 103,8). O salmista maravilha-se com o excesso da misericórdia de Deus que, pela sua transcendência e concomitante proximidade, é capaz de ultrapassar todo o mal⁴⁴. O homem peca e Deus, como Pai, está sempre pronto a perdoar. Com as suas limitações bem presentes, o homem vira-se para Deus e clama pela sua misericórdia⁴⁵.

O salmista reconhece a bondade do Senhor e rende-lhe ação de graças pelo Seu amor misericordioso⁴⁶. A misericórdia faz parte da essência mais íntima de Deus e é expressa como graça (*hen*)⁴⁷. É neste dinamismo que o homem acolhe a paternidade divina e se reconhece carente do seu Senhor.

b. *Rah^amim* (רַחֲמִים)

O segundo vocábulo que, na terminologia do Antigo Testamento, define a misericórdia é *rah^amim*.

⁴⁴ “Como é grande a distância dos céus à terra, assim são grandes os seus favores para os que O temem. Como o Oriente está afastado do Ocidente, assim Ele afasta de nós os nossos pecados” (Sl 103, 11-12).

⁴⁵ “Tem compaixão de mim, ó Deus, pela tua bondade; pela tua grande misericórdia, apaga o meu pecado”. (Sl 51, 3).

⁴⁶ “Hei-de cantar para sempre a misericórdia do Senhor; a todas as gerações anunciarei a sua fidelidade”. (Sl 89, 2).

⁴⁷ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, in X. LÉON-DUFOUR (Org) , *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1972, 766.

Segundo Walter Kasper, a compaixão e a misericórdia são expressas no termo *rah^amim*, substantivo plural de *reḥem*. Alude ao seio materno, às entranhas humanas que, na Bíblia, são tidas como a sede dos sentimentos⁴⁸.

Rah^amim (רַחֲמִים) indica, na origem, o lugar de onde provém a vida. Em sentido próprio, designa as vísceras, as entranhas, e em sentido metafórico é usado para expressar o apego instintivo de um ser a outro⁴⁹. É o carinho ou a ternura que de imediato se traduzem em atos, atos de compaixão por ocasião de uma situação trágica ou como perdão das ofensas. É um sentimento íntimo, profundo e amoroso que liga duas pessoas por laços de sangue ou de coração, como a mãe ou pai com o seu próprio filho, ou um irmão com outro.

A grande variedade de significados não impossibilita circunscrever o conceito bíblico de misericórdia àquela ternura que Deus manifesta em face da miséria humana e que o homem é convidado a repetir nas relações com o próximo.

Esta percepção da misericórdia como *rah^amim*, como um amor que perdoa e cura as feridas mais profundas do coração do homem, podemos experimentá-la no sacramento da reconciliação. Aí exprime-se de modo particular esta relação de amor e perdão que Deus estabelece com o pecador arrependido.

O matiz de *rah^amim* é um pouco diverso do significado de *ḥesed*. Enquanto *ḥesed* acentua as características da fidelidade para consigo mesmo e da responsabilidade pelo próprio amor (que são características em certo sentido masculinas), *rah^amim*, já pela própria raiz, denota o amor da mãe (*reḥem* = seio materno). O termo *ḥesed* apresenta uma aparência masculina e o termo *rah^amim* uma grandeza feminina, na medida em que este

⁴⁸ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 58.

⁴⁹ Cf. X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, in X. LÉON-DUFOUR (Org) , *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petrópolis, 1972, 594.

último destaca um envolvimento de caráter mais afetivo e emocional. Estamos diretamente ligados àquilo a que podemos chamar *pathos* divino⁵⁰.

Na antropologia semita, este sentimento íntimo e profundo de amor e de compaixão está localizado nas vísceras, no seio materno e no útero (1Re 3,26), hodiernamente diríamos o coração (לב – *léb*). Compreende-se então que o arquétipo da misericórdia é o instinto materno. Este amor, fiel e invencível graças à força misteriosa da maternidade, é expresso nos textos do Antigo Testamento como salvação dos perigos, especialmente dos inimigos, como perdão dos pecados em relação aos indivíduos e também a todo o povo de Israel e como prontidão em satisfazer a promessa e a esperança (escatológicas), não obstante a infidelidade humana, conforme lemos em Oseias: “curarei a sua infidelidade, amá-los-ei de todo o coração, porque a minha cólera se afastou deles” (Os 14,5).

Na Sagrada Escritura vemos como a comoção, o sofrimento, a angústia são sentimentos próprios do homem e têm origem nas vísceras do ser humano. Ilustrativo é o caso de José que, ao ver o seu irmão Benjamim, se emocionou de forma profunda (nas suas vísceras רַחֵם יְיָ) “e tinha necessidade de chorar; [por isso] entrou no seu aposento e chorou” (Gn 43, 30). No Cântico dos Cânticos a esposa, ao ouvir o amado que se aproximava do lugar onde estava, exclama: “meu amado passou a sua mão pela fresta e as minhas entranhas (וַיִּמְצָא) estremeceram por ele” (Ct 5, 4).

Deus é semelhante a um pai ou a uma mãe que se compadece dos seus filhos até ao “mais íntimo das suas vísceras” (MV 6). O Papa João Paulo I diz-nos isso mesmo:

“Somos objeto, da parte de Deus, dum amor que não se apaga. Sabemos que tem os olhos sempre abertos para nos ver, mesmo quando parece que é de noite. Ele é pai; mais ainda,

⁵⁰ Cf. J. MCKENZIE, “Misericórdia”, in *Dicionário Bíblico*, Paulinas, São Paulo, 1983, 617.

é mãe. Não quer fazer-nos mal, só nos quer fazer bem, a todos. Os filhos, se por acaso estão doentes, possuem um título a mais para serem amados pela mãe”⁵¹.

A grandeza e transcendência de Deus manifestam-se na misericórdia, no entanto, esta é simultaneamente reveladora da Sua humanidade, assumida em Jesus Cristo: um Deus que sofre e que se faz próximo daquele que sofre, de um modo muito particular, por meio de Cristo.

No Antigo Testamento os profetas refletem de modo particular esta dimensão de Deus. O profeta Isaías faz ressaltar que, se acaso uma mulher se pudesse esquecer do seu filho ou de mostrar carinho (מֵרֶחֶם) pelo fruto das suas entranhas, Deus nunca se esqueceria dele (Is 49,15-16). Por outro lado, diz a Deus:

“Lá do alto dos céus, repara, e contempla da tua santa e gloriosa morada. Onde estão o teu zelo e a tua valentia? Onde está a emoção das tuas entranhas? Já se esgotou a tua compaixão lá do alto dos céus, repara, e contempla da tua santa e gloriosa morada. Onde estão o teu zelo e a tua valentia? Onde está a emoção das tuas entranhas? Já se esgotaram as tuas ternuras (רַחֲמֶיךָ) para comigo? Mas Tu és o nosso pai! (...) Só Tu, Senhor, és o nosso pai, e o teu nome, desde sempre, é «Redentor-nosso»” (Is 63, 15-16).

No profeta Oseias podemos ler:

“Quando Israel era ainda menino, Eu amei-o, e chamei do Egito o meu filho. [...] Entretanto, Eu ensinava Efraim a andar, trazia-o nos meus braços, mas não reconheceram que era Eu quem cuidava deles. Segurava-os com laços humanos, com laços de amor, fui para eles como os que levantam uma criancinha contra o seu rosto; inclinei-me para ele para lhe dar de comer. [...] Como poderia abandonar-te, ó Efraim? Entregar-te, ó Israel? [...] O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas (יְרוּמָם)” (Os 11, 1.3.4.7-8).

⁵¹ Cf. JOÃO PAULO I, *Angelus Domini*, Domingo, 10 de Setembro de 1978, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf_jp-i_ang_10091978.html, acedido em 18/02/2019.

Do mesmo modo os Salmos rezam este conceito da compaixão maternal/paternal de Deus: “Como um pai se compadece dos filhos, assim o Senhor se compadece dos que O temem” (Sl 103, 12-13).

No pensamento semita, em particular no hebreu, o amor não se refere tanto aos sentimentos íntimos de uma pessoa para com outra; antes, faz destacar a execução de atos de bondade de um para com o outro.

Como podemos verificar, os termos *hesed* e *rah^amim* são multifacetados. A sua abordagem, sendo feita de várias perspectivas, não perde a riqueza semântica que permite perceber este movimento natural de Deus que não pode deixar de amar. Tais termos dizem, quase de modo completo, aquilo que estes vocábulos traduzem na sua raiz: um amor eterno, incondicional, sem medidas.

2. Novo Testamento

No grego não há um termo único que nos diga o que é a misericórdia⁵². A palavra misericórdia em português traduz três substantivos gregos utilizados no Novo Testamento: ἔλεος (*éleos*), Οἰκτιρμός (*oiktirmós*), e Σπλάγχνα (*splagnchna*). De seguida analisaremos cada um destes termos, assim como a sua grandeza semântica, nos respetivos textos bíblicos.

⁵² Cf. G. MOREIRA, *Compaixão-Misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*, Paulinas, São Paulo 1996, 42-50.

a. Ἔλεος e os seus derivados

O substantivo Ἔλεος surge vinte e sete vezes no Novo Testamento e pode traduzir-se por misericórdia, compaixão ou piedade⁵³.

Na Sagrada Escritura podemos encontrar outras palavras que têm a sua raiz neste vocábulo⁵⁴, nomeadamente:

Duas formas verbais	ἐλεάω (éleao) ou ἐλεέω (éleeo)	Rm 9, 16	“Portanto, isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus que é misericordioso” ⁵⁵ .
	(compadecer-se, ter misericórdia ou apiedar-se)	Jd 1, 22-23	“Tratai com misericórdia aqueles que vacilam; a uns, procurai salvá-los, arrancando-os do fogo; a outros, tratai-os com misericórdia, mas com cautela, detestando até a túnica contaminada pelo seu corpo.” ⁵⁶ .

Adjetivo	ἐλεήμων (eleēmōn) é usado para definir o sujeito que é misericordioso ou compassivo	Mt 5, 7	“Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” ⁵⁷ .
		Hb 2,17	“Por isso, Ele teve de assemelhar-se em tudo aos seus irmãos, para se tornar um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel em relação a Deus, a fim de expiar os pecados do povo” ⁵⁸ .
	‘ελεινος (evleeino,ō) quando se faz referência a uma situação lastimável ou digna de lamento	1Cor 15, 9	“É que eu sou o menor dos apóstolos, nem sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus” ⁵⁹ .
		Ap 3,17	“Porque dizes: ‘Sou rico, enriqueci e nada me falta’ - e não te dás conta de que és um infeliz, um miserável, um pobre, um cego, um nu” ⁶⁰ .

⁵³ Cf. F. STAUDINGER, “Eleos”, in H. BALZ – G. SCHNEIDER (Orgs), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento I*, Sígueme, Salamanca, 1996, 1311.

⁵⁴ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, in L. COENEN – E. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Vol III, Sígueme, Salamanca, 1983, 99.

⁵⁵ “ἄρα οὖν οὐ τοῦ θέλοντος οὐδὲ τοῦ τρέχοντος, ἀλλὰ τοῦ ἐλεῶντος Θεοῦ”. A tradução do português para o grego foi feita com recurso ao *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*, V.SHOLZ – R. BRATCHER, Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 2016.

⁵⁶ “καὶ οὓς μὲν ἐλεᾶτε διακρινόμενους σφίζετε ἐκ πυρὸς ἀρπάζοντες, οὓς δὲ ἐλεᾶτε ἐν φόβῳ, μισοῦντες καὶ τὸν ἀπὸ τῆς σαρκὸς ἐσπιλωμένον χιτῶνα.”.

⁵⁷ “μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.”.

⁵⁸ “ὅθεν ᾤφειλεν κατὰ πάντα τοῖς ἀδελφοῖς ὁμοιωθῆναι, ἵνα ἐλεήμων γένηται καὶ πιστὸς ἀρχιερεὺς τὰ πρὸς τὸν Θεόν, εἰς τὸ ἰλάσκεσθαι τὰς ἁμαρτίας τοῦ λαοῦ.”.

⁵⁹ “ἐγὼ γάρ εἰμι ὁ ἐλάχιστος τῶν ἀποστόλων, ὃς οὐκ εἰμὶ ἰκανὸς καλεῖσθαι ἀπόστολος, διότι ἐδίωξα τὴν ἐκκλησίαν τοῦ θεοῦ.”.

⁶⁰ “ὅτι λέγεις ὅτι Πλούσιός εἰμι καὶ πεπλούτηκα καὶ οὐδὲν χρεῖαν ἔχω, καὶ οὐκ οἶδας ὅτι σὺ εἶ ὁ ταλαίπωρος καὶ ἐλεινὸς καὶ πτωχὸς καὶ τυφλὸς καὶ γυμνός (...).”.

Substantivo	<i>ἐλεημοσύνη</i> (evlehmosu, nh) assume o significado de esmola ou beneficência	Mt 6, 1-4	“Quando, pois, deres esmola, não permitas que toquem trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem louvados pelos homens. Em verdade vos digo: Já receberam a sua recompensa. Quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua direita, a fim de que a tua esmola permaneça em segredo; e teu Pai, que vê o oculto, há-de premiar-te” ⁶¹ .
		Lc 11,41	«Antes, dai esmola do que possúis, e para vós tudo ficará limpo» ⁶² .

b. *Οἰκτιρμός* e os seus derivados

O termo *Οἰκτιρμός* (oiktirmós), tal como o anterior, pode traduzir-se por compaixão, piedade ou misericórdia⁶³. Este substantivo aparece quatro vezes nas Cartas Paulinas e uma na Carta aos Hebreus⁶⁴.

⁶¹ “οὐκ ποιῆς ἐλεημοσύνην, μὴ σαλπίσης ἔμπροσθέν σου, ὥσπερ οἱ ὑποκριταὶ ποιοῦσιν ἐν ταῖς συναγωγαῖς καὶ ἐν ταῖς ρύμαις, ὅπως δοξασθῶσιν ὑπὸ τῶν ἀνθρώπων· ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἀπέχουσιν τὸν μισθὸν αὐτῶν. σοῦ δὲ ποιῶντος ἐλεημοσύνην μὴ γνώτω ἡ ἀριστερά σου τί ποιεῖ ἡ δεξιὰ σου, ὅπως ἦ σου ἡ ἐλεημοσύνη ἐν τῷ κρυπτῷ· καὶ ὁ Πατήρ σου ὁ βλέπων ἐν τῷ κρυπτῷ ἀποδώσει σοι.”

⁶² “πλὴν τὰ ἐνόητα δότε ἐλεημοσύνην, καὶ ἰδοὺ πάντα καθαρὰ ὑμῖν ἐστίν”.

⁶³ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, 102.

⁶⁴ “Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τῶν οἰκτιρμῶν τοῦ Θεοῦ (...)” (Rm12,1); «Εὐλογητὸς ὁ Θεὸς καὶ Πατὴρ τοῦ Κυρίου ἡμῶν Ἰησοῦ Χριστοῦ, ὁ Πατὴρ τῶν οἰκτιρμῶν καὶ Θεὸς πάσης παρακλήσεως (...)” (2Cor 1-3); “Ἐἴ τις οὖν παράκλησις ἐν Χριστῷ, εἴ τι παραμύθιον ἀγάπης, εἴ τις κοινωνία Πνεύματος, εἴ τις σπλάγχνα καὶ οἰκτιρμοί, (...)” (Fl 2,1); «Ἐνδύσασθε οὖν, ὡς ἐκλεκτοὶ τοῦ Θεοῦ ἅγιοι καὶ ἡγαπημένοι, σπλάγχνα οἰκτιμοῦ, χρηστότητα, ταπεινοφροσύνην, πραῦτητα, μακροθυμίαν (...)” (Cl 3,12); “ἀθετήσας τις νόμον Μωϋσέως χωρὶς οἰκτιρμῶν ἐπὶ δυσὶν ἢ τρισὶν μάρτυσιν ἀποθνήσκει.” (Heb 10,28).

Na Sagrada Escritura encontramos termos que têm a sua raiz no vocábulo em estudo⁶⁵:

Adjetivo	<i>οἰκτίρμων</i> (oiktirmōn) misericordioso ou compassivo	Lc 6,36	“Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” ⁶⁶ .
		Tg 5,11	“Vede como nós proclamamos bem-aventurados aqueles que sofreram com paciência; ouvistes falar da paciência de Job e vistes o resultado que o Senhor lhe concedeu; porque o Senhor é cheio de misericórdia e compassivo.” ⁶⁷ .

Verbo	<i>οἰκτιρήσω</i> (oiktirēsō) ter compaixão, compadecer-se ou apiedar-se, tanto no aspeto de mero sentimento como no da misericórdia solícita e prática.	Rm 9, 15	“É a Moisés que Ele o diz: «Usarei de misericórdia com quem me decido a ser misericordioso, e terei compaixão de quem me quero compadecer»” ⁶⁸ .
-------	---	----------	---

c. *Σπλάγχνα* e os seus derivados

Σπλάγχνα (splagnchna) pode significar, coração, compaixão, amor, ternura, entranhas. Em Homero (séc. VIII a.C.) esta palavra era usada quando este se queria referir às entranhas do animal que era dado em sacrificio (coração, pulmões, fígado). A partir do século V a.C., essa palavra quando usada fazia referência às entranhas humanas, nomeadamente, os órgãos sexuais do homem ou ventre da mulher. Posteriormente, o seu sentido passa a ser figurado e assume o significado de coração, afeto ou amor e daí nos vem o sentido de compaixão, ternura⁶⁹.

⁶⁵ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, 103.

⁶⁶ “Γίνεσθε οἰκτίρμονες, καθὼς ὁ Πατὴρ ὑμῶν οἰκτίρμων ἐστίν”.

⁶⁷ “ἰδοὺ μακαρίζομεν τοὺς ὑπομείναντας· τὴν ὑπομονὴν Ἰὼβ ἠκούσατε, καὶ τὸ τέλος Κυρίου εἶδετε, ὅτι πολὺσπλαγγνός ἐστιν ὁ Κύριος καὶ οἰκτίρμων”.

⁶⁸ “τῷ Μωϋσεὶ γὰρ λέγει Ἐλεήσω ὃν ἂν ἐλεῶ, καὶ οἰκτειρήσω ὃν ἂν οἰκτείρω”.

⁶⁹ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, 103.

Esta palavra aparece doze vezes nos Evangelhos Sinópticos e denota a atitude de Jesus que se comove em face da miséria humana e que o impele a curar ou socorrer o que sofre⁷⁰:

Verbo	σπλαγχνίζομαι (<i>splagnchnizomai</i>)	Mc 1, 41	“Compadecido, Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: «Quero, fica purificado.» ⁷¹ .
		Mc 9, 22	“...e muitas vezes o tem lançado ao fogo e à água, para o matar. Mas, se podes alguma coisa, socorre-nos, tem compaixão de nós” ⁷² .
		Mt 20, 34	“Dominado pela compaixão, Jesus tocou-lhes nos olhos. Imediatamente recuperaram a vista e seguiram-no» ⁷³ .
		Lc 7, 13	“Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: «Não chores.» ⁷⁴ .

A palavra *splagnchna* consta das três parábolas ditas da misericórdia, demonstrando a compaixão e amor de Deus ou da pessoa que age retamente para com o miserável⁷⁵:

A parábola do Pai misericordioso	Lc 15, 20	“... Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos” ⁷⁶ .
----------------------------------	-----------	--

⁷⁰ Cf. *Ibidem*.

⁷¹ “καὶ σπλαγχνισθεὶς ἐκτείνας τὴν χεῖρα αὐτοῦ ἤψατο καὶ λέγει αὐτῷ Θέλω, καθαρῶς ἵσθαι”.

⁷² “καὶ πολλάκις καὶ εἰς πῦρ αὐτὸν ἔβαλεν καὶ εἰς ὕδατα ἵνα ἀπολέσῃ αὐτόν· ἀλλ’ εἴ τι δύνῃ, βοήθησον ἡμῖν σπλαγχνισθεὶς ἐφ’ ἡμᾶς”.

⁷³ “σπλαγχνισθεὶς δὲ ὁ Ἰησοῦς ἤψατο τῶν ὀμμάτων αὐτῶν, καὶ εὐθέως ἀνέβλεψαν καὶ ἠκολούθησαν αὐτῷ”.

⁷⁴ “καὶ ἰδὼν αὐτὴν ὁ Κύριος ἐσπλαγχνίσθη ἐπ’ αὐτῇ καὶ εἶπεν αὐτῇ Μὴ κλαῖε”.

⁷⁵ Cf. H.-H. ESSER, “Misericórdia”, 103.

⁷⁶ “ἔτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος εἶδεν αὐτόν ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγχνίσθη, καὶ δραμὼν ἐπέπεσεν ἐπὶ τὸν τράχηλον αὐτοῦ καὶ κατεφίλησεν αὐτόν”.

A parábola do bom samaritano	Lc 10, 33	“Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão” ⁷⁷ .
A parábola do devedor impiedoso	Mt 18, 27	“Levado pela compaixão, o senhor daquele servo mandou-o em liberdade e perdoou-lhe a dívida” ⁷⁸ .

Estas parábolas, especialmente a última, sugerem explicitamente que todo aquele que foi misericordiado por Deus assim deve proceder para com o seu próximo.

A misericórdia divina decorre de um pedido feito pelos doentes ou interposta pessoa (Mc 10,47) a Jesus, que o interpelam de modo imperativo (Mt 15,22). Esta ação é acompanhada de uma grande fé n’Aquele a quem recorrem; por isso aquele grito de súplica converte-se em profissão de fé⁷⁹. Jesus compadece-se daqueles que são os últimos da sociedade e, ao curá-los ou libertá-los dos demónios, faz com que o Reino se torne presente no meio dos homens. Esses momentos são ocasiões em que a “misericórdia divina irrompe na realidade da miséria humana”⁸⁰.

⁷⁷ “Σαμαρείτης δέ τις ὁδεύων ἦλθεν κατ’ αὐτὸν καὶ ἰδὼν ἐσπλαγγίσθη...”

⁷⁸ “σπλαγγισθεὶς δὲ ὁ κύριος τοῦ δούλου ἐκείνου ἀπέλυσεν αὐτόν, καὶ τὸ δάνειον ἀφῆκεν αὐτῷ”.

⁷⁹ Cf. H-H-ESSER, “Misericórdia”, 100.

⁸⁰ *Ibidem*.

CAPÍTULO III

A MISERICÓRDIA DIVINA

1. A misericórdia do Pai

A análise dos textos bíblicos deixou-nos claro que a misericórdia divina se revela na história da salvação de maneira progressiva, ou seja, de diversos modos e em etapas diferentes. A revelação do nome de Deus a Moisés constitui o ponto de partida para afirmarmos que um dos atributos de Deus é a misericórdia. Deus apresenta-se não como um ser estático, mas como aquele que está no aqui e agora da existência, pelo que, o nome de Deus é simultaneamente compromisso e promessa. “«Eu Sou Aquele que Sou»” (Ex 3,14), é a afirmação do Ser em si mesmo, o *ipsum esse subsistens*, expressando simultaneamente a imanência e a transcendência divinas. É o que tudo determina e que está presente em todas as coisas, sem que nelas se esgote porque é o ser em si mesmo. “Deus é, e fora d’Ele nada é”⁸¹.

O Deus de Israel é compaixão operativa: vê a aflição do seu povo, escuta os seus lamentos e intervém para o libertar e redimir. É um Deus que está em permanente devir, ou seja, que se revela progressivamente na história dos homens, pelo que não está vinculado a nenhum lugar em particular. Deus é o Todo-Poderoso que manifesta essa sua potência como lhe apraz e quase sempre de forma surpreendente.

⁸¹ H. RAHM - M.LAMEGO, *Eu sou quem sou, minha identificação em Deus*, Edições Loyola, São Paulo, 1976, 6.

Recorda-nos Walter Kasper:

“a misericórdia é mais do que o lado visível e operativo da essência divina, que se encontra graciosamente virada para o mundo e para os seres humanos e que se torna a virar para eles uma e outra vez na história, isto é, a bondade e o amor inerentes a Deus. A misericórdia é a *caritas* operativa e efetiva de Deus”⁸².

Deus é movido por um amor de entranhas que quer a salvação de todo o ser humano; contudo, não ignora a liberdade humana na medida em que apela à responsabilidade do homem para o acolhimento desta Sua manifestação. Deus não se impõe ao homem mas sempre se lhe propõe, deixando-lhe um espaço de liberdade para O amar e louvar.

Kasper afirma ainda que a misericórdia é a perfeição da essência divina⁸³. Ela é graça de Deus, a infinita caridade divina, que tem a sua manifestação no grande ato da criação. A própria criação denota a grandeza do que é a misericórdia, pois, consiste em criar tudo como ato de pura e absoluta doação de possibilidade de ser, a partir da bondade de Deus. Podemos dizer que a misericórdia é a pura bondade de Deus em ato.

A misericórdia é “uma realidade concreta com a qual Deus revela o seu amor como o de um pai ou de uma mãe que se comovem desde o fundo das entranhas pelo seu filho” (DM 6) e que “prevalece sobre o pecado e sobre a infidelidade” (DM 4).

O nome de Deus é misericórdia⁸⁴, é o seu bilhete de identidade⁸⁵. É o mais belo nome e a maneira mais bela de nos dirigirmos a Ele⁸⁶, e manifesta a fidelidade de Deus a si mesmo, tal como nos é dito por São Paulo: “Se formos infiéis, Ele permanecerá fiel, pois não pode negar-se a si mesmo (2Tm 2,13).

⁸² W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 112.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ FRANCISCO, *O nome de Deus é Misericórdia, uma conversa com Andrea Tornielli*, Planeta, Lisboa, 2015, 89.

⁸⁵ *Ibidem*, 26.

⁸⁶ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 15.

A misericórdia de Deus é um amor que se dá totalmente, que se expressa com ternura e compaixão. Trata-se de um amor pessoal que busca uma resposta pessoal sem que se deixe de manifestar como esse totalmente Outro e, ao mesmo tempo, de modo paradoxal, como totalmente próximo. “A sua transcendência não é sinónimo de infinita distância; e a sua proximidade não deve ser entendida como camaradagem isenta de distância”⁸⁷.

“Paciente e misericordioso” é o binómio que aparece frequentemente na Sagrada Escritura para descrever a natureza de Deus. O facto de ser misericordioso encontra um reflexo concreto em muitas ações da história da salvação, onde a sua bondade prevalece sobre o castigo ou destruição. S. Tomás na *Summa Theologica* diz-nos que Deus é misericordioso por natureza, é algo que Lhe é próprio⁸⁸. A misericórdia não exprime só uma atitude exterior: é um dos atributos soberanos da sua onnipotência divina.

No contexto do mal e do pecado, a misericórdia de Deus apresenta-se como amor que oferece perdão, provoca conversão e recupera a união perdida. A fidelidade, própria da misericórdia, manifesta-se de modo credível como uma potência especial do amor que prevalece sobre o pecado e a infidelidade do povo eleito (DM 4).

A misericórdia divina, no sentido de compaixão, é afirmada de modo surpreendente por Orígenes. Sem prejuízo da absoluta “impassibilidade” (e imutabilidade) de Deus, escreveu nas *Homilias sobre Ezequiel* que nem sequer o Pai é impassível. “Se Lhe rezamos, sente piedade e misericórdia, sofre de amor e identifica-se nos sentimentos que não poderia ter, dada a grandeza da Sua natureza, e por nossa causa suporta os sofrimentos do homem”⁸⁹.

⁸⁷ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 69.

⁸⁸ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 21, a. 2, *Biblioteca de Autores Cristãos*, Matriti, 1955.

⁸⁹ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Os Padres da Igreja e a Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2015, 14.

Todas as paixões e afetos que se atribuem a Deus (antropomorfismo) na Sagrada Escritura devem entender-se como manifestações do Seu amor: *Deus caritas est* (1Jo 4, 8.16). Orígenes, porém, não explica como combinar tais “afetos” com a imutabilidade do Ser divino. Acerca deste assunto o Doutor Angélico diz-nos que o aspeto afetivo da “compaixão” seria apenas uma metáfora⁹⁰. De fato, “a concepção de Deus, como ser necessariamente perfeitíssimo, exclui, por certo, em Deus, qualquer espécie de sofrimento, derivante de carências ou feridas”⁹¹.

O *Catecismo da Igreja Católica* explica que a paternidade e o poder de Deus se iluminam mutuamente. A Sua onipotência paternal tem visibilidade quando cuida das nossas necessidades (Mt 6, 32) e é sinalizada pela sua infinita misericórdia quando perdoa livremente os pecados (CIgC 270). O poder de Deus é, portanto, infinito; nada Lhe é impossível (Lc 1,37). Ele dispõe à vontade da Sua obra, contudo a sua onipotência não é arbitrária porque é ao mesmo tempo infinitamente justa, sábia, inteligente (CIgC 271).

O efeito da misericórdia divina é o fundamento de todas as obras divinas, pois nada a ninguém é devido a não ser em razão daquilo que Lhe foi dado gratuitamente por Deus⁹². Perante a gravidade do pecado, Deus responde com a plenitude do perdão. A misericórdia será sempre maior que qualquer pecado e ninguém pode colocar um limite ao amor de Deus. Quando Deus perdoa, põe em ato a sua misericórdia e torna-se presença providente e onipotente na história dos homens (MV 3).

Citando, o Papa Francisco, “Deus permanecerá para sempre na história da humanidade como Aquele que... é próximo, providente, santo e misericordioso” (MV 6).

⁹⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 21, a. 3, *Biblioteca de Autores Cristianos, Matriti, 1955.*)

⁹¹ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica “Dominum et Vivificantem”*, Editorial A.O., Braga, 1986, 39.

⁹² TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 25, a. 3.

A misericórdia divina não é, “de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onnipotência de Deus” (MV 6).

Como atributo divino, a misericórdia de Deus suscita em nós a esperança contra todo o desespero (Rm 4,18). Abre espaços para que a vida se desenvolva na liberdade, que é dada ao ser humano, e, porque sustentada por uma *perfecta justicia*, torna-se fecunda em obras de justiça e compromisso a favor da humanidade⁹³.

A misericórdia divina, revelada definitivamente em Jesus Cristo, é o sinal que antecede a toda realidade e a preside. É o suposto originário e o fundamento tanto da criação como de toda a história da salvação. Diríamos mesmo que é uma condição *sine qua non*, em que tudo depende dessa bondade de Deus, entendida como esta eterna decisão salvífica de encarnar-se como ser humano, em Jesus Cristo, para redimir a humanidade caída em pecado.

2. Jesus a encarnação da misericórdia divina

O entendimento sobre o que era a misericórdia divina foi mudando ao longo do Antigo Testamento, no entanto, só em Jesus Cristo esta é revelada plenamente. Diz-nos S. João no prólogo do seu Evangelho: “A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer” (Jo 1, 18).

Neste ponto procuramos mostrar como a vida de Jesus, as suas palavras e gestos, são o rosto da misericórdia de Deus Pai. O rosto interpela, convoca e atrai, comunica uma mensagem, pede mais contemplação que ultrapasse a pura análise. Falar do rosto da misericórdia é falar do rosto do próprio Deus e para os cristãos esta abordagem é possível

⁹³ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 100.

através da contemplação de Jesus, o Deus feito carne humana. Em Jesus de Nazaré, nas suas palavras, nos seus gestos e no todo da sua pessoa se revela a misericórdia de Deus (MV 1).

“Em Cristo e por Cristo, Deus com a sua misericórdia torna-se particularmente visível; isto é, põe-se em evidência o tributo da divindade, que já o Antigo Testamento [...] tinha chamado «misericórdia» ao qual Cristo confere sentido definitivo. Não somente fala dela e a explica com o uso de comparações e de parábolas, mas sobretudo Ele próprio encarna-a e personifica-a. Ele próprio é, em certo sentido, a misericórdia. Para quem a vê nele, e nele a encontra, Deus torna-se particularmente «visível» como Pai «rico em misericórdia» (Ef 2, 4)” (DM 2).

O rosto da misericórdia revela-se na vida de Jesus, porque ele se comove ante toda a miséria humana e se move para as pessoas que dele precisam. Dando-lhes a mão, aponta um caminho que é libertador de toda a miséria. Expressa nesse movimento uma ternura profunda, próxima, que tende a reabilitar as pessoas e a tirá-las das suas opressões.

A misericórdia é um movimento interior, uma inclinação profunda que leva a direcionar as atitudes mais fundamentais a uma relação de proximidade libertadora. Uma verdadeira vinculação reclama liberdade, pois de contrário seria aproveitamento, opressão e possessão. Jesus cria vínculos livres de qualquer poder e isso é o primeiro fruto da misericórdia.

Quem vê Jesus, vê o Pai. (Jo 14, 9) Ele é o modo divino de ser misericordioso feito pessoa humana. Daqui resulta que, cristãmente falando, ele é a definitiva resposta à pergunta: o que é a misericórdia?

“A uma leitura cristológica da misericórdia importa deixar que seja Jesus a definir o que seja a misericórdia e, assim, a dar-lhe um rosto. A identificação de alguns traços deste rosto supõe, portanto, olhar para o ser e o viver de Jesus. Isso não conduzirá, por certo, a uma definição de misericórdia, mas ao testemunho da misericórdia incarnada e em ato.

É esta exegese da misericórdia acontecida em Jesus e a partir dele que, de seguida, se procura levar a cabo”⁹⁴.

Na verdade, n’Ele se revela a misericórdia, não como conceito pensado, mas como palavra e gesto vividos. Eis, então, a perspectiva que se afigura teologicamente mais apta a esclarecer o que seja a misericórdia.

Procura-se aqui, fundamentalmente, levar a cabo esta leitura Cristológica da misericórdia. Para tal, olhar-se-á a pessoa de Jesus, tal como no-la oferecem os Evangelhos, para descortinar como nele a misericórdia acontece e se manifesta. Muito antes de ser conceito, ela é aí, um modo de ser traduzido em palavras e gestos concretos.

São Mateus, no Evangelho, cita duas vezes o profeta Oseias (Os 6,6), para expressar que Deus quer a misericórdia e não sacrifícios (Mt 9,13; 12,7). Em ambos os casos, Jesus encontra-se em polémica com os fariseus que eram ritualmente impecáveis cumpridores da lei, mas que tinham o coração endurecido e não usavam de misericórdia para com os mais frágeis da sociedade.

A lógica de Jesus vai no sentido oposto. Só cumpre a vontade do Pai, aquele que for misericordioso para com o que padece. Deste modo, a misericórdia é entendida como algo que é exigido àquele que se confronta com a fragilidade do outro; porque isso está ao seu alcance realizar⁹⁵. A misericórdia apresenta-se como algo fundamental da lei, mas que vai muito além dela.

O Evangelho de Mateus apresenta a misericórdia divina como ponto de partida e, ao mesmo tempo, de chegada desta nova vida proposta por Cristo. É misericordioso aquele que já recebeu este dom divino e consegue ir ao encontro do próximo, pois

⁹⁴ A. PALMA “Jesus: rosto de misericórdia” in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 111.

⁹⁵ Cf. J. L.MACKENZIE, “Misericórdia” in *Dicionário Bíblico*. 3ª Ed., Paulinas, São Paulo 1983,617.

reconhece que a plenitude da misericórdia será obtida no encontro definitivo com o Cristo ressuscitado no reino dos céus⁹⁶.

O Evangelho de Lucas é, desde a antiguidade, conhecido como o Evangelho da misericórdia, derivado do facto do uso constante do substantivo “misericórdia” e as suas implicações teológicas. A misericórdia divina é mencionada no cântico do *Magnificat*⁹⁷, que valoriza a história da salvação através do Antigo Testamento e atualiza esta obra de misericórdia na vinda do Messias⁹⁸. Como podemos verificar, quando falamos em misericórdia, não estamos diante de um conceito abstrato ou passivo; antes traduz-se em ação, em obras que devolvem a dignidade àquele que sofre e que traz alegria e liberdade para os sujeitos envolvidos na ação.

Em suma, os Evangelhos de Mateus e Lucas evidenciam a misericórdia como algo presente na história da salvação e reconhecida na encarnação do Messias. Deus porque amou o homem, usou de misericórdia e veio ao encontro da humanidade para salvá-la. Quem acolhe a Cristo não pode estar distante do irmão, muito em particular daquele que sofre, procurando o seu bem.

O Evangelho de São Marcos demonstra outro aspeto da misericórdia ao utilizar o verbo *σπλαγχνίζομαι* (sentir compaixão). O sentimento de compaixão de Jesus é o reflexo de uma característica divina, uma atitude benévola do pastor que se preocupa com o seu rebanho⁹⁹. Marcos mostra-nos Jesus numa atitude de compaixão e não fica impassível em face do sofrimento humano, pelo que, logo de seguida passa a um gesto concreto.

⁹⁶ Cf. R., FABRIS, *Matteo*, 2ªEd., Borla, Roma, 1996, 126-127.

⁹⁷ Segundo Rossé, o *Magnificat* é um antigo hino judeu-cristão inserido por Lucas no início do evangelho. Trata-se de uma composição de estilo sálmica de louvor e agradecimento pela obra de salvação em favor dos pobres de Israel (cf. G. ROSSÉ, *Il vangelo di Luca*, Città Nuova, Roma, 2001, 69).

⁹⁸ “E a sua misericórdia se estende de geração em geração sobre aqueles que o temem. (...) Acolheu a Israel seu servo, lembrado da sua misericórdia” (Lc 1, 50.54).

⁹⁹ “Ao desembarcar, Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor. Começou, então, a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6, 34).

Este é o caminho de misericórdia que completa aquilo que já foi evidenciado pelos outros evangelistas: perceber a necessidade do outro, colocar-se no seu lugar e aproximar-se para, finalmente, realizar algo que transforme aquela vida. Assim como Jesus sente compaixão e é misericordioso com o homem, cada um dos seus seguidores é convidado a fazer o mesmo (Mc 5,19).

Por fim o evangelho de S. João apresenta-nos o relato extraordinário que evidencia em alto grau a misericórdia divina, o da mulher adúltera (Jo 8, 1-11).

Só Deus, ali na pessoa de Jesus, podia condenar aquela mulher. Mas Jesus dá a conhecer que o agir de Deus é diferente, a vida do pecador é mais que o pecado que ele comete. Jesus não condena o pecador mas anseia pela sua conversão e que viva. Entre a misericórdia e o castigo previsto na lei, Jesus dá primazia à misericórdia sem anular a lei.

Naquela situação, depois de todos se terem ido embora, só ficou Jesus com aquela mulher, “permanecem só dois, a miséria e a misericórdia”¹⁰⁰. O pecado é destruído pela santidade de Cristo. Jesus não condena, mas com o seu ato de misericórdia dá aquela pecadora a oportunidade de mudar de vida. Ele não veio para condenar e julgar, mas para proclamar a misericórdia e fazer misericórdia, em fidelidade à justiça do Pai, que é justiça justificadora.

A novidade de Jesus em relação ao Antigo Testamento está no anúncio da misericórdia de forma explícita, abrindo assim o caminho de acesso a Deus, não apenas para os justos, mas para todos. O Reino de Deus é para todos, ninguém está excluído.

A mensagem de Jesus, centra-se no dar a conhecer a Deus como “*Abba*” que quer dizer, Pai (Mc 14, 36), e nisso temos o âmago daquilo que há-de ser a relação com esse “Tu divino”, que nos conhece e escuta, que sustenta e ama. Deixa de ser uma relação de

¹⁰⁰ AGOSTINHO DE HIPONA, *Comentário ao Evangelho de S. João*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1944, 33, 5.

subserviência para dar lugar a uma relação filial, em que o homem não é apenas criatura mas se percebe filho do Criador.

2.1 As palavras de Jesus

Jesus é a grande novidade do Novo Testamento “que dá carne e sangue aos conceitos – um incrível realismo (...) Quando Jesus fala, nas suas parábolas, (...) não se trata apenas de palavras, mas de uma explicação do seu próprio ser e agir” (DCE 12).

Um dos principais temas da pregação de Jesus é a misericórdia¹⁰¹, na medida em que quer manifestar a presença de Deus Pai, “que é rico em misericórdia” (Ef 2, 4). “Uma parte muito significativa do seu ministério toma a forma de ensino e diálogo, de parábola e pregação”¹⁰². As parábolas são o meio idóneo que Jesus arranja para melhor exprimir a própria essência das coisas¹⁰³: intrigam, criam surpresa e fazem refletir. Nelas podemos encontrar “uma figura central que se destaca pela magnanimidade dos seus gestos e sentimentos e que se pode interpretar como um símbolo de Deus; ou pela forma como nelas se enaltecem e propõem, como código e conduta, gestos de compaixão ativa e comprometida para com o próximo.”¹⁰⁴. Elas foram um traço específico da linguagem de Jesus.¹⁰⁵

As duas parábolas paradigmáticas e que melhor traduzem aquilo que é a misericórdia são a parábola do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) e a parábola do “Filho Pródigo” (Lc 15, 11-32). Na primeira “a misericórdia é apresentada ao leitor como a chave de leitura da parábola: «Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele

¹⁰¹ Cf. A. VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, in *Bíblica*, série científica, Ano XV (2006) 114.

¹⁰² A. PALMA “Jesus: rosto de misericórdia” in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 111.

¹⁰³ Cf. *Ibidem*, 114.

¹⁰⁴ *Ibidem*, 112.

¹⁰⁵ Cf. M. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, *Bíblica*, série científica Ano XV (2006) 48.

homem que caiu nas mãos dos salteadores?» Respondeu: «O que usou de misericórdia (éleos) para com ele.». Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo» (Lc 10, 36-37)”¹⁰⁶. A parábola do “Filho Pródigo”, também conhecida como parábola do “Pai Misericordioso”, mostra como a figura daquele pai é “a epitome de um Deus, acima de tudo o mais, misericordioso”¹⁰⁷.

a. A parábola do Bom Samaritano

Podemos dizer que a parábola do Bom Samaritano “é das mais provocatórias de Cristo”¹⁰⁸. Jesus encaminha-se para Jerusalém com os seus discípulos e nesse percurso é interpelado por um doutor da lei que o questiona sobre o que é necessário para alcançar a vida eterna. Ao tempo de Jesus, na Palestina, encontramos uma multiplicidade de grupos religiosos que divergiam entre si em duas questões basilares: qual é o mandamento mais importante? E quem é o próximo que devemos amar? Questões estas intimamente ligadas à salvação e à vida eterna.

A lei de Moisés foi desdobrada pelos judeus em inúmeros preceitos, pelo que não era fácil fazer uma síntese do que era essencial cumprir na lei. Por outro lado, as tensões políticas entre os diferentes grupos, incluindo os samaritanos, exigiam que se definisse a quem se devia amar: somente as pessoas do seu povo ou da sua religião, ou tratar-se-ia de uma atitude universal que se estende a todos os homens? Como podemos ver, embora a pergunta daquele doutor fosse tendenciosa, deixa prever o que se debatia na sociedade daquele tempo.

Jesus e o doutor são concordes que o amor a Deus e ao próximo são a condição necessária para se alcançar a vida eterna. O doutor cita, na sua resposta, a passagem do

¹⁰⁶ Cf. A. PALMA “Jesus: rosto de misericórdia”, 113.

¹⁰⁷ *Ibidem*, 112.

¹⁰⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2015, 31.

Livro do Deuteronómio: “Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças” (Dt 6,5); e um segundo preceito do Livro do Levítico: “amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19, 18b). Estes mandamentos encontram-se enunciados em conjunto por Jesus, nos Evangelhos de Marcos e de Mateus. Para um doutor da lei era muito importante estudar e conhecer bem a Lei. Mas para Jesus isso não bastava, assim diz-lhe: “Faz isso e viverás” (Lc 10, 28). A vida eterna encontra-se, não apenas no conhecimento dos mandamentos, mas sobretudo na sua prática¹⁰⁹.

O doutor da lei quer continuar a experimentar Jesus e inquirir-o sobre quem é o próximo a quem se deve amar. Com grande habilidade, Jesus “alinha a parábola do bom samaritano com os dois mandamentos: fala do mandamento do amor ao próximo para envolver o amor consagrado a Deus, sem o nomear”¹¹⁰.

A parábola não identifica as personagens, estas são anónimas; no entanto, Jesus faz ressaltar na sua identidade o elemento religioso e étnico. Escolheram-se duas personagens que estão envolvidas na questão do culto ao único Deus: um sacerdote e um levita. Esta parábola apresenta-nos uma situação limite: um moribundo a necessitar de assistência e dois homens, que fielmente observam a lei, são vistos a passar adiante para que possam salvaguardar-se da impureza estipulada pela lei. O sacerdote e o levita são colocados perante a alternativa: a observância das regras de pureza cultural ou o socorro do moribundo. Segundo a Lei de Moisés ninguém poderia praticar um ato de culto se estivesse impuro (tocar um cadáver tornava a pessoa impura) e “a desobediência a este preceito levava à expulsão de Israel (Nm 19, 11-13)”¹¹¹.

¹⁰⁹ Cf. R. CULPEPPER, “The Gospel of Luke: Introduction, Commentary, and Reflections”, in R. CULPEPPER – G. R O’DAY (Orgs), *The New Interpreter’s Bible IX*, Abingdon Press, Nashville, 1995, 228.

¹¹⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 34.

¹¹¹ *Ibidem*, 36.

Quer o sacerdote, quer o levita vêm e passam ao largo e não prestam auxílio, assistência, àquele que jaz na beira do caminho. “Os preceitos legais não os desculpam, nem dispensam, do dever de socorrer e prestar cuidado, contudo, estes antepõem o formalismo ritual à misericórdia e ao perdão”¹¹².

Contrastando com estas atitudes a parábola mostra-nos que há um samaritano que vê aquele moribundo, aproxima-se, faz-se próximo, sente compaixão e cuida dele. A parábola cria um contraste insustentável: o que um sacerdote e um levita não fazem, realiza-o o samaritano. Há uma intenção provocatória, porque amar a Deus passa pelo amor ao próximo; pelo contrário, o que se esperaria de quem conhece melhor o amor para com Deus (sacerdote e levita), é realizado por quem é definido somente pela sua diversidade. O moribundo recebe a salvação de um estrangeiro.

A parábola dá-nos o movimento da compaixão à cura. O samaritano deixa-se tocar por aquela situação limite, e movido por uma compaixão visceral, faz tudo o que lhe é possível para salvar o moribundo. “A verdadeira compaixão não é um sentimento, mas uma ação que produz a cura do outro”¹¹³. Jesus sublinha o cuidado extremo com que o samaritano tratou do moribundo: aproxima-se dele, desinfeta-o e enfaixa-lhe as feridas, carrega-o na sua montada, leva-o para uma estalagem e trata-o bem.

Acerca do moribundo, do início ao fim da narrativa, nada se diz nem ele tem qualquer ação no desenrolar da parábola, toda a atenção recai sobre aquele que dele cuidou. A verdadeira compaixão compromete-se no bem e sai vencedora, apesar da perda de tempo e dinheiro. “Santo Ambrósio de Milão faz ressaltar no comentário ao Evangelho de São Lucas, que o próximo não tem a sua génese no sangue, mas na compaixão”¹¹⁴.

¹¹² *Ibidem.*

¹¹³ *Ibidem.*

¹¹⁴ *Ibidem*, 38.

A parábola do bom samaritano é o modo de Jesus responder à questão levantada pelo doutor da Lei: “Quem é o meu próximo?”. Jesus sobre esta temática vem revolucionar o pensamento da sua época, pois oferece uma resposta original, que não se enquadra em nenhum dos modelos que eram defendidos pelos vários grupos judeus.

Nesta parábola Jesus amplifica a definição de fazer-se próximo. Escolher a figura de um samaritano, considerado herege para os judeus, redefiniu o conceito de próximo, pois, mostra que a fé se deve mostrar por obras, mais do que pelo cumprimento das leis e ritos culturais e de pureza, como faziam os judeus mais ortodoxos, nomeadamente os fariseus a quem Jesus chama de hipócritas, por esquecerem de cumprir o mandamento do amor. “Estes confiavam sem si mesmos tendo-se por justos e desprezando os demais.” (Lc 18, 9). O contraste estabelecido entre os líderes religiosos sem misericórdia e o samaritano misericordioso, recorda aos mestres da lei que estão longe do princípio da verdadeira religião: o amor. Com esta escolha, Jesus quer desfazer todas as fronteiras entre as pessoas, todas as divisões e ódios que possam existir¹¹⁵.

Se no início o próximo é o moribundo e deste modo fica respondida a questão levantada pelo doutor da lei, “quem é o meu próximo?”, o samaritano é a solução para a questão deixada por Jesus. “O doutor da lei com uma verdade desarmante, reconhece que o próximo já não é o moribundo, mas quem teve compaixão dele”¹¹⁶.

Assim como Jesus fez àquele doutor da lei, exorta de modo atual o leitor a que se deixe entrar na lógica do texto e aja como o samaritano, fazendo-se próximo do outro.

A parábola transforma o modo comum de pensar o próximo a partir de nós mesmos: somente assim o próximo não se define pela origem religiosa, cultural ou social, mas pela compaixão pelo outro, e explica de que modo o amor para com Deus não está

¹¹⁵ Cf. L. ALMENDRA, “Quem é o meu próximo?”, in *Communio* Ano XXVI, nº2 (2009), 152.

¹¹⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 39.

separado do amor ao próximo e que não se esgota no cumprimento ritual de preceitos ou disposições legais.

“A parábola do bom samaritano dá sentido à vida humana: fazer-se próximo do outro porque, em definitivo, Deus se aproximou e continua a inclinar-se em Cristo sobre as feridas da humanidade”¹¹⁷. Ter misericórdia para com o próximo, aquele quem se ama como um irmão, é amar a Deus que não se vê. O amor a Deus passa sempre pelo amor ao outro de que nos devemos fazer próximos.

O papa Bento XVI afirmou que “A parábola do bom samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor, que se inclina para o necessitado encontrado «por acaso», seja ele quem for” (DCE 25). Jesus anuncia “a misericórdia divina de forma definitiva e para todos. Ele abre o acesso a Deus não só a uns quantos justos, mas a todos, no Reino de Deus há sitio para todos, ninguém é excluído”¹¹⁸.

b. A parábola do pai misericordioso (Lc 15, 11-32)

Segundo Walter Kasper, “em nenhuma outra parábola [se] descreve Jesus, a misericórdia divina, de maneira tão magistral, como nesta”¹¹⁹. Ao lermos a presente parábola, ressalta-nos que a retribuição é a temática de fundo de toda esta narrativa. Nesta lógica, diríamos que o bem, será compensado com o bem ao passo que o mal terá o respetivo correspondente.

Ao contar esta parábola, Jesus mostra-nos o que há no coração de Deus, essa ternura, bondade e compaixão, que não retribui a ingratidão e a ofensa, mas que sempre acolhe e perdoa o pecador, amando-o na totalidade.

¹¹⁷ *Ibidem*, 43.

¹¹⁸ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 86.

¹¹⁹ *Ibidem*, 90.

Nesta parábola vemos que o filho mais novo pede ao pai que lhe seja entregue a parte da herança que lhe cabia; segundo a lei judaica caber-lhe-ia um terço da mesma, e os restantes dois terços pertenceriam ao filho primogénito¹²⁰. O pai, sem grandes questões, satisfaz o que fora solicitado pelo seu descendente mais novo; entrega-lhe o que por lei lhe cabia. “O filho mais novo alimenta uma vontade enorme de autonomia, e isso é normal e saudável”¹²¹. Uma autonomia vivida de forma desregrada, num país longínquo que o obrigou a regressar à casa paterna de onde legalmente nada tinha a receber nem a reclamar. A sua culpa no máximo poderia ser desculpada, perdoada, mas não esquecida.

A parábola desde o seu início rompe com esta lógica da retribuição e faz prevalecer o amor do pai. Um pai que não está à espera do filho em casa, que não o condena nem o questiona sobre o que aconteceu à parte da herança que lhe fora entregue, o mais importante foi o seu regresso, e por isso faz festa.

O pai vai transgredir a lei da distribuição da herança, no entanto, os dois irmãos não conseguem ir além da lógica do dar e do receber¹²². O filho mais novo vê-se no limiar da sobrevivência e na condição da máxima indignação, então, regressa à casa do pai, onde não quer ser tratado de forma diferente dos seus trabalhadores, de modo a garantir a sua subsistência. Não é o arrependimento que o faz regressar, antes a fome. O filho mais velho no limite da sua soberba e encurralado no nicho da retribuição, é levado a não reconhecer a paternidade do pai e a fraternidade do irmão, a quem define como “este teu filho”.

Toda esta parábola gira em volta da ação do pai; daí considerarmos oportuno adotar o título “Pai Misericordioso” e não de “Filho Pródigo”. Jesus não diz

¹²⁰ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *Os Padres da Igreja e a Misericórdia*, 60.

¹²¹ J. MENDONÇA, “A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo” in J. AMBROSIO (Coord.), *A misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 55.

¹²² Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 61.

explicitamente que esse pai é Deus; no entanto, “Ele pode ser contemplado por trás de cada uma das palavras e das atitudes do pai da história, pois revela-se nelas”¹²³. Diz João Paulo II que nesta parábola “a essência da misericórdia divina aparece de modo particularmente límpido” (DM 5).

Temos um pai que escuta o pedido do filho mais novo, que depois da sua partida espera o seu regresso de modo esperançoso e, quando o vê vir ao longe, corre ao seu encontro, abraça-o e beija-o (Lc 15, 20). Volta a escutá-lo e interrompe-o antes de ouvir o pedido, ordenando aos seus servos que tragam e o revistam dos símbolos que restauram a sua qualidade de filho: a túnica, o anel e as sandálias.

O que salva o filho não é apenas o reconhecimento da sua culpa e a sua decisão de ir ter com o pai, mas principalmente “o amor entranhado do pai, expresso no seu abraço, nos beijos efusivos e no acolhimento afetuoso, ainda antes da confissão do filho [...] a regeneração acontece através da misericórdia”¹²⁴.

De todas as ações que vemos no pai, a que marca a viragem de toda a parábola, é que ele sentiu compaixão (Lc 15,20). O pai ama visceralmente o filho, sente por ele o amor mais profundo que o ser humano pode sentir. Uma compaixão igual à que o samaritano sentira pelo moribundo abandonado à beira do caminho.

“No centro da parábola está a misericórdia do pai e não a sua bondade, pois, a bondade sendo uma qualidade do carácter, a misericórdia é uma dimensão que amadurece no íntimo e se concretiza em gestos pelo próximo”¹²⁵.

Nesta parábola “o ícone da misericórdia é este pai. Ele que tem dois filhos, percebe que deve trata-los de forma diferente, olhando para cada um de forma única”¹²⁶.

¹²³ Cf. A.VAZ, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, 121.

¹²⁴ *Ibidem*, 120.

¹²⁵ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As Parábolas da Misericórdia*, 64.

¹²⁶ J. MENDONÇA, “A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo”, 56.

Nas palavras de Paul Ricoeur o desfecho oferecido pela narrativa pode ser considerado uma extravagância¹²⁷. A partir desta ideia, a misericórdia poderia ser definida como um excesso de amor, onde não há a preocupação de dar ao outro aquilo que ele merece. “Há um efeito ético de inversão, ou seja, dar ao outro aquilo que ele não mereceria”¹²⁸.

João Paulo II na Encíclica *Dives in Misericordiae* diz-nos a este propósito que “o pai sabe que o que se salvou foi um bem fundamental: o bem da vida de seu filho. Embora tenha esbanjado a herança, a verdade é que a sua vida está salva” (DM 6).

A parábola não conta a feliz ou infeliz escolha do filho mais velho, se este se deixa convencer pelo pai e se junta à festa, ou se também ele abandona a casa paterna. Esta parábola do Pai Misericordioso é uma parábola aberta que deixa aos ouvintes a responsabilidade pelas suas escolhas: criar relações de acordo com o direito e a justiça retributiva, ou inaugurar o caminho tortuoso da graça e da misericórdia. A segunda escolha leva a considerar o pai não como um ingrato por usar de misericórdia, mas como alguém que se alegra pelo pecador que, morto, volta à vida.

“A parábola do Filho Pródigo é um espelho. Podemos encontrar nela o nosso retrato e descobriremo-nos amplamente refletidos enquanto seres de relação. Temos a oportunidade de colher os trânsitos, internos e exteriores, da nossa biografia nesta narrativa que Jesus centra no decisivo plano das relações humanas”¹²⁹.

¹²⁷ Citado por J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 103.

¹²⁸ Cf. J. MENDONÇA, “A misericórdia precisa de um espelho: voltar à parábola do Filho Pródigo”, 57.

¹²⁹ *Ibidem*, 54.

2.2.Os gestos de Jesus

As parábolas exprimem uma misericórdia infinita, deixando transparecer a relação de Jesus com Deus Pai, que se refletiu sempre na sua maneira de atuar. A misericórdia de Deus não é uma bela teoria sugerida pelas parábolas de Jesus, mas uma realidade fascinante. Percebemos que a cura dessas enfermidades se trata de um movimento de reintegração da pessoa numa vida harmoniosa consigo mesma e com a sociedade. “É uma terapia de inclusão e de dignificação”¹³⁰. Jesus comove-se com a exclusão, dada como uma sentença de separação que obedecia a um cumprimento cego da lei e levava à perda da dignidade por parte daqueles que assim viviam.

Jesus não fica, e não é, indiferente àquelas vidas. Nelas se detém e procura reverter essa história de mal, em que, não só se comove ou apenas consola, mas faz despertar vida nova. Desarma a teoria e a praxis que se associam à morte e a uma religião que se sustenta numa fé que não é capaz de transcender e elevar a vida pessoal e comunitária a níveis alternativos de existência. Onde Jesus e o seu Reinado se fazem presentes, nada nem ninguém pode ficar indiferente, e assim nasce a busca de oportunidades e alternativas a partir do sentir profundo de compaixão e de comoção. Como realidade que interpela, a misericórdia aparece como a força amorosa de Deus que tudo abarca e transforma, e a isso estamos todos convidados, bastando para tal sintonizarmos as nossas entranhas com as de Jesus. As entranhas de misericórdia, como anteriormente vimos, comovem a Jesus e fazem-no reagir em consequência, de forma que oferece alternativas de vida.

Os movimentos de Jesus não são convencionais, são algo novo e por isso causam admiração, surpresa, entusiasmo, ainda que, nem sempre sejam suficientes para ganhar adeptos para o seu projeto. Seguir Jesus é mais do que andar com Ele, “este movimento

¹³⁰ T. FIDALGO, “El rostro de la misericórdia. Principio e proceso de credibilidade”, *Moralia*, 39 (2016), 147.

é uma chave de configuração existencial.”¹³¹. Tem que ver com uma relação profunda entre a opção fundamental e as atitudes que se cultivam em todos os âmbitos da existência. Por isso Jesus não teve muitos seguidores ao seu tempo, pois o seu dizer e fazer eram pouco razoáveis para os homens daquela época e muito exigentes para nós hoje.

“O discurso neotestamentário sobre a misericórdia nasce da prática e à prática quer conduzir. Pois, como indica Paulo, quando associa a misericórdia a outro tema caro ao magistério do Papa Francisco, «quem pratica a misericórdia (eleôn), faça-o com alegria.» (Rm 12,8)”¹³².

Jesus age a partir da misericórdia, na misericórdia e para a misericórdia. Esta configura toda a sua existência. Os seus movimentos indicam um modo de mover-se em e na complexidade da realidade que clama por dignidade, liberdade, paz e comunhão. A misericórdia move a Jesus não unicamente como uma inspiração interior mas também como uma presença que envolve toda a existência. Ele é o rosto, o corpo da misericórdia, daí que, quem vem a Ele se encontra habitado por um amor sobreabundante que não deixa impávido ou indiferente, mas que mobiliza. Jesus ao tocar os indigentes do seu tempo promove-os a uma vida nova, mais humana e justa em que é recuperada a sua dignidade. Ele veio trazer vida em abundância (Jo 10,10) e como Bom Pastor, a sua praxis de misericórdia levam-no a dar a vida, a comunicar a vida, a promover a vida. Por isso quer misericórdia e não sacrifícios (Mt 9,13; 12,7), a vida do pecador e não a sua morte (Ez 33,11).

Jesus promove uma vida feliz, bem-aventurada. A felicidade promovida por Cristo não é individualista nem autorreferencial, é uma felicidade sempre de comunhão e em que cada pessoa é feliz porque se descobre amada e capacitada para amar. Jesus oferece

¹³¹ *Ibidem.*

¹³² A. PALMA “Jesus: rosto de misericórdia”,123.

ao homem a salvação total, uma vez que cobre todas as suas necessidades e ao mesmo tempo é uma graça universal porque é destinada a todos, privilegiando os marginalizados (pecadores, pobres e doentes)¹³³.

Jesus viveu numa sociedade em que os campos da política, do social e do religioso se fundiam quase de modo perfeito. A tradição normativa da lei (Torah) impunha-se como o único caminho da relação entre Deus e o Seu povo¹³⁴. Para o povo judeu, que se sentia povo eleito por Deus, havia uma clara consciência da santidade de Deus e uma forte exigência a viver essa santidade (Lv 19, 2). Os chefes religiosos foram promovendo uma separação daqueles povos e daquelas pessoas que eles consideravam “impuros”, por estarem mais afastados da lei ou dos ritos do Templo, ou por causa de alguma doença. Assim, a sociedade judaica ao tempo de Jesus, era discriminatória e intolerante. Os sacerdotes e os que viviam à volta do Templo, como fiéis observantes da lei, eram vistos com uma pureza superior ao resto do povo. No estrato mais baixo da sociedade estavam os impuros e excluídos do meio social e religioso, como os pagãos, os pecadores, os doentes e, de certa maneira, as mulheres e as crianças.

Jesus quis mostrar que Deus não discrimina ninguém, mas ama e acolhe a todos sem exceção. Ele viveu “toda a sua vida pública a fazer-se próximo dos leprosos, dos possessos, dos que viviam mergulhados na miséria, dos sem-abrigo, dos que eram desprezados pela sociedade para lhes dizer que eles têm um lugar especial no coração de Deus”¹³⁵.

Nos Evangelhos inúmeros são os exemplos que nos mostram que o agir misericordioso de Deus se manifesta nas obras de Jesus: “passou fazendo o bem e curando todos os que

¹³³ Cf. R. ZEHNLE, “The Salvific Character of Jesus” in *Theological Studies* 30 (1969), 422.

¹³⁴ Cf. J. LOURENÇO, “Oseias, «Voz e Rosto» da Misericórdia de Deus” in J. AMBROSIO (Coord.), *A Misericórdia de Deus: coração pulsante do evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 33.

¹³⁵ M. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 60.

estavam oprimidos” (Act 10, 38); “percorria cidade e aldeias [...] curando todas as enfermidades e moléstias” (Mt 9, 35). Ao grito de ajuda: “tem piedade” (Mt 9, 27; 15, 22; 17, 15; 20, 30; Mc 10, 47-48; Lc 17, 13; 18, 39), responde com a cura e a salvação, num clima simultaneamente de misericórdia, de vida, de perdão e de recriação. Misericórdia para com os leprosos (Mt 8, 2; Mc 1, 41; Lc 5, 12), os doentes (Mc 2, 2-12; 9, 14-29), para com o povo disperso como ovelhas sem pastor (Mt 9, 36; 14, 14; 15, 32; Mc 6, 34), para com os cegos que o interpelam (Mt 20, 29-34; Mc 10, 46-53; Lc 18, 35-43) e para com a viúva que chora o seu único filho morto (Lc 7, 11-15). A Jesus ninguém passa despercebido, a todos ama e por isso se compadece perante a tristeza, o desânimo ou o sofrimento de quem com Ele se cruza.

Vivendo numa região pobre, a maioria destes desafortunados eram abandonados à sua sorte, sem poder trabalhar, pelo que muitos se tornavam mendigos perdendo toda a sua dignidade. Uma doença era entendida como um castigo divino, consequência de pecado pessoal ou familiar; era sinal de que Deus abandonara aquele homem ou aquela mulher. Os israelitas entendem que uma vida forte e vigorosa é uma vida abençoada por Deus, e uma vida doente ou mutilada era uma vida amaldiçoada que dava lugar à exclusão do convívio social e religioso por serem considerados “impuros” e poderem transmitir essa “impureza” aos que eram olhados como justos e fiéis cumpridores da lei (Lv 13, 45-46).

Jesus com os seus gestos veio mostrar que os doentes e possessos não foram esquecidos por Deus e por isso, acolhe-os, toca aqueles que cura, mostrando que Deus é próximo e não faz acepção de pessoas, e que o Seu coração está aberto aos pecadores, doentes e pobres. A misericórdia de Deus é dada a conhecer a estes mais pequeninos da sociedade e neles é manifesto que o Reino já está no meio dos homens. Com a cura dos

doentes e a libertação dos possessos, Jesus dá a conhecer que Deus não é distante dos que sofrem mas que é empenhado na felicidade e salvação dos homens.

Jesus ao fazer milagres não opera apenas uma cura física. Com o seu agir todos os que se deixam tocar por Ele, são reconfigurados na fé, perdoados dos pecados e é-lhes devolvida a esperança numa vida nova que passa pela reintegração no espaço familiar e social. “Os milagres de Cristo são manifestações da sua caridade, ativa e compassiva, que se inclina sobre todas as misérias”¹³⁶.

Em relação aos pecadores públicos, como eram as prostitutas ou os publicanos, Jesus acolhe-os e entra na sua intimidade, de tal modo, que escandaliza as gentes do seu tempo, nomeadamente os fariseus e toda a classe de judeus que se encontrava diretamente ligada à vida do Templo. Jesus vem mostrar que Deus na sua infinita misericórdia não exclui ninguém¹³⁷. Jesus senta-se frequentemente com esses pecadores à mesma mesa, o que demonstra uma grande intimidade com eles (Mc 2, 16). “O lugar emblemático e dinâmica própria da misericórdia nos Evangelhos são a mesa e a comunhão. [...] A comunhão de um mesmo alimento é expressão de convívio, de proximidade, de relação, de partilha de uma igual condição”¹³⁸.

A misericórdia divina é manifestada por Jesus até ao momento da sua morte na cruz onde, “Ele próprio digno da maior misericórdia [...] manifesta misericórdia, pedindo ao Pai que perdoe aos que O haviam maltratado (DM 7). Jesus é coerente até ao final da sua vida: ensinou e pediu aos seus discípulos que “amassem os inimigos” e “orassem pelos seus perseguidores”¹³⁹ e Ele pratica o que ensina.

¹³⁶ R. LATOURELLE, *Milagros de Jesús y Teología del Milagro*, Sígueme, Salamanca, 1990, 317.

¹³⁷ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, 107.

¹³⁸ A. PALMA “Jesus: rosto de misericórdia”, 115.

¹³⁹ Cf. J. PAGOLA, *Jesús*, 405-406.

Toda a vida de Jesus, incluindo a Sua morte e a Sua ressurreição, dá mostras da Sua imensa compaixão, sendo verdadeiramente uma “boa nova da salvação”, no apoio aos mais débeis e necessitados, no acolhimento dos marginalizados e no perdão e reabilitação dos pecadores, podendo dizer-se, na sequência de Léon-Dufour, que Jesus com a Sua vida “proclama o Evangelho da misericórdia infinita”¹⁴⁰.

Jesus viveu empenhado em anunciar um Deus misericordioso que é Pai, que se faz próximo dos mais necessitados, que acolhe a todos, que inclui os excluídos da sociedade, que se compadece dos que sofrem, que perdoa aos pecadores e por isso os quer curar e libertar do pecado. Anunciou-o com palavras e com a Sua própria vida.

Na opinião de Manuel Armindo Janeiro:

“Jesus organizou toda a sua vida em torno desta profunda convicção: o que Ele quis, o que Ele procurou insistentemente foi instaurar na história o modo de proceder com misericórdia. Deus é grande e santo, não porque demonstra o seu poder excluindo alguém, mas porque ama a todos sem exceção e de todos se quer compadecer. Neste contexto, a misericórdia não é, para Jesus, mais um atributo divino, mas a própria maneira de ser de Deus”¹⁴¹.

Segundo João Paulo II, a misericórdia de Deus é tanto mais manifesta nas obras de Cristo do que nas suas palavras. A misericórdia de Deus é o elemento principal do Evangelho e surge como apelo a que também nós a vivamos à maneira de Jesus (DM 2). Ser misericordiosos como é misericordioso o Pai do céu é o imperativo que nos foi deixado por Cristo (Lc 6, 36), pelo que, é preciso que a nossa misericórdia seja universal, nos leve a aproximar dos que mais precisam de nós. Este é o caminho dos discípulos de Jesus. Neste sentido consideremos as palavras de Bonhoeffer:

¹⁴⁰ X. LÉON-DUFOUR, “Misericórdia”, 597.

¹⁴¹ M. JANEIRO, “A parábola do bom samaritano, hoje”, 59.

“As pessoas misericordiosas oferecem a sua própria honra aos desonrados e deitam sobre si mesmas a desonra destes. (...) Sacrificam o maior bem do ser humano – a dignidade e a honra pessoais – e são misericordiosas. Só conhecem uma dignidade e uma honra: a misericórdia do seu Senhor”¹⁴².

Na opinião de Walter Kasper: “o testemunho de toda a Escritura, tanto do Antigo como do Novo Testamento, a misericórdia é o atributo de Deus que ocupa o primeiro lugar na autorrevelação de Deus na história da salvação”¹⁴³.

2.3. As comunidades cristãs

Nos escritos paulinos encontramos de modo particular o testemunho do *modus vivendi* das primeiras comunidades cristãs. Estas viviam de acordo com o *kerigma* e nada tinham como próprio, tudo era tido e administrado pelos apóstolos em função do bem comum. O intento desta conduta era poder socorrer aqueles que eram os mais desprotegidos, os pobres das comunidades.

Vejamos como os escritos paulinos serviram de mote para algumas Encíclicas papais e o modo como o apóstolo tinha bem presente e viva a necessidade dos cristãos viverem segundo a misericórdia.

A Carta aos Efésios serviu de mote à Encíclica do papa São João Paulo II, *Dives in Misericordia*: “Mas Deus, que é rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo – é pela graça que vós estais salvos (Ef 2,4-5)”¹⁴⁴.

¹⁴² D. BONHOEFFER, *El precio de la gracia: el seguimiento*, Sígueme, Salamanca, 1986, citado por W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 170.

¹⁴³ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 112.

¹⁴⁴ “ὁ δὲ θεὸς πλούσιος ὢν ἐν ἐλέει, διὰ τὴν πολλὴν ἀγάπην αὐτοῦ ἦν ἠγάπησεν ἡμᾶς, καὶ ὄντας ἡμᾶς νεκροὺς τοῖς παραπτώμασιν συνεζωοποίησεν τῷ Χριστῷ χάριτί ἐστε σεσωσμένοι”.

São Paulo nas suas cartas aborda a temática da misericórdia de Deus como a manifestação plena do amor que gera a vida e a salvação em Cristo. Tudo isto é apresentado como uma graça, algo gratuito e impossível de ser obtido humanamente.

“É possível perceber, indiretamente, a presença da tríplice terminologia da misericórdia veterotestamentária nesta reflexão paulina: o gratuito amor de Deus é algo típico da sua natureza e leva à salvação permanente mediante uma vida nova em Cristo. Esta é a realização da nova criação profetizada no Antigo Testamento”¹⁴⁵.

O apóstolo apresenta, portanto, a salvação como uma obra de misericórdia do Pai e do Filho por meio do Espírito Santo, realizada graças ao amor que supera as transgressões e o pecado. Deus é misericordioso, mas exige sempre a conversão para que o seu amor se possa manifestar.

São Paulo mostra a transgressão do pecado como o obstáculo que rouba ao homem a salvação. Em face de tal condicionante, só a misericórdia e a obediência a Deus desbloqueiam essa realidade por meio do tratamento interior e nisso consiste a graça da salvação. A conversão inicial e a perseverança num estilo de vida novo são sempre acompanhadas pela misericórdia. O homem tendo experimentado a eficácia da misericórdia divina torna-se, pela ação do Espírito Santo, misericordioso para com o seu próximo (Rm 9, 23; Tt 3,5).

Os Evangelhos apresentam Jesus como o “rosto da misericórdia” anunciado pelos profetas como uma nova Aliança, e Paulo acrescenta a perspectiva da salvação; no entanto, uns e outro apresentam a misericórdia divina como um dom gratuito oferecido a toda a humanidade. Após perceber a miséria do próprio coração, o ser humano necessita da intervenção divina que, através de Jesus Cristo, cura e proporciona uma vida nova¹⁴⁶.

¹⁴⁵ Cf. D. PAGANOTTO, “A Teologia Bíblica da Misericórdia: Análise teológica do conceito de misericórdia na Sagrada Escritura” in *Revista Contemplação*, 2016 (14), 185.

¹⁴⁶ Cf. *Ibidem*, 186.

O autor da Carta aos Hebreus apresenta este caminho misericordioso como aproximação ao trono da graça: “Portanto, aproximemo-nos com ousadia do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça para o socorro favorável” (Hb 4,16). Deste modo, Paulo exorta os cristãos do seu tempo, e também a nós, a sermos misericordiosos e a viver segundo a misericórdia de Deus. Este novo estilo de vida não é um esforço pessoal, mas uma graça de Deus. Estar inserido na misericórdia e, assim, ser misericordioso é algo fundamental na vida cristã que prepara para o reino dos céus. A misericórdia robustece a vida nova assumida em Cristo. Viver a misericórdia exige de cada ser humano uma nova criação, um novo olhar sobre a realidade, um novo modo de viver que só é possível mediante a configuração com Cristo.

A Sagrada Escritura é o espelho de como a misericórdia ganha visibilidade no concreto da vida, ou seja, vai para lá da afetividade, é algo possível de ser realizado e , não se trata de uma ideia abstrata. (MV 6). Há pessoas que dela dão testemunho concreto na vida de todos os dias. É no contexto do mundo e da história da humanidade que o homem responde de modo instintivo ao sofrimento do outro homem, isto não é mais do que um processo de solidariedade que ultrapassa as barreiras geográficas, da língua, da raça, da religião, porque o denominador comum entre o que presta auxílio e é auxiliado é a natureza humana. As obras de misericórdia corporais enquadram-se dentro deste processo de solidariedade humana, que para o cristão têm o toque peculiar de serem feitas ao próprio Jesus.

CAPÍTULO IV

A MISERICÓRDIA NO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Depois de termos feito uma reflexão das perspectivas filosóficas e teológicas acerca da misericórdia, em momento subsequente, tendo em atenção que a misericórdia tem dimensões sociais, políticas expostas e desenvolvidas pelo Magistério da Igreja, faremos uma aproximação àquilo que é o seu pronunciamento, num período mais recente, acerca desta matéria.

O papa Francisco na Bula de Promulgação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia (*Misericordiae Vultus*) indicou três Pontífices, que tiveram como trave mestra do seu pontificado, a misericórdia: São João XXIII, S. Paulo VI e S. João Paulo II. Vivendo cada um deles em contextos cronológicos, geográficos, culturais e eclesiais, bastante diferentes, todos, no seu tempo, sentiram e viveram tempos conturbados e foram confrontados com os clamores da humanidade. A sua história pessoal foi marcada pela mesma dor dos homens e mulheres do seu tempo, pelo que, a tomaram como sua.

1. Papa João XXIII (1958 – 1963)

O papa João XXIII deixou no mundo, durante o seu pontificado, o exemplo e imagem daquilo que é o Bom Pastor. Homem atento, corajoso e cordial, observava e punha em prática de modo profícuo as obras de misericórdia e por todos sentia um

excepcional sentimento de paternidade. O seu magistério foi marcado pelas Encíclicas *Mater et magistra* (1961) e *Pacem in terris* (1963).

Na abertura do Concílio Vaticano II, a 11 de outubro de 1962, o papa João XXIII afirma que “a esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade”¹⁴⁷. Convicto de que o anúncio da misericórdia deveria ser colocado no centro da vida eclesial, afirma, que

“não basta uma misericórdia qualquer. O peso das injustiças sociais e pessoais é tão grave, que não basta um gesto de caridade ordinária para as perdoar. Invoca-se a grande misericórdia. Esta é proporcional à própria grandeza de Deus, [e] isto deve inspirar uma grande confiança (a misericórdia está acima do juízo). Parece demasiado. Mas não é!”¹⁴⁸.

Como reflexo desta plena confiança na misericórdia divina, perante a crise mundial em que vivia, apontava como remédio para os “abusos miseráveis”, a prática das obras de misericórdia, e reiterava que os “tesouros mais autênticos, e para os quais, a Igreja, é maternalmente intrépida, são os pobres, os doentes, as crianças, os fracos e os esquecidos [...] que elevam suplicantemente a sua voz pedindo compreensão, proteção e benevolência”¹⁴⁹.

O papa João XXIII, durante o seu pontificado, mostrou pelo seu estilo de vida simples e maneira de ser despojada¹⁵⁰, grande abertura em dialogar com o mundo. A

¹⁴⁷ JOÃO XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 11 de outubro de 1962, *Documentos conciliares e pontifícios*, 10ªEd., Editorial A.O., Braga, 1987, 430.

¹⁴⁸ JOÃO XXIII, *Diário da Alma*, 3ªEd., Paulus, Lisboa, 2014, 292.

¹⁴⁹ Cf. JOÃO XXIII, Discurso aos delegados das obras de misericórdia de Roma, nº3, 21 de fevereiro de 1960), in https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/speeches/1960/documents/hf_j-xxiii_spe_19600221_misericórdia.html, acedido em 10/08/2019.

¹⁵⁰ O Papa João XXIII ao preparar o seu testamento pessoal, escrevia no seu Diário: “Procurarei determinar bem tudo: testamento de um Papa pobre e simples”. E mais adiante ele completa: “Desde o dia em que o Senhor me quis, miserável como sou, para este grande serviço, já não me sinto pertencer a nada especial na vida: família, pátria terrena, nação, orientações particulares em matéria de estudos e de projetos, mesmo que bons. Agora, mais do que nunca, reconheço-me indigno e humilde «servo de Deus e servo dos servos de Deus»”, JOÃO XXIII. *Diário da Alma*, 365- 366.

cordialidade, e a sensibilidade para as debilidades sociais, levou-o a escrever duas Encíclicas de cariz social:

A 15 de maio de 1961, a celebrar os setenta anos da publicação da Encíclica *Rerum Novarum* publica a Encíclica *Mater et Magistra*¹⁵¹, “sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã” evidenciando que a Igreja preocupa-se com a santificação das almas, mas que “não deixa de se preocupar ao mesmo tempo com as exigências da vida quotidiana dos homens” (MetM 3).

A Encíclica refere-se a novas questões do âmbito social, à interação entre os diferentes sectores de produção, na mesma região e ao nível mundial e aborda as relações entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Outra novidade que podemos encontrar nesta Encíclica, é o conceito de socialização, percebida como

“a multiplicação progressiva das relações na vida pública; comporta diversas formas de vida e de atividades associadas e a instauração de instituições jurídicas. Este facto tem a sua origem em numerosos factos históricos, entre os quais se devem contar os progressos científicos e técnicos, maior eficácia produtiva e o nível mais alto de vida dos habitantes” (MetM 59).

A 11 de abril de 1963 publica a Encíclica *Pacem in Terris*¹⁵², “a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade”. O público-alvo desta Encíclica é alargado; vai para lá do que era normal neste tipo de documentos pontifícios. Dirige-se não só, como era costume, “aos veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos e bispos e outros ordinários de lugar, em paz e comunhão com a Sé Apostólica, ao clero e fiéis de todo o orbe”, mas também “a todos os homens de boa vontade”, assim como o

¹⁵¹ JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, in P. STILWELL (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.

¹⁵² JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Pacem in Terris*, in P. STILWELL (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.

tema da Encíclica se apresenta com uma amplitude universal: os direitos do homem, a democracia, o desarmamento, as organizações internacionais, o relacionamento dos católicos com os não católicos na tarefa da promoção do bem comum.

Ser chamado de “o papa bom”, é expressão de que se tratava de um homem imensamente simples, invulgarmente bom, de grande espírito de oração¹⁵³ e de uma profunda confiança em Deus¹⁵⁴. Uma outra característica a ter em conta do papa Roncali, será a sua sensibilidade e a sensatez com que fazia a leitura dos sinais dos tempos.

O ter convocado o Concílio mostra também muito daquilo em que João XXIII acreditava e do que ele sonhava para a Igreja do seu tempo e do futuro¹⁵⁵.

João XXIII tem presente que a Igreja propõe ao mundo esta verdade sempre nova: “Cristo sempre a brilhar no centro da história e da vida; os homens ou estão com Ele e com a sua Igreja, e então gozam da luz, da bondade, da ordem e da paz; ou estão sem Ele,

¹⁵³ Em novembro de 1961, ao terminar um retiro no Vaticano escreve: “Mas, sobretudo, quero insistir no cuidado da santa intimidade com o Senhor: estar sempre em conversa tranquila e amorosa com Ele”, JOÃO XXIII, *Diário da Alma*, 389.

¹⁵⁴ Em 14 de Agosto de 1961, o Papa João XXIII, anota como uma das seis máximas da Perfeição: “Abandonar-me sempre à divina Providência”, *Ibidem*, 381. Mais adiante, assenta de modo mais exaustivo esta confiança inabalável que tinha em Deus: “Entre as diversas iniciativas de carácter pastoral que marcam este primeiro ensaio de compromisso apostólico pontifício, tudo veio por absoluta, tranquila, amável e, até diria, silenciosa inspiração do Senhor a este Seu pobre servo que, sem nenhum mérito de sua parte, exceto o simplíssimo de não discutir, mas simplesmente secundar e obedecer, pôde chegar a ser um instrumento não inútil de honra a Jesus e de dedicação para muitas almas. Os primeiros contatos com os grandes e com os humildes, alguma visita caritativa, mansidão e humildade no trato, com clareza de ideias e fervor de ânimo; as visitas quaresmais às novas paróquias, a celebração do Sínodo diocesano com êxito inesperado; a aproximação do padre à cristandade inteira e a multiplicada criação de cardeais e de bispos de todas as nações e de todas as raças e cores; e agora o vastíssimo movimento, de proporções imprevistas e imponentes, do Concílio Ecuménico: tudo confirma a bondade do princípio de esperar e de expressar com fé, com modéstia, com fervor confiado, as boas inspirações da graça de Jesus que preside ao governo do mundo e o leva às mais altas finalidades da criação, da redenção, da glorificação final e eterna das almas e dos povos”, *Ibidem*, 383.

¹⁵⁵ No seu Diário, João XXIII, faz notar o quanto a realidade do Concílio ocupou a sua atenção e lhe trouxe preocupações que apresentava ao Senhor por meio da oração, assim no-lo conta em 10 de setembro de 1962: “Vejo muito bem que a preocupação de servir o Concílio prevalecerá sobre as formas ordinárias dos chamados exercícios espirituais. Mas o que é desta vida do Papa, senão uma continuação diária de verdadeiro exercício espiritual, pela salvação da sua alma, ocupada em salvar as almas de todos os redimidos de Cristo Jesus, salvador do mundo?”, JOÃO XXIII. *Diário da Alma*, 394.

ou contra Ele, e deliberadamente contra a sua Igreja: tornam-se motivo de confusão, causando aspereza nas relações humanas, e perigos contínuos de guerras fratricidas”¹⁵⁶.

Como palavras de encerramento do seu discurso, o papa João XXIII, consciente da missão e do tesouro de que a Igreja é guardiã e o qual deve fazer chegar ao mundo, faz ressaltar que o objetivo último deverá ser a união de todo o gênero humano em Cristo¹⁵⁷.

2. Papa Paulo VI (1963 – 1978)

O cardeal Giovanni Battista participou no Concílio Vaticano II. Após a morte de João XXIII, a 21 de Junho de 1963, foi eleito Papa tomou o nome “Paulo” em referência ao apóstolo evangelizador.

Paulo VI escreve a primeira Encíclica *Ecclesiam suam* (1964)¹⁵⁸, acentuando que não tem por objetivo “expor ideias novas ou devidamente desenvolvidas [nem] tornar a Encíclica uma proclamação solene da doutrina católica ou dos princípios morais ou sociais ” (ES 6). O objetivo da Encíclica é demonstrar o que importa para a salvação humana e que o mundo e a Igreja Católica, “se encontrem, conheçam e amem” (ES 3).

A Encíclica mostra como é preciso que a Igreja aprofunde a consciência que tem de si mesma no meio do mundo, e faz notar a necessidade que esta tem de se renovar. O grande mote de quase todo o documento está no “diálogo”. Diálogo com a humanidade, no tempo presente, com quem vive e trabalha, contudo, sem que isso leve à sua

¹⁵⁶ JOÃO XXIII, *Discurso de abertura do Concílio Ecuménico Vaticano II*, 11 de Outubro de 1962, *Concilio Ecuménico Vaticano II, documentos conciliares e pontifícios*, 10ªEd., Editorial A.O., Braga, 1987, 431.

¹⁵⁷ Cf. *Ibidem*, 435-436.

¹⁵⁸ PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, in P. STILWELL (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.

mundanização, e a perder a sua identidade, o que não significa uma separação do mundo. É necessária uma distinção, mas não separação.

Outros documentos significativos do pontificado do papa Paulo VI foram a Encíclica *Populorum Progressio* (1967) “sobre o desenvolvimento dos povos” e a Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* (1971) para o pluralismo do compromisso político e social dos católicos.

Na Encíclica *Populorum Progressio*¹⁵⁹ insiste no desenvolvimento como “o novo nome da paz” (PP 87), na equidade das relações comerciais internacionais, na rejeição de novas formas de colonialismo emergente, e faz notar aos ricos que, a permanecerem desigualdades tão gritantes, se corre o risco de os pobres (indivíduos ou comunidades), serem tentados a recorrer a soluções de violência para as ultrapassarem.

A grande questão que é abordada em diversos pontos desta Encíclica, prende-se com o subdesenvolvimento dos povos e a tomada de consciência que os mesmos têm acerca das dificuldades em ultrapassar essa realidade. Na *Populorum Progressio* o subdesenvolvimento é assumido pelo próprio Papa, que se solidariza e identifica com os povos desfavorecidos e, dando-lhes voz, interpela a consciência das nações prósperas.

É a condição "daqueles que se esforçam por escapar da fome, da miséria, das enfermidades endêmicas, da ignorância; que buscam uma participação mais ampla nos frutos da civilização, uma valorização mais ativa das suas qualidades humanas” (PP 1).

São aqueles que se esforçam por:

"ver-se livres da miséria, encontrar com mais segurança a própria subsistência, a saúde, uma ocupação estável. Participar ainda mais nas responsabilidades, fora de toda opressão e ao abrigo de situações que ofendem a sua dignidade de homens. Ser mais instruído. Em uma palavra, fazer, conhecer e ter mais, para ser mais, tal é aspiração dos homens de hoje,

¹⁵⁹ PAULO VI, Carta Encíclica *Populorum Progressio*, Edições Paulistas, Lisboa, 1989.

enquanto um grande número deles se vê condenado a viver em condições que tornam ilusório este legítimo desejo" (PP 6).

O papa Paulo VI vai introduzir uma novidade no que toca ao princípio do destino universal dos bens. Há uma mudança de acento neste domínio em relação a João XXIII. Enquanto o primeiro se debatia pela ideia de ajuda dos povos ricos aos povos pobres, Paulo VI faz destacar a ideia de que as relações entre as nações, só podem ser ordenadas de acordo com uma justiça internacional que reconheça todos os homens e mulheres, sujeitos de deveres e de direitos inalienáveis.

O comércio entre economias desenvolvidas e subdesenvolvidas decorre muitas vezes de forma desproporcionada. A justiça social exige do comércio internacional, para ser humano e moral, que restabeleça, entre as duas partes, uma certa igualdade de possibilidades. Para tal são relevantes as convenções internacionais que muito contribuem para que se estabeleça igualdade real, nas discussões e negociações e isso traz consigo um auxílio positivo com efeitos duradouros imediatos e a longo prazo para os países em vias de desenvolvimento. (PP 56-61).

O desenvolvimento a que se refere a Encíclica , prende-se ao desenvolvimento integral do homem e ao desenvolvimento solidário da humanidade; o desenvolvimento integral do homem, porque só assim poderá lançar-se na descoberta do seu destino transcendente e sobrenatural.

Na *Octogesima Adveniens*¹⁶⁰, publicada em 1971 para celebrar os oitenta anos da *Rerum Novarum* de Leão XIII, queria Paulo VI dar resposta “às necessidades novas de um mundo em transformação. Os novos problemas sociais por ela contemplados são a

¹⁶⁰ PAULO VI, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, ao Cardeal Maurice Roy, por ocasião do 80.º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, in P. STILWELL (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.

urbanização, o lugar dos jovens na sociedade, o estatuto da mulher, os desempregados, os velhos, os emigrantes. Menção especial é feita ao meio-ambiente, considerado como problema social de envergadura, que diz respeito a toda a família humana. Por motivo de uma exploração inconsiderada da natureza, o homem começa a correr o risco de a destruir e de vir a ser, também ele, vítima dessa degradação. Não só já o ambiente material se torna uma ameaça permanente — poluições e resíduos, novas doenças, poder destruidor absoluto — é mesmo o quadro humano que o homem não consegue dominar, criando, assim, para o dia de amanhã, um ambiente global que poderá tornar-se-lhe insuportável (AO 21). Paulo VI, na conclusão do Concílio fez notar que:

“a religião do Concílio foi, antes de mais, a caridade. [...] Uma corrente de interesse e admiração saiu do Concílio sobre o mundo atual. Rejeitaram-se os erros, como a própria caridade e verdade exigiam, mas os homens, salvaguardado sempre o preceito do respeito e do amor, foram apenas advertidos do erro. Assim se fez, para que, em vez de diagnósticos desalentadores, se dessem remédios cheios de esperança; para que o Concílio falasse ao mundo atual não com presságios funestos mas com mensagens de esperança e palavras de confiança. Não só respeitou mas também honrou os valores humanos, apoiou todas as suas iniciativas e, depois de os purificar, aprovou todos os seus esforços.

Toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades”

¹⁶¹.

Este Papa no seu pontificado teve bem presente que a história da salvação trata do encontro entre a miséria humana do homem e a misericórdia infinita de Deus. Diz-nos na audiência geral de 20 de março de 1974, que a grande miséria do homem é o pecado, mas uma outra verdade se impõe: a misericórdia que vem em socorro da miséria humana é a

¹⁶¹*Alocução na última sessão pública* (7 de Dezembro de 1965) in https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html, acedido em 18/08/2019.

divina, aquela que nos chega de modo pleno por Jesus Cristo, Filho Único de Deus, que morreu na cruz para nos resgatar do pecado e livrar da morte¹⁶². “Jesus veio ao mundo como vítima expiadora, como síntese da justiça realizada e da misericórdia reparadora”

163

3. Papa João Paulo II (1978 – 2005)

Personalidade poliédrica e carismática, afirmou-se imediatamente pela grande capacidade comunicativa e pelo estilo pastoral. Desde o início do seu pontificado, trabalhou para dar voz àqueles que eram silenciados na sociedade (trabalhadores, pobres...), e debateu-se de modo insistente pelos direitos do homem e da liberdade religiosa. Hoje, o seu contributo intelectual e testemunhal é largamente reconhecido e tido como relevante; e foi determinante para a queda do muro de Berlim em 1989 e o sucessivo colapso dos regimes filo-soviéticos. Desenvolveu simultaneamente uma leitura crítica do capitalismo, submetido a uma análise crítica em três das suas quatorze Encíclicas: a *Laborem exercens* (1981), a *Sollicitudo rei socialis* (1987) e a *Centesimus annus* (1991).

Na primeira Encíclica o trabalho aparece-nos como “a chave essencial de toda a questão social” (LE 3)¹⁶⁴. As grandes evoluções ao nível das tecnologias, a globalização da economia e as alterações na relação entre o trabalho e o capital, nas economias marxistas e liberais, ditam uma grande mutação no âmbito laboral de que é preciso cuidar.

¹⁶²Cf. *Audiência geral 20 de março de 1974* in https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1974/documents/hf_p-vi_aud_19740320.html, acedido em 18/08/2019.

¹⁶³Audiência geral, 29 março de 1972 in https://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1972/documents/hf_p-vi_aud_19720329.html, 19/08/2019.

¹⁶⁴ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica “*Laborem Exercens*”, Editorial A.O, Braga, 1981.

A Encíclica *Sollicitudo rei Socialis*¹⁶⁵ comemora o vigésimo aniversário da *Populorum Progressio*, e aborda a questão do desenvolvimento. Nela são introduzidos conceitos novos, como “estruturas de pecado” (SRS 36-40), e a “opção ou amor preferencial pelos pobres” (SRS 42).

Finalmente, a Encíclica *Centesimus Annus*¹⁶⁶ tem um papel importante para Doutrina Social da Igreja Católica. Esta Encíclica comemora os cem anos da publicação da *Rerum Novarum* por Leão XIII, em 1891, por isso, recupera os seus ensinamentos naquilo que têm de atual e define o rumo das “coisas novas” de hoje. Indica como erro fundamental do socialismo, a instrumentalização do homem e a sua subordinação à mecânica socioeconómico que é acompanhado das múltiplas formas de “capitalismo selvagem” (CA 8), que desformam a imagem do homem, ao considerá-lo, como apenas mais um fator de produção.

“A conceção cristã da pessoa reconhece que a natureza social do homem não se esgota no estado, mas realiza-se em grupos intermédios: a família, os grupos económicos, sociais, políticos e culturais, com a sua autonomia própria, cujos limites são apenas os do bem comum” (CA 49).

A nova ordem social preconizada deverá assentar na participação, na liberdade de trabalho e de empresa. Só assim se conseguirá uma melhor qualidade de vida, e com esse objetivo, se poderão mobilizar todos os homens de boa vontade.

Numerosos problemas são ainda abordados na *Centesimus Annus*: as novas formas de pobreza (CA 10), o lucro das empresas (CA 35), o papel dos sindicatos e das confederações patronais (CA 7,15,35), o papel do Estado na criação de condições económicas de base (CA 48), a procura de uma nova ordem económica mundial em que

¹⁶⁵ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica “*Sollicitudo rei Socialis*”, Edições Paulistas, Lisboa, 1988.

¹⁶⁶ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica “*Centesimus Annus*”, Edições Paulistas, Lisboa, 1991.

“nos estilos consolidados de vida, com o objetivo de limitar o desperdício dos recursos ambientais e humanos, permitindo assim a todos os homens e povos da terra dispor deles em medida suficiente. Acrescente-se a isso a valorização dos novos bens materiais e espirituais, fruto do trabalho e da cultura dos povos hoje marginalizados, obtendo-se assim o global enriquecimento humano da família das Nações” (CA 52).

A 30 de novembro de 1980, João Paulo II publicou a Encíclica *Dives in Misericórdia*¹⁶⁷, muito, fruto das suas experiências pastorais na Polónia, especialmente em Cracóvia. Nesta altura, estamos diante de um momento em que o terrorismo e a violência se apoderam da humanidade. A realidade com que João Paulo II se confronta, é a de uma humanidade inebriada pelos seus próprios progressos, movida pela ciência e pela técnica, envolta numa realidade na qual não cabe a misericórdia. O mundo está desencantado sem lugar para o transcendente. As ameaças à dignidade do homem são uma constante de modo que o anúncio da misericórdia por parte da Igreja se apresenta como urgente. (DM 2).

Em consonância com o que já fomos referindo nos I – II capítulos, S. João Paulo II põe em destaque a praxis de todo o ministério de Jesus como sendo a encarnação da própria misericórdia¹⁶⁸. Jesus com o seu estilo de vida trás, ao mundo o amor misericordioso do Pai, não como algo que é superficial ou idílico, mas um amor operante, um amor que se dirige ao homem, e abraça tudo aquilo que forma a sua humanidade. (DM 3).

No seguimento da sua reflexão sobre a misericórdia, diz-nos o papa João Paulo II que a dimensão da misericórdia é desvelada de modo perfeito no Mistério Pascal de

¹⁶⁷ JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Dives in Misericórdia*, 3ªEd., A.O., Braga, 1981.

¹⁶⁸ Cristo ao ser encarnação da misericórdia do Pai torna-se modelo a seguir e desafio a cumprir por toda a humanidade e em todos os tempos. Antoncich diz-nos que a misericórdia é uma força que leva ao amadurecimento dos estilos de vida e das relações que são totalmente diferentes daqueles pautados pelo domínio e pelo poder (Cf. R. ANTONCICH, “Luchar por la justicia en el espíritu de la misericórdia: reflexiones sobre la Encíclica *Dives in Misericordiae*”, in *Medellín, Teología e pastoral para a América Latina*, V.8, nº32, 1982, 443 - 446.)

Cristo. Na cruz e ressurreição de Cristo, a humanidade pode experimentar a plenitude do amor de Deus pelos homens. A compreensão acerca da misericórdia de Deus ficaria incompleta se essas realidades não fossem contempladas¹⁶⁹. A entrega do Filho na cruz, só se explica na profundidade do amor que brota de Deus e que se derrama sobre a humanidade, frágil e pecadora, crentes e não crentes.

“Deste modo, a Redenção traz em si a revelação da misericórdia na sua plenitude” (DM 7). Na cruz e ressurreição de Jesus, a humanidade tem a prova definitiva de que o amor é sempre maior que o pecado e a morte. Viver a misericórdia é caminho feito com e nas pegadas de Cristo crucificado. Ele há-de ser o modelo e a motivação de nosso dizer e fazer. João Paulo II diz-nos que este tesouro da misericórdia, compreende muita proximidade, o que leva a que se superem as distâncias entre aquele que oferece e o que recebe misericórdia.

João Paulo II, na sua reflexão, faz uma bela referência à Virgem Maria como aquela que experimentou e proclamou a misericórdia. O Cântico do *Magnificat*, a ela atribuído, tem aqui grande centralidade: a misericórdia de Deus que se estende de geração em geração (Lc 1,50). Maria é aquela que toca e sente mais de perto e de modo mais íntimo a misericórdia de Deus; ela é aquela que transportou nas suas entranhas o Filho de Deus, e por isso, tornou-se participante do “revelar da misericórdia”; daí ser chamada de “Mãe da misericórdia”, uma vez que, desde todos os tempos aproxima a humanidade do amor revelado pelo seu Filho Jesus (DM 9).

Na condição de pastor da Igreja, João Paulo II exorta-a a ser mãe e a testemunhar a misericórdia de Cristo em toda a sua missão (DM 12). A Igreja, testemunhando e professando a misericórdia, salienta o Papa, deve pedi-la insistentemente a Deus em favor

¹⁶⁹ A. MEDINA diz que crer em Jesus Ressuscitado é também crer na misericórdia. Este é, na opinião do autor, o núcleo próprio do querigma cristão (Cf. A.MEDINA, *La Dives in Misericórdia y la catequesis: una visión urgente de la catequesis desde el enfoque de la misericórdia*, 241.

dos homens. (DM 13). Esta prática, longe de ser momentânea ou superficial, precisa plasmar o ser da Igreja, o que requer ser cultivado de modo permanente, e nunca considerar-se como um processo finalizado.

4. Papa Bento XVI (2005 – 2013)

O cardeal Ratzinger, após a morte de João Paulo II, é eleito Papa a 19 de abril de 2005 e tomou o nome de Bento XVI.

De entre as Encíclicas publicadas pelo Papa, têm particular relevância para o nosso trabalho, as Encíclicas: *Deus Caritas Est* e a *Caritas in Veritate*, que muito embora não foquem diretamente a temática da misericórdia, têm a tônica da compaixão e da caridade, que muitas vezes nos aparecem como sinónimos de misericórdia, e, devem ser farol para o agir de todos os homens, especialmente dos cristãos.

a. Encíclica *Deus Caritas Est*¹⁷⁰

A Encíclica aborda do ponto de vista teológico-filosófico aquilo que é o amor – “eros”, “philia”, “ágape” – e faz cruzar as notas essenciais do amor divino com as características do amor humano.

O amor, de acordo com o pensamento cristão, realiza-se na relação com o próximo ao qual devo amar de forma incondicional. O amor vivido deste modo, é um convite ao descentramento do “eu” e um mobilizar a minha existência em função do bem do outro. O amor busca sempre o bem do amado.

Na Eucaristia, Cristo, o Filho de Deus, revela de forma plena a comunhão trinitária e deste modo se manifesta o amor “maior”: o amor que leva a “dar a vida pelos amigos”

¹⁷⁰ BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, Paulinas, Lisboa, 2006.

(Jo 15, 13) os quais amou até ao fim” (Jo 13, 1). Na Eucaristia o *Verbo* faz-se carne, e torna-se alimento para todos aqueles que n’Ele creem e aí tornamo-nos um só corpo, unidos a todos os cristãos que formam a Igreja. Em sinal dessa união, o cristão é chamado a ser sinal do amor fecundo de Cristo no meio do mundo, ama os irmãos como o próprio Jesus e, nisso, todos reconhecerão que somos discípulos do Senhor.

Nesta Encíclica, Bento XVI, evidencia que a caridade toma visibilidade no exercício do amor eclesial e como o mandamento do amor ao próximo tem efetivação prática. A Igreja, guiada pelo Espírito Santo, leva por diante o múnus de Cristo. Para além da missão evangelizadora, a Igreja socorre às necessidades e sofrimentos dos homens, serviço esse que é designado por caridade (DCE 20).

O amor ao próximo, ou seja, a caridade é um dever de todos para com todos, a comunidade eclesial e de cada um de modo particular. A essência da caridade cristã está excelentemente espelhada na parábola do bom Samaritano, e é traduzida de modo prático nas chamadas obras de misericórdia. A caridade é operativa e responde à satisfação das necessidades imediatas do homem: dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, cuidar dos doentes, visitar os presos. A prática da caridade cristã tem por base um amor gratuito, que não está aliado a nenhuma ideologia ou partidos, é universal (DCE 31).

“A Igreja enquanto família de Deus, deve ser, hoje como ontem, um espaço de ajuda recíproca e simultaneamente um espaço de disponibilidade para servir mesmo aqueles que, fora dela, têm necessidade de ajuda” (DCE 32).

b. Encíclica , *Caritas in Veritate*¹⁷¹

O desenvolvimento integral na caridade e na verdade está dependente do testemunho que damos da verdade, o que, na nossa sociedade tantas vezes é relativizado

¹⁷¹ BENTO XVI, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, Paulus, Lisboa, 2009.

(CV 5). Bento XVI chama a atenção de que, sem verdade, cai-se numa visão empirista e cética da vida, e que a verdade é a única que é garantia de liberdade, e dá possibilidade dum desenvolvimento humano integral. Por outro lado, defende que, para a Igreja, esta missão ao serviço da verdade, é irrenunciável (CV 9).

Esta Encíclica tem por base, a Encíclica de Paulo VI, *Populorum Progressio*, de 1967, e a sua tónica está na caridade e na verdade, dentro da tradição da Doutrina Social da Igreja. Bento XVI, vivendo tempos sociais e económicos diferentes dos de Paulo VI, confronta-se com a problemática do desenvolvimento tecnológico e científico, bem como com o da globalização. A Igreja na sociedade global em que vivemos, é confrontada com inúmeros desafios que emergem dos momentos difíceis por que passa a humanidade.

A razão consegue compreender que a igualdade entre os seres humanos é um valor universal, mas não consegue fundar a fraternidade, assim como “a sociedade cada vez mais globalizada nos torna vizinhos, mas não nos faz irmãos” (CV19).

Seguindo o pensamento de Paulo VI, Bento XVI, diz que o desenvolvimento dos povos ao nível económico, político, social e religioso, implica o empenho e a participação ativa dos povos “em condições de igualdade no processo económico internacional; do ponto de vista social, a sua evolução para sociedades instruídas e solidárias; do ponto de vista político, a consolidação de regimes democráticos capazes de assegurar a liberdade e a paz” (CV21).

Para Bento XVI, a caridade não dispensa o saber, muito pelo contrário, precisa deste para que o desenvolvimento humano seja integral, e, por outro lado, diz que o saber nunca é obra apenas da inteligência, mas se, quer ser sapiência, capaz de orientar o homem à luz dos princípios primeiros e dos seus fins últimos, deve ser “temperado” com o “sal” da caridade (CV 30).

O Papa afirma que sem a caridade na verdade

“este ímpeto mundial pode concorrer para criar riscos de danos até agora desconhecidos e de novas divisões na família humana. Por isso, a caridade e a verdade colocam diante de nós um compromisso inédito e criativo, sem dúvida, muito vasto e complexo. Trata-se de dilatar a razão e torná-la capaz de conhecer e orientar estas novas e imponentes dinâmicas, animando-as na perspectiva daquela «civilização do amor», cuja semente Deus colocou em todo o povo e cultura” (CV33).

A mentalidade contemporânea caracterizada pelo utilitarismo e pela produtividade desenvolve no homem moderno o sentimento de autossuficiência que o leva a por de lado a Deus; equipara a salvação ao bem-estar material e social e ignora aquilo que é o mal em si mesmo, e isso, reflete-se na economia (CV 34). A Doutrina Social da Igreja aponta que a atividade económica pode realizar-se de modo a que a solidariedade e reciprocidade sejam uma realidade: “a área económica não é eticamente neutra nem de natureza desumana e antissocial. Pertence à atividade do homem; e, precisamente porque humana deve ser eticamente estruturada e institucionalizada” (CV 36). Noutro numero afirma que

“nas intervenções em prol do desenvolvimento, há que salvaguardar o princípio da centralidade da pessoa humana, que é o sujeito que primariamente deve assumir o dever do desenvolvimento, [e que] a cooperação internacional precisa de pessoas que partilhem o processo de desenvolvimento económico e humano, através da solidariedade feita de presença, acompanhamento, formação e respeito” (CV 47).

A razão e a fé colaboram para mostrar o bem, desde que o homem o queira ver; a lei natural, na qual reluz a razão criadora, indica a grandeza do homem, mas também a sua miséria quando ele desconhece o apelo da verdade moral (CV 183).

Longe de Deus, o homem vive inquieto e está mal. A alienação social e psicológica e as inúmeras neuroses que caracterizam as sociedades opulentas devem-se também a causas de ordem espiritual; o vazio em que a alma se sente abandonada, embora

no meio de tantas terapias para o corpo e para o psíquico, gera sofrimento, porque além do crescimento material, o desenvolvimento deve incluir o espiritual, porque a pessoa humana é “um ser uno, composto de alma e corpo, nascido do amor criador de Deus e destinado a viver eternamente” (CV 187).

Só um humanismo aberto ao Absoluto pode guiar-nos na promoção e realização de formas de vida social e civil preservando-nos do risco de ficarmos presos às “modas” do momento. Por isso, a maior força ao serviço do desenvolvimento, é um humanismo cristão que reavive a caridade e que se deixe guiar pela verdade, acolhendo uma e outra como dom permanente de Deus (CV 192). Um humanismo que exclui Deus é um humanismo desumano, porque a disponibilidade para Deus abre à disponibilidade para os irmãos e para uma vida entendida como tarefa solidária e jubilosa. Pelo contrário, a reclusão ideológica a Deus e o ateísmo da indiferença, que esquecem o Criador, correm o risco de esquecer também os valores humanos e contam-se hoje entre os maiores obstáculos ao desenvolvimento (CV 193).

5. Papa Francisco (2013 -)

Neste ponto abordaremos o pensamento do Sumo Pontífice, papa Francisco, acerca da misericórdia e do impacto que essa realidade tem no seu pontificado, na Igreja e no mundo.

O cardeal Jorge Mario Bergoglio aos 76 anos de idade, foi eleito Papa, em 13 de março de 2013 e tomou o nome de Francisco e manteve o mote que escolhera aquando da sua ordenação episcopal - *Miserando atque eligendo* - tirado das *Homilias de São Beda o Venerável, sacerdote (Hom. 21; CCL 1, 22, 149-151)* e que é reproduzido na *Liturgia das Horas* na festa de São Mateus. Esta homilia é uma homenagem à

misericórdia divina e marcou a vida espiritual do Papa, e, por isso, tomou-a como programa de vida.

O papa Francisco, em todo o seu ministério, tem presente que o importante e a missão da Igreja deve prender-se com o anúncio do Evangelho, e acredita, trabalha e luta por uma Igreja missionária “que quer sair de si mesma e chegar a todos”¹⁷². Um Papa que veio do fim do mundo e tem como primeira preocupação promover a “conversão interna da Igreja” e intenta que esse propósito se propague à humanidade. Francisco olha para a Igreja como o sacramento de salvação para todos os homens, que sai dos seus muros e vai ao encontro dos filhos que andam perdidos nas periferias da existência e nisso revê e centra toda a missão da Igreja.

Para além do impacto que os gestos do Papa Francisco têm no mundo, não têm menos importância, os seus escritos, nomeadamente as Exortações Apostólicas *Evangelii Gaudium*¹⁷³ (2013) e *Amoris Laetitia* (2016) e a Encíclica *Laudato Si'* (2015). As Exortações Apostólicas pós – sinodais refletem não apenas as convicções pessoais do Papa, mas nelas ele assume o consenso dos sínodos pós – conciliares, dedicados respetivamente à evangelização e à família. Os sínodos, como assembleias gerais constituídas pelos representantes eleitos pelas Conferências Episcopais do mundo inteiro, são um instrumento valioso para perceber as necessidades pastorais e o *sensus fidelium* da Igreja Universal.

Em 2015, o Santo Padre decretou o “Jubileu Extraordinário da Misericórdia”, na medida em que considerou o tema importante não só para os cristãos como para toda a humanidade. Os sofrimentos do séc. XX e do séc. XXI, deram origem a grandes clamores por misericórdia, causados pelas condições de vida desumanas e miseráveis. Como disse

¹⁷² V. FERNANDEZ, *A revolução suave do Papa Francisco, descrita pelo teólogo que lhe é mais próximo*, Paulinas, Lisboa, 2014,8.

¹⁷³ FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulus, Lisboa, 2013.

Leonardo Agostini Fernandes, “a miséria é tudo o que é desumano e misericórdia é tudo o que humaniza”¹⁷⁴. A misericórdia é uma modalidade do amor, da sua expressão e não “um sentimento superficial, uma comoção romântica que logo passa. [...] A misericórdia não é fraqueza, mas a fortaleza daquele que ama. [...] É o amor que se encontra com a miséria do outro a quem ama”¹⁷⁵.

O mundo de hoje carece de coração e perdeu a capacidade de compaixão. “Sobralhe a comunicação, porém falta-lhe a misericórdia, falta-lhe a proximidade cordial aos outros para curar as suas feridas. Seguramente o mal do nosso tempo está em viver sem coração”¹⁷⁶. É preciso que o homem descubra de novo o sentido da misericórdia como o caminho de perdão e reconciliação, na convivência social, o espírito de amor na família, a necessidade das obras de misericórdia, como o auxílio aos pobres e excluídos, para com os que estão enfermos ou sofrem de algum modo.

a. Bula *Misericordiae Vultus*¹⁷⁷

A 11 de Abril de 2015, o papa Francisco promulga a Bula de Proclamação do “Jubileu Extraordinário da Misericórdia”. O Ano Santo comemora os cinquenta anos de encerramento do Concílio Vaticano II, no qual a Igreja quis usar a linguagem da caridade, da misericórdia e quis honrar os valores humanos (MV 4). As primeiras palavras da Bula *Misericordiae Vultus* descrevem Jesus Cristo como “o rosto da misericórdia do Pai” (MV 1); e nisso, quase podemos dizer que temos a síntese da fé cristã. No desenvolvimento da sua reflexão, o Santo Padre destaca a identidade de Deus, como um Deus que é

¹⁷⁴ L. FERNANDES, *Eterna é a sua misericórdia: reflexões bíblicas e leituras orantes*, Paulinas, São Paulo, 2016, 13.

¹⁷⁵ M. MONGE, *Este és el tiempo de la misericórdia*, Sal Terrae, Milão, 2016, 19-20.

¹⁷⁶ *Ibidem*, 13.

¹⁷⁷ FRANCISCO, Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, “*Misericordiae Vultus*”, Paulinas, Lisboa, 2015.

misericórdia (Ex 34, 6), que foi revelado na sua plenitude em Jesus Cristo (MV 1). O Papa observa que a misericórdia é uma realidade que deve ser observada de modo contínuo, porque “é fonte de alegria, serenidade e paz” e “condição de nossa salvação”. Deus vem ao nosso encontro com misericórdia, e a misericórdia é “a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão” (MV 2).

O papa Francisco cita São Tomás de Aquino, que ensinou que “é próprio de Deus usar de misericórdia” e que nisso “se manifesta de modo especial a sua onipotência”. Como misericórdia, Deus revela-se presente, “aquele que é próximo, providente, santo e misericordioso” (MV 6).

O Sumo Pontífice, a partir da Sagrada Escritura, demonstra que o amor de Deus pela humanidade é um amor visceral de “ternura e compaixão, de indulgência e perdão” (MV 6), que é “Eterna a sua misericórdia” (Sl 136), e relembra toda a história da salvação que tem o ápice no mistério da encarnação de Jesus Cristo, esplendor da misericórdia Trinitária. Jesus que passou fazendo o bem, na sua misericórdia, cura, acolhe, alimenta, perdoa aos pecadores. O Papa destaca o episódio em que Jesus olha para Mateus com misericórdia, e o escolhe para apóstolo, episódio este que veio a tornar-se o seu lema episcopal: “*miserando atque eligendo*” (MV 8).

O papa Francisco recorre às parábolas ditas de misericórdia narradas por S. Lucas (Lc 15,1-32), para ilustrar a alegria de Deus, que é Pai, que, ao perdoar se revela misericordioso. Jesus deixa-nos o ensinamento de que também nós devemos perdoar sempre, e, à semelhança do Pai do céu, ser misericordiosos porque assim alcançaremos misericórdia (MV 9). É preciso escutar a Palavra de Deus, meditá-la, assumi-la como estilo de vida (MV13), e não julgar nem condenar, mas perdoar e doar-se. A partir da experiência pessoal da presença e proximidade de Deus, o homem deve tornar-se compassivo para com todos (MV 14).

A Igreja, como sacramento de salvação e manifestação viva da presença de Deus no mundo, deve ter o desejo inexaurível de oferecer misericórdia. Com ternura, falar aos crentes, exercer toda a sua missão com amor misericordioso e compassivo, anunciando o perdão e a misericórdia e, pelo seu agir, ser testemunha e mediadora do amor que Deus quer fazer chegar ao homem. Assim, onde houver Igreja, onde houver cristãos, deve haver misericórdia (MV 12).

O Papa reconhece as inúmeras situações de precariedade e sofrimento com que se debate o homem de hoje, e, por isso, apela à prática das obras de misericórdia corporais e espirituais, como expressão do cuidado que a Igreja e os cristãos têm para com aqueles que sofrem porque neles está presente o próprio Cristo, e aquilo que fizemos a um desses mais pequeninos é a Cristo que o fazemos e, “ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor” (MV 15). É tempo para o primado da misericórdia (MV 17). O Papa convida os fiéis a aproximarem-se da misericórdia (MV 18), e convida à conversão todos os que possam estar afastados da graça (MV 19).

A *Misericordiae Vultus* aproxima justiça e misericórdia, demonstrando que em Jesus o espectro meramente jurídico da lei por si nada vale, e que quer a misericórdia e não os sacrifícios cultuais porque não são acompanhados com um propósito interior que ordene as ações do quotidiano. A misericórdia, que supõe a justiça, engloba-a e supera-a, porque a “misericórdia de Deus é concedida a todos como graça, em virtude da morte e ressurreição de Jesus Cristo” (MV 21).

Depois destas reflexões, o Papa considera que “a misericórdia tem uma valência que ultrapassa as fronteiras da Igreja”, o que supõe uma proposta de diálogo aberto ao âmbito inter-religioso. O ano jubilar deve ser “vivido na misericórdia”, “favorecer o encontro com as religiões”, tornar-nos “abertos ao diálogo”, eliminar fechamentos, desprezos, violências, discriminações, e sim promover e implicar uma convivência de

respeito e de paz (MV 23). No final, a Encíclica contempla Maria, a Mãe da Misericórdia, a quem os fiéis hão-de pedir que volte sobre nós um olhar misericordioso e nos ajude a alcançar a misericórdia de Deus (MV 24).

b. Carta Apostólica *Misericordia et Misera*¹⁷⁸

A Carta Apostólica do papa Francisco, *Misericórdia et Misera*, marcou o encerramento do “Jubileu Extraordinário da Misericórdia”, na data de 20 de novembro de 2017, Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. A carta abre com o encontro entre Jesus e a mulher pecadora (Jo, 8, 1- 11). A própria misericórdia, incarnada na pessoa de Jesus, encontra-se ante a miséria da humanidade pecadora de todos os tempos, representada naquela mulher¹⁷⁹.

O papa Francisco, a partir dessa passagem do Evangelho de S. João, deixa o desafio, aos fiéis e a todos os homens de boa vontade, a viverem quotidianamente a

¹⁷⁸ FRANCISCO, Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, Paulinas, Lisboa, 2016.

¹⁷⁹ O Papa Francisco faz referência ao comentário que Santo Agostinho faz acerca desta passagem do Evangelho de S. João. Meditando a cena na qual uma mulher é surpreendida em adultério e trazida à presença de Jesus, chamará a atenção do Bispo de Hipona a serenidade que o Senhor demonstra naquela situação que se apresenta como uma situação de muita tensão e em que o próprio Jesus é posto à prova. Conclui Agostinho que a Palavra de Jesus é a Verdade que se impõe em qualquer situação, mesmo em situação de pecado, pelo que, a alternativa daqueles que afrontavam Jesus foi o apelo a fazer-se justiça àquela mulher. Se Cristo consentisse em que a mulher fosse apedrejada, cairia por terra todo o seu ministério que se centrava no anúncio da misericórdia e amor de Deus, contudo, opor-se a tal acontecimento seria tido como um violador da Lei. Mas Jesus que conhecia o íntimo daqueles que apresentavam a mulher para ser apedrejada, com sabedoria e ante tanta maldade daqueles corações impuros, dá o veredicto: “Quem dentre vós estiver sem pecado, atire a primeira pedra” (Jo 8, 7). Jesus toca a consciência daqueles homens que exigiam justiça e se apresentavam como fiéis cumpridores da Lei, subjugando os mais fracos, mas sem olharem primeiro para dentro de si mesmos. Não se deram conta de que estavam diante do justo juiz e saem um após outro e apenas ficam Jesus e a mulher, a misericórdia e a miséria. O diálogo que se estabelece de seguida entre aquela mulher e Cristo revelam o mais fino teor daquilo que é a misericórdia divina. O pecado é perdoado, mas não sem um pedido de mudança de vida, ou seja, de conversão: “Vai, e de agora em diante não tornes a pecar” (Jo 8, 11b). Não se pode entrar na lógica de que posso sempre pecar que Deus sempre perdoa, isso seria agir de má-fé com Deus, pois, o acento não está em que Deus perdoa sempre, mas que o homem pecador é convidado a mudar de vida e a pedir o auxílio e graça divina para não tornar a pecar. (cf. SANT’AGOSTINO, *Commento al vangelo di San Giovanni. La donna adultera*, em https://www.augustinus.it/italiano/commento_vsg/index2.htm, acessado em 07/09/2019.

riqueza da misericórdia. A misericórdia é algo a ser vivido no dia-a-dia das comunidades e de toda a Igreja em todos os momentos. “Não se pode reduzir a um parêntese na vida da Igreja, mas constitui a sua própria existência, que torna visível e palpável a verdade profunda do Evangelho” (MM 1).

No centro da cena, não está uma lei crua e intransigente, mas puramente a lei do amor. Neste encontro, Cristo leu nos olhos e no coração da mulher, um desejo mais profundo do que as cicatrizes dos seus pecados: o desejo de ser perdoada, e assim, “a miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor” (MM 1). Por outras palavras, pode dizer-se que o mesmo Cristo hoje também sente no âmago da humanidade essa sede de amor, de carinho, de acolhimento, de perdão; o que faz do nosso tempo uma época, um *kairós* de misericórdia.

A Carta Apostólica do papa Francisco, coloca enfoque no “encontro” que Jesus tem com outra mulher (Lc 7, 36-50). Aquela mulher irrompe pela sala de refeições, de modo a surpreender todos os presentes e coloca-se aos pés de Jesus chorando amargamente. O Senhor olha-a com amor, acolhe o seu arrependimento manifestando assim que “nada que um pecador arrependido coloque diante da misericórdia de Deus pode ficar sem o abraço do seu perdão” (MM 2). Aponta para os inúmeros momentos da Palavra de Deus, em que a misericórdia é anunciada como regeneradora e transformadora da vida daqueles que acreditam e acolhem o perdão de Deus, dando, por isso, lugar a uma vida nova e alegre. A alegria que num mundo tão atribulado, como é o do nosso tempo, corre o risco de ficar à sombra de angústias e preocupações diversas.

A misericórdia abre caminho para a esperança numa vida nova: “ a alegria do perdão é indescritível, mas transparece em nós sempre que a experimentamos” (MM 2), e, deste modo, tornamo-nos instrumentos da própria misericórdia porque, diz o Papa Bergoglio: “na sua origem, está o amor com que Deus vem ao nosso encontro, rompendo

o círculo de egoísmo que nos envolve” (MM 2). E, em consequência disso, brota no coração daquele que é misericordiado um sentimento de gratidão, que contrasta com os muitos sinais da indiferença dos tempos hodiernos.

O documento em apreço aponta igualmente e, repetidas vezes, para a abrangência pastoral que a misericórdia deve alcançar. A proposta eclesial aponta para uma “Igreja em saída”, cuja missão deve ser permeada de verdadeira misericórdia, pois esta é “a arquitrave que suporta a vida da Igreja. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia. A credibilidade da Igreja passa pelo caminho do amor misericordioso e compassivo. A Igreja “vive um desejo inexaurível de oferecer misericórdia” (MM 10), que deve suscitar nas comunidades uma conversão nos processos de evangelização que tenham no seu âmago o poder renovador que a misericórdia oferece. O papa Francisco sonha com uma Igreja que se equipare a “um hospital de campanha, onde se curam prioritariamente as feridas mais graves. Uma Igreja que aqueça o coração das pessoas com a proximidade”¹⁸⁰.

A Igreja é chamada a celebrar a misericórdia; esta é um mistério que é celebrado. As orações litúrgicas remetem ricamente para a sublimidade da misericórdia de Deus, e ao mesmo tempo, suscitam no homem o querer ser misericordioso. A Eucaristia aparece como o ponto mais alto da celebração da misericórdia, porque é “memorial do mistério pascal de Cristo, do qual brota a salvação para todo o ser humano, a história e o mundo inteiro” (MM 5).

Em relação à dimensão celebrativa nas comunidades, o Papa destaca a importância dos sacramentos da cura - Unção dos Enfermos e Penitência – que, nas suas fórmulas, dão especial ênfase à misericórdia, de tal modo que “a referência à misericórdia na oração

¹⁸⁰ FRANCISCO, *O nome de Deus é misericórdia. Uma conversa com Andrea Tornielli*, 25.

da Igreja, longe de ser apenas parenética, é altamente *realizadora*, ou seja, enquanto a invocamos com fé, é-nos concedida; enquanto a confessamos viva e real, efetivamente transforma-nos” (MM 5).

O papa Francisco apela à criatividade nas atividades que têm como finalidade difundir a misericórdia. É preciso dar espaço a que se realizem encontros que tenham como objetivo escutar a Palavra de Deus, porque, sendo “a Bíblia a grande narração que relata as maravilhas da misericórdia de Deus” (MM 7), leva a que as pessoas que se juntam para encontros de estudos bíblicos ou para o exercício da *Lectio Divina*, se percebam envoltos neste dinamismo da misericórdia de Deus e a desejem por em prática nas relações interpessoais (MM 7).

Retomando o assunto relacionado ao Sacramento da Penitência, Francisco exalta a sublimidade desse caminho de encontro pessoal com a misericórdia, uma vez que “este é o momento em que sentimos o abraço do Pai, que vem ao nosso encontro para nos restituir a graça de voltarmos a ser seus filhos” (MM 8). Assinala o Sumo Pontífice que a graça de Deus é manifesta ao pecador justamente em face da sua debilidade e apresenta-se sempre superior ao pecado. Trata - se de uma oportunidade preciosa de reaproximação com o Senhor (2Cor 5,20), e essa oportunidade de ser perdoado, suscita no homem o desejo de sempre perdoar (MM 8).

Ao sacerdote, ministro do perdão, o papa Francisco pede gestos nobres para com o penitente, tais como grandeza de coração, dado que “cada penitente lhe recorda a sua própria condição pessoal: pecador, mas ministro da misericórdia” (MM 10). Em suma, é preciso que a misericórdia triunfe sobre a lei, pois “não há lei nem preceito que possa impedir a Deus de reabraçar o filho que regressa a Ele, reconhecendo que errou, mas decidido a começar de novo” (MM 11). O papa Francisco constata que ante a

complexidade de algumas situações, um gesto de silêncio para com os sofredores pode significar uma atitude de consolo (MM 13).

O Papa sugere que no fazer misericordioso da Igreja, não seja descuidada a atenção às famílias, porque nos tempos atuais muitas são as ameaças ao ideal cristão de família, à integridade da vivência do Sacramento do Matrimônio (MM 14). Nesse sentido, a Igreja manifestará misericórdia, quanto melhor efetivar esse acompanhamento.

No momento presente, os cristãos são incentivados a serem agentes de misericórdia, pois esta “é a hora de dar espaço à imaginação a propósito da misericórdia para dar vida a muitas obras novas, fruto da graça” (MM 18). Como, já abordámos em momentos anteriores, desde o início do seu pontificado, o papa Francisco mostrou-se um pastor amplamente preocupado com os problemas sociais, e a maneira como a dignidade humana é violada de maneira reiterada. É aí que é necessário aplicar o remédio da misericórdia e do perdão, em que a Igreja aparece como Mãe solícita para os excluídos, pobres, marginalizados da sociedade, vítimas de um sistema político e económico segregador.

O Santo Padre na sua Carta Apostólica refere-se, não apenas à pobreza material, mas alude com igual preocupação, à pobreza espiritual que hoje grassa de modo alarmante e em grande escala, e necessita do olhar atento da Igreja. “O carácter social da misericórdia exige que não permaneçamos inertes, mas afugentemos a indiferença e a hipocrisia para que os planos e os projetos não fiquem letra morta” (MM 19).

Para o papa Francisco a misericórdia não se deve encerrar em gestos ocasionais e dispersos, mas tornar-se o gene do agir humano; que seja uma realidade que impregna todas as culturas, onde haja espaço para o verdadeiro encontro entre as pessoas, e se faça frente a todas as formas de indiferença, mesmo veladas (MM 20). Neste âmbito, diz-nos o Papa, é seu “desejo que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao

encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e a ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus já presente no meio de nós” (MV 5). Deste modo, percebemos que a misericórdia não é algo a guardar para nós, mas trata-se de um tesouro que é preciso partilhar com “os irmãos atribulados, para que sejam sustentados pela força da misericórdia do Pai” (MM 21).

Ao concluirmos este ponto, podemos ver que as reflexões acerca da misericórdia, amor, caridade levadas a cabo pelos referidos Pontífices, com o seu enquadramento temporal, social, cultural e político próprios, engrandecidos pelo testemunho pessoal, são de uma grande riqueza e nunca extemporâneos, porque a misericórdia não é uma realidade abstrata e estática, mas dinâmica, que é experimentada e que implica a vida das pessoas, e, por isso, a sua prossecução torna-se um desafio sempre novo de abertura e solicitude para com o próximo.

CAPÍTULO V

A MISERICÓRDIA, UMA PRAXIS

Neste capítulo apontamos como a vida do homem no âmbito social, familiar e cultural é um espaço que clama por misericórdia, e o modo como a Igreja e a comunidade cristã procura responder a esse apelo. As obras de misericórdia são o mote para a presente reflexão.

1. Obras de Misericórdia

A misericórdia de Deus onera a forma do homem viver, nomeadamente os cristãos, na medida em que um dos aspetos fundamentais da fé cristã, é a resposta que o homem dá à misericórdia divina, tanto quanto, seja misericordioso com o próximo. A misericórdia é este dinamismo que ocorre ao nível horizontal, e que tem repercussões escatológicas, “o ser humano só obterá misericórdia divina se exercer a misericórdia para com o seu semelhante”¹⁸¹.

A diferença entre Deus e o homem é abissal, entre Criador e criatura incomensurável; no entanto, por Jesus, é exigido do homem um comportamento semelhante ao do próprio Deus: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é

¹⁸¹ H. ALVES, “A misericórdia na Bíblia”, in S. ALBERTO (Org) , *Sinais de misericórdia*, Paulinas, Lisboa, 2016,167.

misericordioso” (Lc 6, 36). O agir misericordioso do ser humano espelha a verdadeira misericórdia que só é possível a Deus. Esta exortação de Jesus não é “uma ordem formal apodítica, mas um conselho de carácter parenético”¹⁸². Deve enquadrar-se no contexto das bem-aventuranças, como um projeto nunca terminado e não como um mandamento, uma ordem rigorosa. O Evangelho é bem diferente da mentalidade dos fariseus; Jesus dava espaço ao amor e à misericórdia, enquanto a lei era o baluarte de intransigência.

Esta atitude misericordiosa do homem para com o seu próximo, não é uma moeda de troca a usar na relação com Deus; ou seja, somos misericordiosos com o irmão para que ganhemos a misericórdia de Deus. A lógica da misericórdia é completamente distinta do anteriormente mencionado, não se trata de um “mercado de favores”. A misericórdia de Deus para conosco não é um efeito da nossa misericórdia, nem é proporcional a esta. “Devemos ter misericórdia *porque* recebemos misericórdia e não *para* receber misericórdia”¹⁸³.

A medida da nossa misericórdia não está em nós, mas em Deus; é preciso que nos revistamos de sentimentos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão e de paciência e que nos perdoemos uns aos outros como o Senhor nos perdoa (Cl 3, 12-13). Se não formos misericordiosos, não alcançaremos misericórdia; é assim que lemos, pela negativa, a quinta bem-aventurança. Quando nos alheamos ou negamos o dinamismo de misericórdia que Deus tem em marcha, estamos a estigmatizar os pobres, a pôr de parte os mais frágeis da sociedade, aqueles que são os eleitos do Senhor.

As obras de misericórdia são as ações mais importantes e necessárias a praticar para tornar visível, dar conteúdo aquilo que é a misericórdia. “Deste modo a imitação da misericórdia de Deus tem reflexos nos pobres, nos mais pequenos; ou seja, a misericórdia

¹⁸² *Ibidem.*

¹⁸³ R. CANTALAMESSA, *O Rosto da Misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2019, 134.

de Deus só atinge o seu objetivo nos pobres deste mundo, se lhe emprestarmos as nossas mãos”¹⁸⁴. Quando falamos em imitação, não se trata de uma repetição que fica por isso mesmo; antes, traduz uma aprendizagem que decorre de uma relação pessoal com Deus, de uma relação igual à do Mestre com o seu discípulo, em que este segue aquele.

As consequências positivas da misericórdia são visíveis na sociedade, pois quando esta é implementada, torna-se instrumento de comunhão e de perdão entre os homens e com Deus. Este sentir comum vai dar origem à alegria de sermos irmãos, e de nos sentirmos entre irmãos, o que não acontece quando damos voz ao egoísmo e à soberba¹⁸⁵.

Nós só seremos protagonistas da misericórdia, se nos deixarmos encontrar por Deus, nas nossas debilidades físicas, psicológicas, espirituais, o que requer uma grande humildade da nossa parte, pois isso é expor as nossas zonas de fragilidade¹⁸⁶. Mas é assim que nos sentimos misericordizados por Deus e somos capazes da misericórdia.

As obras de misericórdia remontam à ação de Jesus e têm como raiz o texto de Mt 25, 31-46:

“³¹«Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado por todos os seus anjos, há-de sentar-se no seu trono de glória. ³²Perante Ele, vão reunir-se todos os povos e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. ³³À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos.

³⁴O Rei dirá, então, aos da sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo. ³⁵Porque tive fome e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me, ³⁶estava nu e destes-me que vestir, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo.’

³⁷Então, os justos vão responder-lhe: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? ³⁸Quando te vimos peregrino e te recolhemos, ou nu e te vestimos? ³⁹E quando te vimos doente ou na prisão, e fomos

¹⁸⁴ *Ibidem*, 168.

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*, 69.

¹⁸⁶ Cf. T. MESSIAS, “Protagonistas da misericórdia de Deus”, in J. AMBROSIO (Coord), *A Misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho*, UCE, Lisboa, 2016, 173.

visitar-te?’⁴⁰E o Rei vai dizer-lhes, em resposta: ‘Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes.’

⁴¹Em seguida dirá aos da esquerda: ‘Afastai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e para os seus anjos!’⁴²Porque tive fome e não me destes de comer, tive sede e não me destes de beber,⁴³era peregrino e não me recolhestes, estava nu e não me vestistes, doente e na prisão e não fostes visitar-me.’⁴⁴Por sua vez, eles perguntarão: ‘Quando foi que te vimos com fome, ou com sede, ou peregrino, ou nu, ou doente, ou na prisão, e não te socorremos?’⁴⁵Ele responderá, então: ‘Em verdade vos digo: Sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer.’⁴⁶Estes irão para o suplício eterno, e os justos, para a vida eterna.»”.

Este texto é cheio de alusões sapienciais e teológicas, um texto descritivo que abre desse modo e assim termina (vv 31-33; v 46). No centro temos o dizer, a ação da Palavra, (vv 34-45), que, por sua vez, se pode dividir em duas aceções: uma positiva, um dizer “sim” e um dizer negativo, dizer “não” que têm uma correlação direta com o fazer ou não fazer¹⁸⁷.

O texto tem um alcance que extravasa as páginas em que se encontra escrito, insinua-se em toda a Bíblia, e dá-nos as bases das nossas obras de misericórdia. Nele vemos como Jesus se cruza todos os dias nos nossos caminhos “tortuosos e lamacentos e pede a nossa esmola em cada esquina, e quer que o nosso fazer seja criador, marcado pelo “sim”, como o d’Ele”¹⁸⁸. Dizer não ao irmão que se nos apresenta em estado de fragilidade, é como que entrar na indiferença e considera-lo como morto.

A selar a declaração afirmativa de Jesus, encontramos uma dupla afirmação sobre o fazer: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”; e “sempre que deixastes de fazer isto a um destes pequeninos, foi a

¹⁸⁷ Cf. A. COUTO, “As Obras de Misericórdia”, in *Humanística e Teologia*, Tomo XXXVII, Fasc.1, Junho 2016,174.

¹⁸⁸ *Ibidem*,176.

mim que o deixastes de fazer””, sendo que aos primeiros está reservada a salvação, e a estes últimos “o fogo eterno”.

A condenação resulta da inação, sem que outros critérios de fé ou de moral sejam tidos em conta. A única coisa que pesa é a ação feita com amor ao irmão mais pequenino, com quem Jesus se identifica. O cristão será julgado com base no amor, como dizia São João da Cruz: “«ao entardecer desta vida, examinar-nos-ão no amor.»” (MV 15). O fazer do cristão demarca-se de uma simples boa vontade, pois tem na sua génese o fazer por amor a vontade do Pai que está no céu e que nos foi manifestada em Jesus Cristo (Mt 7,21).

Em bom rigor, a expressão “obras de misericórdia”, não a encontramos em nenhum lugar da Sagrada Escritura, pois, ela deve-se aos rabinos através da expressão “*gemilût hasadîm*”¹⁸⁹, que a ensinaram e promoveram insistentemente a sua prática. “A misericórdia na linguagem rabínica era um termo técnico para designar a obra caritativa como exercício da misericórdia”¹⁹⁰. Por norma, mostra-se Deus a proceder à sua prática para depois concluir que a nós nos compete imitá-lo, ou são colocados e serem feitas por grandes figuras bíblicas para nos servirem de exemplo. Vejamos o exemplo do *Targum Pseudo Jonathan* sobre o Dt 34,6:

“ Bendito seja o nome do Senhor do mundo que nos ensinou o seu reto caminho. Ensinou-nos a vestir os nus quando visitou Adam e Eva. Ensinou-nos a acasalar noivos e noivas quando acasalou Eva e Adam. Ensinou-nos a visitar os doentes por causa da circuncisão. Ensinou-nos a consolar os que estão de luto quando se revelou novamente a Jacob, quando regressava de Paddan, lugar onde tinha morrido a sua mãe. Ensinou-nos a dar de comer aos pobres quando fez descer pão dos céus para os filhos de Israel.

¹⁸⁹ *Ibidem*,183.

¹⁹⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As obras de Misericórdia corporais e espirituais*, Paulus, Lisboa, 2015,33.

Ensinou-nos a enterrar os mortos quando morreu Moisés, pois apareceu junto dele na sua *Memra* (Palavra) acompanhado de bandos de anjos do serviço”¹⁹¹.

O cristão é chamado a atender a toda a pessoa e à pessoa toda, o que se traduz na prática reiterada de gestos de bondade, nomeadamente, ter paciência, dar de comer e beber, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, acolher o estrangeiro. Deus quer precisar das nossas mãos, do nosso ser, para chegar aos pobres e marginalizados que vivem nas periferias da existência, a fim de lhes restituir a dignidade filial para que foram criados. É preciso que continuemos a ser testemunhas e protagonistas de gestos simples e concretos que encham o coração de alegria e oferecem a verdadeira consolação (MV 15), e assim, materializar o amor misericordioso de Deus no meio dos homens.

O *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2447, acerca das “obras de misericórdia”, diz:

“são ações caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência.

As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem teto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos. Entre todos estes gestos, a esmola dada aos pobres é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus: “Se um irmão ou uma irmã não tiverem que vestir e lhes faltar o alimento de cada dia, poderá dizer-lhe algum de vós: "Ide em paz; abafai-vos bem e comei o que tendes na vontade? Se não lhes derdes o necessário para o corpo, de que lhes servem as vossas palavras. (Tg 2, 15-16)” (CIgC 2447).

Este número está inscrito na secção intitulada “O amor dos pobres” (2443-2449), que são os mais pequeninos e as “pérolas” do Coração de Jesus. Se rejeitamos um desses

¹⁹¹ A. COUTO, “As Obras de Misericórdia”, 184.

mais pequeninos é a Deus que rejeitamos (Mt 25, 40). O Concílio Vaticano II, a respeito deste amor fraterno universal recomenda,

“a reverência para com o homem, de maneira que cada um deve considerar o próximo, sem exceção, como um «outro eu», tendo em conta, antes de mais, a sua vida e os meios necessários para a levar dignamente, não imitando aquele homem rico que não fez caso algum do pobre Lázaro.

Nos nossos dias, urge a obrigação de nos tornarmos o próximo de todo e qualquer homem, e de o servir efetivamente quando vem ao nosso encontro. Isto torna-se visível no acolhimento que fizemos do velho que é abandonado por todos, do trabalhador estrangeiro explorado, do exilado, do filho duma união ilegítima que sofre injustamente por causa dum pecado que não cometeu, do indigente que interpela a nossa consciência, recordando a palavra do Senhor: «todas as vezes que o fizeste a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste» (Mt. 25,40)” (GS 27).

O desafio à escuta do grito de ajuda que nos chega da parte de tantos irmãos e irmãs feridos na sua dignidade, não deve ser ignorado nem deixado cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede a descoberta da novidade.

“As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós, para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira da indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo” (DM 15).

“A mensagem da misericórdia divina não é uma teoria estranha ao mundo e à prática das coisas; não se contenta com declarações sentimentais de comiseração”¹⁹²; têm visibilidade exterior e todas se prendem com a parte corporal do homem, contudo, este não é só corpo, também é espírito, e aí há feridas que é preciso curar com o “dar bom conselho”; “ensinar os ignorantes”; “corrigir os que erram”; “consolar os tristes”; perdoar as injúrias”; “suportar com paciência as fraquezas do próximo”; “rezar a Deus pelos vivos

¹⁹² W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 163.

e pelos defuntos”. Todos estes atos são atos de misericórdia, porque se prendem com o nosso prestar atenção e ser sensível à necessidade concreta que nos aparece.

O catálogo das obras de misericórdia corporais ou espirituais, não é um rol de atitudes caprichosas, mas toca os quatro tipos de pobreza. A mais simples de compreender é a pobreza física, ou económica: não ter nada que por na panela; o não ter um teto para se abrigar; o não ter emprego.

Não menos importante que a pobreza física é a pobreza cultural, que no caso extremo comporta o analfabetismo, a ausência ou escassez de formação, a carência de oportunidades de um futuro e exclusão da vida social e cultural. Como terceira forma de pobreza, temos a pobreza relacional, o drama da solidão e introversão, da morte do cônjuge, de familiares e de amigos, das dificuldades de comunicação, da autoexclusão da comunicação social ou da exclusão imposta por terceiros, da discriminação ou marginalização que levam ao isolamento. Por último temos a pobreza espiritual ou anímica, que nas sociedades ocidentais se traduz como desorientação e vazio interior, desespero, confusão moral e espiritual¹⁹³.

Como vimos, a diversidade das situações de pobreza, obrigam a que as respostas também sejam pluridimensionais. A *caritas* cristã é integral na medida em considere as diferentes dimensões da pobreza na sua reciproca conexão, e que a ajuda prestada não se prenda apenas com a sobrevivência, mas tenha como horizonte uma vida humanamente realizada¹⁹⁴.

¹⁹³ Cf. *Ibidem*, 176-177.

¹⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 177.

2. Misericórdia e Justiça

Procura-se neste ponto, refletir acerca da relação entre a misericórdia e a justiça e aferir a relevância que isso tem no campo das relações humanas.

O conceito de justiça tem as suas raízes na filosofia grega. Pitágoras entendia a justiça como igualdade. A escola pitagórica apresenta uma aceção restritiva de justiça, a qual seria medida a aplicar a todas as relações intersubjetivas¹⁹⁵.

Platão, não rejeitando nem ignorando a conceção pitagórica de justiça, tem uma noção diferente acerca da mesma. Entendia por justiça a harmonia que deriva da explicação das atitudes decorrentes das várias partes da alma e das várias classes sociais, com vista a um fim comum que é a vida no seu todo. Exigência fundamental da justiça é que cada um cumpra com o que lhe compete no contexto final¹⁹⁶. Para Platão, no contexto social, a justiça ocorre quando se dá a cada classe social aquilo que lhe pertence¹⁹⁷.

Aristóteles na *Ética a Nicómano*, apresenta-nos duas categorias de justiça: a distributiva e a comutativa. A justiça distributiva é a que reparte os bens da comunidade com a devida proporção entre os cidadãos, cabendo ao Estado o ónus de dar a cada um o que lhe é devido. Na justiça comutativa esse ónus cabe aos cidadãos nas relações que estabelecem no domínio particular. Para Aristóteles a justiça reúne em si todas as demais virtudes, e, de todas é a mais completa¹⁹⁸.

Os romanos retomam o conceito aristotélico de justiça e atribuem-lhe um carácter mais jurídico: “A Justiça é a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu”¹⁹⁹.

¹⁹⁵ Cf. G. DEL VECCHIO, “Giustizia”, in A. AZARA – E. EULA (Dirs.). *Novissimo Digesto Italiano*, V.7, Torinese, Torino, 1961,1112.

¹⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 1113.

¹⁹⁷ Cf. T.VIEIRA, *A Justiça na Igreja: compreensão teológico-jurídica*, *Scientia Canonica*, VI,nº1,11, in <http://scientiacanonica.Org./index.php/sc/issue/view/1>, acedido em 07/03/2019.

¹⁹⁸ Cf. ARISTOTELES, *Obras*, Aguilar, Madrid, 1964, 1227.

¹⁹⁹ JUSTINIANO, *El digesto de Justiniano* ; trad. y adapt. por Alvaro D'ora, Editorial Aramazi, Pamplona, 1968-1875, V.1, Frg10.

São Tomás de Aquino herda ambas as doutrinas, enriquece-as e completa-as com o significado bíblico-teológico. Define a justiça como virtude geral, porque ordena todas as demais virtudes ao bem comum, e serve de inspiração à justiça particular, pois, torna-se o princípio coordenador das relações entre pessoas²⁰⁰.

A Sagrada Escritura apresenta-nos Deus como misericórdia infinita e também como justiça perfeita o que dificulta no plano da humanidade articular estas duas realidades. Numa análise imediata, pode parecer-nos que são duas realidades que se contradizem; e na verdade tal oposição não acontece, porque é próprio da misericórdia divina levar ao cumprimento a verdadeira justiça, superando a lógica retributiva porque ao mal não se responde com o mal mas com o bem.

A “ justiça é uma das ideias centrais de toda a Bíblia, onde abundam paralelos, especificações e contextos matizados. Tem vários matizes na nossa língua, como o que chamaríamos justiça distributiva, retributiva, vindicativa, justiça social, direitos humanos. Em alguns contextos não se distingue muito da misericórdia e do amor: é um aspeto de ambos”²⁰¹.

A justiça na Bíblia apresenta-se como uma estrada mestra a percorrer. Trata-se de chamar aquele que fez mal, à conversão e, deste modo, suscitar a paz para o ofendido e o ofensor, sem necessidade de recorrer a um tribunal. Trata-se de um caminho difícil que requer da parte daquele que foi prejudicado que esteja disposto a perdoar, a querer a salvação e a desejar o bem de quem o ofendeu. O mal foi perdoado, e aquele que o praticou, é ajudado a voltar ao caminho do bem; nessa atitude concretiza-se o perdão e a misericórdia.

²⁰⁰ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, II – II, q.58, art. 6-7.

²⁰¹ A.VAZ, “Justiça e misericórdia na bíblia hebraica”, *Didaskalia* XLI (2011) I, 221.

A Sagrada Escritura mostra como a justiça é expressão concreta da misericórdia e da bondade de Deus; e sendo de inspiração divina, educa-nos, corrige e instrói na justiça (2Tm 3, 16). A justiça e o direito pertencem a Deus “são a base do seu trono”, (Sl 89, 15), dão origem à plena e íntegra existência e trazem paz. Podemos dizer que a paz e a justiça se “abraçaram” (Sl 85,11), e são inseparáveis, porque ambas são dons de Deus. A fidelidade à lei do Senhor, é, por si, expressão máxima da justiça, na medida em que é instrução teórico-prática que visa a edificação da comunidade.

“O apelo a um comportamento ético na vida, especialmente pela prática da justiça, da retidão, da autenticidade e da verdade, assentava em Israel na ideia de que o ser humano, fazendo o bem e fugindo do mal (praticando a *šedāqāh*), estava a reverberar no mundo a *šedeq*, a “justa ordem” estabelecida por Deus na criação do cosmo e do ser humano, segundo um plano de harmonia entre todos os seres”²⁰².

A Sagrada Escritura não exclui a regra do dar a cada um o que lhe pertence, mas há que reconhecer aí as necessidades pessoais e fundamentais do outro. O amor e a caridade são a fonte, a alma e o coroamento da justiça (DM 7). A justiça para a comunidade cristã, não se pode estabelecer no mero nível do valor, mas ordenar-se ao seu fim: a caridade²⁰³. A justiça na conceção cristã implica a compaixão, a misericórdia, a solidariedade e a fidelidade comunitária²⁰⁴. Deste modo, é preciso desfazer o equívoco de que a justiça se contrapõe à misericórdia.

Em Cristo, por meio da sua paixão, morte e ressurreição, temos a realização plena da justiça do Pai; n’Ele sela-se a nova e eterna aliança e é restituída ao homem a comunhão com Deus, com o próximo e com a criação. O homem ao ser remido do pecado

²⁰² *Ibidem*, 222.

²⁰³ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, II-II, q.23, a7.

²⁰⁴ Cf. T. VIEIRA, “A Justiça na Igreja: compreensão teológico-jurídica”, 14.

é-lhe devolvida a sua dignidade filial e faz com que a justiça divina supere o direito positivo dos seres humanos e até lhe possa servir de inspiração.

A justiça de Deus, vivida e anunciada por Jesus, está ao serviço da vida e da dignidade da pessoa humana: “Eu vim para que tenham vida” (Jo 10, 10). De modo específico, as Bem-aventuranças exprimem a essência da justiça evangélica, que se identifica com a caridade e com a comunhão, que edificam a comunidade cristã. A justiça do discípulo de Jesus, deve superar a justiça formal dos escribas e fariseus (Mt 5, 20), na medida em que esta é levada à perfeição (Mt 5, 21-48).

Concretamente, a justiça evangélica exige mais que a simples observação externa da lei, porque esta tem a sua raiz no íntimo do indivíduo e torna a caridade objetiva (Mt 5, 21-24); é fundamentada na atitude da conciliação, e não se deixa ofuscar pelo egoísmo (Mt 5, 25-26); supera a lei de talião, porque assegura, constrói e tutela a solidariedade e a comunhão na vivência da caridade fraterna (Mt 5, 38-42); expressa-se na sua mais profunda e sublime raiz, o amor pelos inimigos com o objetivo de alcançar a caridade perfeita (Mt 5, 43-48). A justiça evangélica que brota do mistério da misericórdia divina, é o fundamento e expressão das novas relações de amor e de liberdade, de comunhão e de paz.

A justiça na perspectiva cristã é a primeira exigência da caridade pela qual são reconhecidos a dignidade e os direitos do próximo²⁰⁵. “A originalidade e a tipicidade do significado bíblico e teológico da justiça, compreendem, superam e completam o significado filosófico-jurídico”²⁰⁶.

A Igreja é pela sua natureza promotora e defensora da justiça. Sob o impulso do Espírito Santo, realiza a sua vocação quando serve o seu Senhor em santidade e na justiça

²⁰⁵ Cf. A. BONORA, “Giustizia”, in P.ROSSANO - G. RAVASI - A. GIRLANDA (Orgs), *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. 3ªEd., Paulus, Milão, 1989, 714.

²⁰⁶ T.VIEIRA, “A Justiça na Igreja: compreensão teológico-jurídica”, 13.

(Lc 1, 75). A justiça é, assim, promessa do Reino de Deus (Mt 6, 33), e, por isso, expressão concreta da Sua misericórdia.

O papa Francisco trata da relação entre misericórdia e justiça na Bula *Misericordiae Vultus*, na qual diz que “a misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar” (MV 21). A partir do texto de Oseias, 11, apresenta-nos a justiça divina em contraposição com a justiça na lógica dos homens. A partir da infidelidade do povo de Israel, mostra como Deus não lhe dá o castigo devido, mas responde com misericórdia porque na sua onipotência não se encontra limitado por qualquer código.

“Oseias, ao pregar a justiça, pregava a fidelidade a um Deus vivo e pessoal, não a um código social escrito. Ele sabia que havia um código escrito, a lei da aliança do Sinai. Mas esse só tinha importância na medida em que orientava uma relação pessoal com Deus, que se concretizava na justiça social comunitária. O fundamental era o bom relacionamento com Deus, que na sua formulação mais ousada usava palavras de amor conjugal entre Deus e o seu povo”²⁰⁷.

Deus é como o esposo que ama profundamente a sua esposa, e o povo de Israel é a esposa que lhe foi infiel ao prestar adoração e culto aos deuses de Baal. Oseias dá a conhecer os esponsais entre Deus e o seu povo recorrendo à metáfora nupcial. Deus como esposo deixa cair o veredito da separação ditado no início do processo contra a esposa adúltera e abre espaço a uma reconciliação (Os 2, 4). Neste livro de Oseias há um apelo manifesto à conversão.

A relação entre Deus e Israel, pode ser entendido de acordo com o seguinte esquema: Os 1-2 (amor/desvio); Os 3 (amor e castigo); Os 4-7 (perdão); Os 10 – 11

²⁰⁷ A.VAZ, “Justiça e misericórdia na bíblia hebraica”, *Didaskalia* XLI (2011) I, 227.

(retorno)²⁰⁸. É neste dinamismo de fidelidade de Deus e infidelidade do povo de Israel, sucedido de arrependimento, que se escreve a história do povo hebreu e toda a história da salvação. É neste cenário que Deus continua a mostrar a sua misericórdia e amor numa atitude sempre pronta de perdão para com aqueles que a ele se convertem de todo o coração.

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai que ultrapassa a justiça retributiva, a qual cai em face da justiça da cruz, que é o símbolo do juízo de Deus sobre o mundo e a ela conduz todo o que n'Ele crê. “Portanto a Cruz de Cristo é o juízo de Deus sobre todos nós e sobre o mundo, porque nos oferece a certeza do amor e da vida nova” (MV 21).

A grande experiência da misericórdia de Deus faz-se no momento em que recebemos o Seu perdão. O perdão de Deus é um perdão ontológico capaz de renovar o ser do pecador na sua integralidade, que confere ao pecador uma outra identidade, que o transforma e o transfigura²⁰⁹. Deus perdoa de modo superabundante, e distancia-se do calculismo da justiça humana.

O homem recusa o amor divino, e Deus responde com um amor que não desiste, que vai ao encontro, procurando que o homem se converta. Há uma reversão, uma viragem no coração de Deus, que arrasa todos os parâmetros do coração humano, fortemente inclinado para a condenação, e para restabelecer os equilíbrios desfeitos²¹⁰.

Graciano diz-nos que “a justiça deve estar sempre em harmonia com a misericórdia e a caridade²¹¹, no entendimento que a misericórdia e o perdão não

²⁰⁸ J. SICRE, *Profetas*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987, 248.

²⁰⁹ Cf. R. TRENBLAY, “Justice humaine et pardon divin, un binome à articuler”, in A. GNADA – G. WITASZEK (Orgs), *Dono per un giusto comportamento morale – Giustizia e Misericórdia*, Edizioni Academiae Alfonsianae, Roma, 2016, 131.

²¹⁰ *Ibidem*, 132.

²¹¹ Cf. *DECRETUM GRATIANI*, pars 1, dist. 45, can. 10, *Scientia Canonica*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2018,17.

contradizem a justiça e nem a negam, mas a transcendem, como esclarece São Tomás: “longe de suprimir a justiça, a misericórdia é a plenitude dela”²¹².

O papa Francisco na Bula “*Misericordiae Vultus*”, mostra que na manifestação da misericórdia divina, há apenas graça e que esta nos foi dada pela entrega generosa de Cristo para que o pecador acredite e se converta. Conjugar misericórdia e justiça ao nível humano, não é tarefa fácil.

Como podemos falar de misericórdia a quem foi ofendido ou agredido de forma profunda na sua dignidade? Na sequência do que anteriormente foi dito, justiça e misericórdia não são duas realidades contrapostas e a misericórdia nunca será uma justificação para que não se faça justiça. Ao que praticou a ofensa ou foi injusto para com outrem, cabe-lhe pedir perdão pelo mal feito e em momento subsequente pedir misericórdia. O que espera receber misericórdia deve mostrar-se verdadeiramente arrependido. Ao que foi vítima da injustiça é pedido que perdoe as ofensas que lhe foram infligidas pelo infrator e, ir para lá da justiça humana e usar de misericórdia.

No plano humano sabemos que esta prática é difícil de concretizar, contudo, sendo a misericórdia um atributo divino é, por graça de Deus, inscrito no coração dos homens para os tornar capazes de perdoar e usar de misericórdia.

Até mesmo a misericórdia de Deus é concedida somente quando o homem se abre para acolhê-la com humildade e arrependimento. Estamos a falar de perdão em sentido próprio que vai para lá das simples fórmulas de cortesia e do simples apresentar desculpas²¹³.

O ordenamento jurídico-ecclesial, com os seus respetivos institutos jurídicos, tem a sua fundamentação primordial e justificação primeira, na natureza racional da pessoa

²¹² TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 21, a. 3.

²¹³ Cf. R. MUÑOZ, “Justicia y misericórdia. Culpa, punición y perdon”, *Scripta Theologica*, 2016, 132.

humana e na sua dimensão relacional. A racionalidade humana, por sua vez, está na base dos atos humanos, enquanto estes devem ser atos livres, conscientes e desejados. Desta forma, torna-se necessário instaurar uma ordem social, com princípios éticos e jurídicos, que regule as relações intersubjetivas, a fim de garantir, sincronicamente, uma fraterna e justa convivência social (bem social), e a plena realização de cada membro na comunidade (crescimento e bem-estar individual de cada pessoa humana)²¹⁴.

Para isso, a Igreja deverá fazer reinar sempre a *Caritas*, enquanto mandamento novo do Senhor, seja, como vimos, na ordem social, seja na dinâmica interna da sua vida eclesial. O ordenamento jurídico-eclesial estará, assim, diretamente vinculado à realidade mais profunda da pessoa humana; isto é, à sua relação com Deus e com o mistério da redenção. No mistério da redenção, todavia, a justiça tem razão de ser na misericórdia, que é expressão essencial da caridade. A misericórdia é a mais bela manifestação do amor que Deus tem por nós. O papa Francisco confirma a relação intrínseca e interdependente entre justiça e misericórdia, apontando, no entanto, a primazia da misericórdia, enquanto expressão máxima do amor (MV 21).

Neste contexto, a misericórdia evangélica vem a ser luz que ilumina e dá um sentido ulterior à justiça eclesial. São Tiago recorda-nos que a “misericórdia triunfa sobre o julgamento” (Tg 2, 13), e que, como nos diz S. Tomás, “a obra da divina justiça sempre pressupõe a da misericórdia e nesta se funda”²¹⁵.

Na verdade, a misericórdia humana tem sua fonte na misericórdia divina. A misericórdia é a palavra-chave de toda a história da salvação, porque Cristo é a misericórdia incarnada do Pai. Jesus veio para trazer a misericórdia, como diz São Paulo:

²¹⁴ Cf. T. VIEIRA, *A Justiça na Igreja: compreensão teológico-jurídica*, 17.

²¹⁵ TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, I, q. 21, a. 2.

“Deus, que é rico em misericórdia, pelo amor imenso com que nos amou, precisamente a nós que estávamos mortos pelas nossas faltas, deu-nos a vida com Cristo - é pela graça que vós estais salvos - com Ele nos ressuscitou e nos sentou no alto do Céu, em Cristo. Pela bondade que tem para conosco, em Cristo Jesus, quis assim mostrar, nos tempos futuros, a extraordinária riqueza da sua graça.” (Ef 2,4-7).

A Igreja deve ser arauto da justiça, mas isso, não a dispensa de ser testemunha da misericórdia divina, a qual é chamada a viver em todas as suas dimensões. A observância rígida da lei, na sua literalidade e dogmática, se não for acompanhada da caridade e da misericórdia, pode ser fonte de injustiça, como nos diz Cícero: “*summum ius, summa iniuria*”²¹⁶.

Na mensagem para a Celebração do “XXXV Dia Mundial da Paz”, o papa João Paulo II, destacou a relação que existe entre a paz, a justiça e o perdão, confirmando que “não há paz sem justiça e não há justiça sem perdão”²¹⁷.

Deus é sumamente justo e ao mesmo tempo cura as feridas com o aroma da misericórdia. A justiça e caridade, os princípios da Doutrina Social da Igreja apresentam-se no plano da humanidade como realidades distintas, porque para o homem um ato justo distancia-se daquilo que é um gesto de amor. Para nós, fazer justiça é dar ao outro “aquilo que lhe é devido”; ao passo que o que é dado por bondade se transforma num ato de misericórdia e, deste modo, uma coisa parece excluir a outra.

Em Deus não é assim: n’Ele, justiça e caridade coincidem: não existe uma ação justa, que não seja também um gesto de misericórdia e de perdão. Ao mesmo tempo, não

²¹⁶ CICÉRON, *Les Devoirs*, Trad. Maurice Testard, 2ªEd, Les Belles Letres, Paris,1970, 120.

²¹⁷JOÃO PAULO II, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, janeiro de 2002, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html, acedido em 31/07/2019.

há uma ação misericordiosa que não seja perfeitamente justa. Diz-nos o papa Francisco que na realidade “em Deus, justiça é misericórdia e misericórdia é justiça”²¹⁸.

Ao dizermos que a misericórdia é o principal atributo de Deus, esta “não pode ser um aspecto da justiça divina; antes pelo contrário, a justiça divina é que deve ser entendida a partir da misericórdia divina. A misericórdia aparece então como a justiça característica de Deus”²¹⁹.

3. A Igreja, “casa de misericórdia”

A Igreja, como a concebemos hoje em termos eclesiológicos, assenta em três pilares fundamentais: o anúncio, a liturgia e a diaconia. Estes são os elementos que definem a sua missão e identidade, sendo que, nenhum deles é fechado em si mesmo e se encontram de tal modo intrincados, que nenhum se efetiva plenamente de modo autónomo. No presente trabalho referir-nos-emos de modo particular ao anúncio e à diaconia.

“O anúncio e testemunho do Evangelho pela palavra e pela vida, a celebração da fé no culto e nos sacramentos, a diaconia como serviço interno de comunhão eclesial [...] não são compartimentos estanques. O anúncio do Evangelho é celebração da fé e serviço fraterno, a celebração da fé supõe e implica anúncio, tanto o anúncio como a celebração pedem coerência prática do serviço cristão; este, a seu modo, é também celebração da fé”²²⁰.

²¹⁸ FRANCISCO, *Justiça e misericórdia, Meditações matutinas na missa celebrada na Capela de Santa Marta*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/Papa-francesco-cotidie_20170224_justica-com-misericordia.html, acedido em 31/07/2019.

²¹⁹ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 113.

²²⁰ J. BORGES DE PINHO, “Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia”, 124.

3.1 Pelo anúncio e testemunho

Quando falamos em anúncio e testemunho, pensamos numa e só mesma realidade, embora se manifeste e concretize de diversos modos. A Igreja, que é chamada a centrar-se e concentrar-se no anúncio do verdadeiro Deus que nos foi revelado definitivamente em Jesus²²¹, que é amor e misericórdia. Crer em Deus que é amor misericordioso, tem consequências para a compreensão da nossa própria existência, para a ação eclesial e para a forma de agirmos no mundo. É preciso entender que a misericórdia não é uma simples atitude prático-pastoral, mas é a própria substância do Evangelho de Jesus. É uma realidade central que ilumina todas as expressões do viver e certamente também da teologia, porque “sem misericórdia, a nossa teologia, o nosso direito, a nossa pastoral, correm o risco de cair na mesquinhez burocrática ou na ideologia, que, por sua própria natureza quer domesticar o mistério. Compreender a teologia é compreender Deus, que é Amor”²²².

No centro do testemunho da Igreja estará sempre a mensagem de que o homem é amado de forma incondicional por Deus porque só “o amor é digno de fé”²²³. Diz-nos o papa Bento XVI:

“Nós cremos no amor de Deus - deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início de ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, como uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.” (DCE 1)

Falar do mistério de Deus, implica falar desta centralidade da misericórdia, pelo que, no anúncio e testemunho da misericórdia, não se trata só das consequências éticas e sociais desta mensagem, mas, em primeiro lugar e decisivamente, está em causa “uma

²²¹ Cf. *Ibidem*, 131.

²²² *Ibidem*, 132.

²²³ *Ibidem*, 135.

mensagem sobre Deus e a sua misericórdia”, e só depois as consequências que daí derivam para o comportamento humano. Trata-se de um horizonte iluminado pelo amor e pela misericórdia e perdão de Deus.

“Tudo o que temos a anunciar concentra-se no amor salvífico e misericordioso de Deus Jesus Cristo e na força do seu Espírito, veio ao nosso encontro, sustenta gratuitamente a nossa vida e solicita – para nosso bem como seres humanos – o acolhimento da fé e a resposta do amor”²²⁴.

3.2 Pelo serviço

A Igreja no tempo presente, tem mais impacto na sociedade pelos seus atos e menos pelas suas palavras. O bem-fazer e a caridade são dois aspetos que desde sempre, acompanharam a vida da Igreja e que por ela foram assumidas de forma institucional.

As primeiras comunidades cristãs tinham bem presente a dimensão caritativa e praticavam-na no seio das próprias comunidades, em favor dos mais necessitados (viúvas e órfãos). Esta acção estendia-se muitas vezes a outros grupos de cristãos que fossem mais carenciados (Gl 2,10; Rm 15,26; 2Cor 8,9)²²⁵, o que despertava o interesse e admiração por parte dos povos pagãos: “Vede como eles se amam!”²²⁶.

No século IV surgem os primeiros asilos para os pobres, os albergues para peregrinos e doentes, que posteriormente darão lugar aos hospitais medievais que foram fundados pelas ordens assistenciais,

“que, altruisticamente, se comprometeram e continuam a comprometer hoje, a favor das crianças, pobres, velhos, enfermos e incapacitados. O cristianismo exerceu uma

²²⁴ *Ibidem*.

²²⁵ W.KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 203.

²²⁶ TERTULIANO, *Apologia*, XXXIX, 7.

influência na cultura europeia e na cultura da humanidade que dá frutos na atualidade, em geral de um modo secularizado”²²⁷.

A Igreja não pode aceitar nem justificar o pecado; no entanto, não pode fechar os olhos e o coração aqueles que clamam por auxílio, e assim, não ser solidária com os pobres, os enfermos, os incapacitados, prostitutas, homossexuais, alcoólicos, drogados, porque sendo estes os mais pequenos da sociedade, são os destinatários privilegiados da misericórdia divina.

O acolhimento e a escuta destes “pobres”, desperta neles o desejo de conversão, e abre caminho à mudança de vida, porque se sentem amados e reconhecidos na sua dignidade. A Igreja não dá um testemunho credível de Cristo, se se colocar numa situação de aburguesamento, e não escutar a voz e as necessidades do mundo a quem foi enviada.

“A finalidade do viver e agir eclesiais não é a auto-perservação ou autoafirmação da Igreja, é, antes, deixar que a pessoa de Jesus e o Seu Evangelho possam ser reconhecidos no seu significado existencial para o viver humano e para o futuro da humanidade, à luz e na força do plano criador e salvador de Deus”²²⁸.

É em estado de saída e com as portas abertas aos homens e mulheres de hoje que a Igreja cumpre fielmente a missão de anunciar a misericórdia de Deus, suavizando o sofrimento de pessoas, da comunidade e dos povos. Como filhos de Deus, membros do Corpo de Cristo, devemos testemunhar com atitudes esta vocação da Igreja.

Só uma Igreja em saída, uma Igreja missionária, se dispõe a reformar as suas estruturas, viver a sinodalidade, a colegialidade e a misericórdia. “Uma Igreja da

²²⁷ W. KASPER, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, 204-205.

²²⁸ J. BORGES DE PINHO, “Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia”, 127.

misericórdia é aquela que coloca a pessoa humana, como valor que se sobrepõe à instituição”²²⁹.

Esta é uma verdade que tem que brotar do próprio entendimento de ser cristão e penetrar todo o tecido eclesial. O que está em jogo é a coerência daquilo que dizemos ser, com o que fazemos; é o nosso testemunho, ou não, do amor salvífico de Deus que creditará a missão da Igreja. Credibilidade, coerência, são características que os homens e mulheres de hoje reclamam dos cristãos e da Igreja.

A Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus Cristo e, porque Ele tinha como preocupação central o garantir dos direitos e dignidade dos pobres e oprimidos, a Igreja na sua missão não pode ter por objeto destinatários distintos daqueles que tinha o seu Mestre. Para usar a expressão do papa S. João XXIII, a Igreja é “Igreja dos pobres”.

Mas em que consiste concretamente este “ser dos pobres” ou como é que essa realidade configura a Igreja na sua totalidade? A Igreja sendo uma realidade histórica, com existência temporal e espacial, confronta-se com as mais diversas expressões de pobreza. Uma pobreza que apresenta matizes cada vez mais diversificados, e, por isso, é necessário que a Igreja esteja atenta a essas novas realidades, se empenhe e empenhe os meios e esforços necessários e possíveis, para que essas carências venham a ser superadas.

A marca do ministério pastoral do papa Francisco, é esta opção preferencial pelos pobres; deste modo, desencadeou um movimento de reforma ou conversão pastoral no seio da Igreja (EG 20-33). Diz-nos o Papa que a opção pelos pobres “é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG 198).

²²⁹ W. SANCHES, “Francisco e o desafio da cultura eclesial dominante”, in W. SANCHES – E. FIGUEIRA (Orgs), *Uma Igreja de portas abertas – nos caminhos do papa Francisco*, Paulinas, Lisboa, 2016, 65.

Os pobres ocupam um lugar especial no coração de Deus, e isso deve ter consequências na vida da fé dos cristãos e de toda a Igreja. A opção pelos pobres “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com a sua pobreza” (EG 198). O papa Francisco, neste contexto, patenteia e defende o seu desejo de “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198), destacando como “todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197), pelo que, não se deve descurar a ligação entre a evangelização e a promoção da pessoa (EG 178). No coração do Evangelho está a opção pelos pobres e, por isso, torna-se fundamental para a fé cristã.

A indiferença em face do clamor dos pobres, “coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto”; e “a falta de solidariedade, na satisfação das suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus” (EG 187).

A recomendação do Concílio de Jerusalém para que não se esqueçam os pobres reveste-se de grande atualidade e isso aparece como o critério de autenticidade eclesial (Gl 2,10). Nisso se joga e mede a autenticidade, a fidelidade e a credibilidade da Igreja.

O papa Francisco quando fala em pobres e periferias tem presente, a realidade social e existencial daqueles que são desprezados e esquecidos pela sociedade. Ele faz referência aos sem-abrigo, aos toxicodependentes, aos refugiados, aos migrantes, aos idosos, aos povos indígenas, às mulheres, aos nascituros. (EG 210-215).

A Igreja em face desta realidade não se pode satisfazer com os “grandes princípios” e cair em “generalizações”; é necessário que de modo criativo, lúcido e ousado, parta para a ação, e, nesse empreendimento, lute pelas transformações das estruturas da sociedade, satisfaça as necessidades imediatas, dê voz às causas, escute e acolha todos aqueles que são discriminados, e que têm a sua dignidade posta em causa. É preciso agir; “incidir com eficácia” nas situações de pobreza e sofrimento (EG 182).

A Constituição Dogmática Conciliar *Lumen Gentium*, acerca da Igreja diz que esta dá continuidade aos feitos de Jesus quando

“abraça com amor todos os afligidos pela fraqueza humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu Fundador pobre e sofredor, procura aliviar a sua miséria e tenta servir neles a Cristo" (LG 8).

Este é o critério orientador pelo qual a Igreja pauta a sua missão em face de todas as situações humanas de precariedade. O papa Francisco na Bula de convocação do ano jubilar da misericórdia, *Misericordiae Vultus*, diz-nos que a Igreja é chamada a ser um "oásis de misericórdia"; não apenas a Igreja em geral, mas todas as "paróquias, comunidades, associações e movimentos" (MV 12).

A manifestação concreta de que efetivamente a Igreja é essa casa de misericórdia, é o ser acolhedora dos filhos pecadores. O Santo Padre faz ressaltar a importância e necessidade primária de um "acolhimento genuíno [que se pode conjugar] com uma reflexão que ajude a compreender o pecado cometido e indicar um percurso de conversão autêntica para conseguir entender o verdadeiro e generoso perdão do Pai, que tudo renova com a Sua presença"²³⁰. Se há essa permissividade não se cai no laxismo, pois o pecado não deixa de ser condenado e rejeitado mas ao pecador é oferecida uma oportunidade para que se converta e entre na comunhão com o seu Senhor.

A misericórdia é a raiz das relações e da vida da Igreja; esta alimenta toda a praxis missionária, pois, tudo o que existe foi criado pelo amor de Deus e para Ele tudo se orienta. "O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do género humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações" (GS 45). A Constituição pastoral *Gaudium et Spes* inicia referindo que

²³⁰ Carta do papa Francisco a Dom Rino Fisichella, 1 de setembro de 2015, in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150901_lettera-indulgenza-giubileo-misericordia.html, acessado em 15/09/2019.

"As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração" (GS 1).

Em face do elevado número de situações de precariedade originadas pela cultura do imediato e da exclusão, a Igreja é chamada a dar respostas a estas crises difíceis por que passam os homens e mulheres do nosso tempo, nomeadamente no que toca à situação dos refugiados, dos migrantes, que denotam e têm por base uma crise em torno dos valores humanitários e políticos.

3.2.1 Os migrantes e refugiados

Neste ponto, a partir da leitura e análise das várias mensagens e alocuções do Papa dadas e feitas junto das autoridades internacionais e outros organismos não-governamentais, pomos em evidência como a crise dos migrantes e refugiados, é uma das causas que o Santo Padre agarrou no seu pontificado e para a qual chama a atenção do mundo.

A Declaração Universal dos Direitos do Homem diz-nos que as migrações são um fenómeno natural e que este se liga com a liberdade do homem se poder deslocar (DUDH 13). O problema surge quando essa movimentação é forçada pelos grandes desequilíbrios mundiais: guerras, catástrofes naturais, situação de extrema pobreza, perseguição étnica e religiosa.

A crise atual dos migrantes e refugiados tem vindo a agitar os Estados. O número de homens, mulheres e crianças que abandonam a sua terra natal, pelas causas mencionadas no parágrafo anterior, “batem” à porta de outros países em busca de melhores condições de vida, e, tantas vezes, de paz e dignidade para a sua existência. A

resposta pronta de comunidades, famílias e organizações civis não-governamentais, ajudou a suavizar esta agonia; contudo, está longe de estar resolvida.

Em face desta situação, o Papa aponta caminhos de resposta a ser percorridos com fé, esperança e caridade, e que se concretizam pela prática das obras de misericórdia espiritual e corporal. No entanto, a caridade cristã precisa estar sedimentada no âmbito da vida política e legal dos Estados; não é suficiente a solidariedade pessoal que brota de um coração misericordioso. A vivência e o fortalecimento de uma cultura da solidariedade, “significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns” (EG 188) e que enfrente e supere a “cultura do descartável” (EG 53), o “ideal egoísta” e a “globalização da indiferença” que se desenvolveram e se impuseram no nosso mundo, tornando- nos “incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios” e de nos desresponsabilizar diante das suas necessidades e sofrimentos (EG 54,67).

Para grandes males é preciso encontrar grandes e muitos remédios que só são possíveis de alcançar se houver um empenho internacional para combater as causas desses flagelos humanos.

O fenómeno da mobilidade humana é sinal dos tempos a ser enfrentado e entendido com sensibilidade e sentido de justiça²³¹. Sabendo a Igreja que não pode resolver de modo unilateral este problema, que na realidade é uma crise, ela não fica de braços cruzados e acompanha pastoralmente essas situações, exigindo que a comunidade internacional adote políticas e tome posturas mais ativas. Esta crise humanitária dos

²³¹ Cf. Discurso do papa Francisco aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita “ad Limina Apostolorum”, Quinta-feira, 12 de Novembro de 2015, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151112_ad-limina-slovacchia.html, acedido em 17/09/2019.

migrantes e refugiados, desenha-se no contexto global de mudanças económicas e sociais acompanhado da evolução tecnológica e revolução cultural.

O papa Francisco pede aos líderes políticos mundiais uma resposta adequada e proporcional à atual crise, por forma a fazer valer “o bem comum maior: [em que] uma comunidade [sacrifica] os interesses particulares para poder partilhar, na justiça e na paz, os seus benefícios, os seus interesses, a sua vida social”²³².

A crise humanitária a que assistimos, parece-nos sem precedentes na história, e, é consensual que está longe de ter chegado ao fim. A falta de vontade política, a lentidão e burocracia impostas pela comunidade internacional que não dá uma resposta satisfatória a esta situação, o que faz, que a crise se estenda no tempo e abre espaço a que cresçam o número de campo de refugiados em várias partes do mundo, tudo devido à falta de espaços de integração nas sociedades ditas desenvolvidas. É uma crise que custa muitas vidas. Para confirmar isso, basta olharmos para as mortes que têm acontecido de forma dramática no mar Mediterrâneo.

O Sumo Pontífice ressalta que se houverem condições económicas, sociais, políticas e religiosas na própria terra, meios de viver dignamente e em paz, não é necessário que as pessoas ponham em risco as suas vidas e enveredem por caminhos de precariedade que se cruzam com o crime organizado, o trabalho escravo, a prostituição e, até mesmo, situações de tráfico humano. São essas realidades de pobreza que ocupam e preocupam o Santo Padre e a elas dirige grande parte das suas mensagens, denunciando a relação que existe entre migrações e pobreza²³³.

²³² Discurso do Santo Padre por ocasião da visita ao Congresso do Estado Unidos da América, Washington, Capitólio, Quinta-feira, 24 de Setembro de 201, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html, acedido em 18/09/2019.

²³³ Cf. Mensagem do papa Francisco para a 100ª Jornada Mundial do migrante e do refugiado, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20130805_world-migrants-day.html, acedido em 20/09/2019; Mensagem para a XXIX

Não compete à Igreja, muito menos à Doutrina Social da Igreja, desenvolver e apresentar um modelo económico e político para a sociedade. A Igreja oferece ao mundo princípios orientadores, critérios, que garantem a dignidade e os direitos fundamentais do homem, como são:

- O respeito pela dignidade transcendente do ser humano que traduz a igualdade de todo o género humano;

- O princípio do bem comum explicita o respeito pelas condições do conjunto da vida social e tem como objetivo que todos possam alcançar a sua realização;

- O princípio da destinação universal dos bens que defende que a ninguém deve faltar os bens necessários para viver, visto que a criação é de todos;

- O princípio da subsidiariedade que leva as sociedades, organismos e outras instâncias a adotarem atitudes de apoio, promoção e desenvolvimento das sociedades mais carenciadas;

- O princípio da participação que está na base da democracia e que assegura que todos devem participar da vida pública;

- O princípio da solidariedade como virtude moral e concretização da dimensão social do ser humano; por fim, os valores fundamentais da vida social que não podem faltar: verdade, liberdade, justiça e amor²³⁴. Em face destes princípios cabe às autoridades responsáveis pelo governo das nações, acolhê-los nas políticas e leis próprias do seu Estado.

A dignidade da pessoa humana é um conceito central para a antropologia teológica e para a Doutrina Social da Igreja, bem como para a missão evangelizadora da Igreja. O

Jornada Mundial da Juventude (Domingo de Ramos –13 de abril de 2014), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, acedido em 21/09/2019.

²³⁴ Cf. CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Cascais, 2005, 115-142.

ser humano têm um valor intrínseco que lhe advém de ter sido criado à imagem e semelhança de Deus, assume uma dignidade inigualável em toda a criação, pelo que, não pode ser usado como meio, não é instrumentalizável como um produto ou mercadoria, é reconhecido como um fim em si mesmo.

O Papa, no seu discurso ao Parlamento Europeu, afirmou a extrema necessidade da defesa da dignidade da pessoa humana, nesta altura em que chegam à União Europeia uma grande massa de migrantes e refugiados. Salienta o Sumo Pontífice que é preciso dar resposta a esta crise.

“É necessário enfrentar juntos a questão migratória. Não se pode tolerar que o Mar Mediterrâneo se torne um grande cemitério! Nos barcos que chegam diariamente às costas europeias, há homens e mulheres que precisam de acolhimento e ajuda. A falta de um apoio mútuo no seio da União Europeia arrisca-se a incentivar soluções particularistas para o problema, que não têm em conta a dignidade humana dos migrantes, promovendo o trabalho servil e contínuas tensões sociais. A Europa será capaz de enfrentar as problemáticas relacionadas com a imigração, se souber propor com clareza a sua identidade cultural e implementar legislações adequadas capazes de tutelar os direitos dos cidadãos europeus e, ao mesmo tempo, garantir o acolhimento dos imigrantes; se souber adotar políticas justas, corajosas e concretas que ajudem os seus países de origem no desenvolvimento sociopolítico e na superação dos conflitos internos – a principal causa deste fenómeno – em vez das políticas interesseiras que aumentam e nutrem tais conflitos. É necessário agir sobre as causas e não apenas sobre os efeitos”²³⁵.

Neste discurso ressalta a estreita relação entre a dignidade e os direitos inalienáveis que lhe estão associados, que não estão ao dispor do arbítrio de ninguém, nem sujeitos aos benefícios de interesses económicos. O Papa lança o desafio para que a Europa se reconstrua como comunidade aberta, em saída, e que não gire em torno da economia, mas da sacralidade da pessoa humana. É um desafio ambicioso que exige um

²³⁵ Discurso do Santo Padre ao Parlamento Europeu, 25 de Novembro de 2014, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-Francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html, consultado em 25/09/2019.

trabalho conjunto, porque o problema dos refugiados e das migrações diz respeito a todos e a todos implica na busca de uma solução para esta crise humanitária. É preciso pensar e agir de forma global, para que efetivamente se alcance o objetivo pretendido, dar dignidade àqueles que a buscam.

A pobreza, subdesenvolvimento, miséria, falta de oportunidades de trabalho e perspectiva de vida, estão relacionados diretamente com a mobilidade humana, sobretudo com os deslocamentos forçados. O Papa com muita insistência, combate uma economia que mata, que não tem como prioridade a vida humana, que não busca diminuir a desigualdade social, que não respeita a dignidade das pessoas, que considera o ser humano como mercadoria, que gira em torno do consumo e exclui aqueles que não entram nessa lógica. A sua postura é firme no que toca à defesa da dignidade, porque esta não deve ser diminuída nem retirada a nenhum ser humano por mais pobre que seja.

A fome é outro flagelo que o papa Francisco denuncia e condena com veemência. Diz-nos que é uma contradição que a humanidade em pleno séc. XXI, com todo o desenvolvimento científico e tecnológico, ainda não tenha conseguido superar o drama da fome, mesmo tendo colocado prazos para atingir tal objetivo. Uma contradição que é veiculada por falta de vontade política para tal, visto que há condições efetivas para isto²³⁶.

É preciso promover a justiça social e reconhecer os direitos básicos e fundamentais para que a vida humana seja possível e se desenvolva. A Doutrina Social da Igreja, embora não tenha como fim desenvolver qualquer modelo económico ou

²³⁶ Cf. Discurso do papa Francisco aos Org.anismos de caridade católicos que trabalham no contexto da crise na Síria, 30 de maio 2014, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-Francesco_20140530_operatori-carita-siria.html, acedido em 28/09/2019.

político, oferece ao mundo princípios orientadores, critérios para que a justiça e paz social não sejam uma utopia, antes realidades a alcançar.

O Papa fala-nos incessantemente nas periferias como lugares onde se concentram os pobres, os marginalizados, os excluídos do convívio social dos centros das grandes cidades. Essas periferias podem e são normalmente e em grande parte geográficas, contudo, também em muitos casos existenciais. É nas periferias que a segregação social assume rostos, ganha “carne”, e é aí que a Igreja se quer fazer presente, porque nesses “pobres” está presente o Senhor Jesus. A estas pessoas a Igreja leva a Boa Nova que é o Evangelho, pelo qual lhes é dado um horizonte de esperança para uma vida nova.

O papa Francisco, aos sacerdotes, pede que se deixem impregnar pelo “cheiro das ovelhas”, se comprometam com a vida desses pequeninos, porque é aí e neles que Jesus está presente. É no rosto dos pobres que encontramos a face de Cristo que sofre (LS 49). As periferias são por isso “lugares teológicos” onde Deus fala ao mundo e quer que o mundo escute e acolha esses pequeninos, lhes leve a esperança perdida e lhes devolva a dignidade e sentido da vida. “O caminho de Jesus começou na periferia, vai dos pobres e com os pobres para todos”²³⁷.

O Sumo Pontífice diz-nos que a realidade se percebe melhor a partir das periferias e não do centro²³⁸. A maneira como relaciona o centro com a periferia é o que dá sustentabilidade ao seu empenho em promover uma Igreja em saída e isso é bem explícito quando afirma que:

²³⁷ Discurso do papa Francisco em visita ao bairro pobre de Kangemi – Nairobi/Quênia, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html, acedido em 06/10/2019.

²³⁸ Cf. Homilia do papa Francisco na visita à paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias – Solenidade da Santíssima Trindade, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130526_omelia-parrocchia-elisabetta-zaccaria.html, acedido em 06/09/2019.

“Isto é um perigo: fecharmo-nos na paróquia, com os amigos, no movimento, com aqueles que pensam as mesmas coisas que eu... Sabeis o que sucede? Quando a Igreja se fecha, adoece, fica doente. Imaginai um quarto fechado durante um ano; quando lá entras, cheira a mofo e há muitas coisas que não estão bem. A uma Igreja fechada sucede o mesmo: é uma Igreja doente. A Igreja deve sair de si mesma (EG 45). Para onde? Para as periferias existenciais, sejam elas quais forem..., mas sair. Jesus diz-nos: «Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!» (Mc 16,15). Entretanto que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo a que estão sujeitos quantos saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo-vos: Prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, caída num acidente, que uma Igreja doente por fechamento! Ide para fora, saí!”²³⁹.

E noutro texto afirma:

“O Espírito Santo ergue o nosso olhar para o horizonte e impele-nos para as periferias da existência a fim de anunciar a vida de Jesus Cristo. Perguntemo-nos, se tendemos a fechar-nos em nós mesmos, no nosso grupo, ou se deixamos que o Espírito Santo nos abra à missão”²⁴⁰.

O papa Francisco diz-nos que é preciso combater esta cultura da indiferença em face das necessidades e sofrimento dos outros, em que a tónica está no “ter” e não tem como prioridades o ser humano, a sua vida e as suas necessidades. “Frente às antigas e novas formas de pobreza (o desemprego, a migração, muitas dependências de vários tipos) vencer a tentação da indiferença. Os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora²⁴¹”.

²³⁹ Discurso do papa Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html, acedido em 10/10/2019.

²⁴⁰ Homilia do papa Francisco na missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130519_omelia-pentecoste.html, acedido em 15/10/2019.

²⁴¹ Mensagem do papa Francisco para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, acedido em 18/10/2019.

O Papa defende que os pobres, os migrantes e refugiados não podem ser tidos e visto apenas como números de estatísticas, como um objeto ou alguém a quem se destinam recursos. É preciso vê-los como seres humanos, como irmãos, onde o Senhor se faz presente e a quem se procura restituir a dignidade ameaçada por tantos flagelos que os impedem de uma vida autenticamente feliz e realizada²⁴². Não nos podemos esquecer de que “são pessoas, não números, cada um com o seu fardo de dor, que às vezes parece impossível carregar. [...] Encorajo-vos a ser irmãos e amigos dos pobres; a fazer com que se sintam importantes aos olhos de Deus”²⁴³.

O Bispo de Roma chama a atenção para os direitos fundamentais que devem ser garantidos a cada pessoa, afirma que “para a Igreja católica, ninguém é estrangeiro, ninguém é excluído, ninguém está distante”²⁴⁴. Cada cristão, cada Homem tem um lugar insubstituível no seio da Igreja, porque é único no coração de Deus.

Os direitos fundamentais do ser humano são verdadeiramente garantidos quando passamos da abstração à ação, o que leva a uma atitude de compromisso. Isso implica que cada Homem se empenhe verdadeiramente na promoção do outro, que se deixe implicar e envolva efetivamente e afetivamente naquilo que é a vida do próximo, pelo que, é necessário reunir forças, associar-se a outros, despoletar parcerias, colocar os seus dons ao serviço dos mais pobres.

²⁴² Discurso do papa Francisco aos participantes da Assembleia Plenária do Conselho PONTIFÍCIO dos Imigrantes e Refugiados, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html, acedido em 20/10/2019.

²⁴³ Discurso do papa Francisco no encontro promovido pela Fundação Banco Alimentar in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151003_banco-alimentare.html, acedido em 22/10/2019.

²⁴⁴ Discurso do papa Francisco à Olenária do Pontifício Conselho para a pastoral dos migrantes itinerantes, 24 de Maio de 2013 in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html, acedido em 23/10/2019.

É preciso que a cultura do descarte promotora da eliminação de objetos mas também dos seres humanos, no início e fim de vida; dos pobres, doentes, portadores de deficiência, todos aqueles que não contam para essa “economia que mata”, dê lugar à cultura do encontro que promove a convivência humana pautada por um diálogo fecundo e tolerante; uma cultura solidária, fraterna e integradora de todos os homens.

O papa Francisco tem desenvolvido esforços e apelado a uma solidariedade globalizada e uma cooperação internacional para por fim a esta situação de crise das migrações e refugiados, de modo que os Estados mais desenvolvidos e com mais recursos não voltem costas àqueles que precisam de apoio humanitário.

Tudo o que toca a vida humana reveste-se de importância capital para a Igreja porque esta está empenhada com o integral desenvolvimento do ser humano, o que a leva a ser diligente no combate das realidades que ameaçam a sua identidade e desejo de plenitude e de encontro com o transcendente.

Esta é a missão da Igreja no mundo moderno, estar atenta à realidade concreta das pessoas, usar da caridade e acolhê-las, acompanhá-las e incluí-las. Isto exige uma abordagem humanizadora, que transforme o ódio e as feridas em cicatrizes, que recorde a necessidade de amar, de ter esperança, de propor um projeto de vida.

O Papa Francisco lembra que o caminho que a Igreja percorre foi sempre o de Cristo, isto é, um caminho de misericórdia e integração. Ele foi muito claro ao afirmar que ninguém pode ser condenado para sempre porque esta não é a lógica do Evangelho, no entanto, conclui que se alguém persiste em viver um pecado objetivo e o defende como fazendo parte do ideal cristão, ou ensinar algo em contradição com aquilo que defende a Igreja, a comunhão eclesial é insustentável.

A Igreja não é movida por nenhuma força terrestre, o que a alimenta é o Espírito Santo, que lhe permite ser fiel à missão que Jesus lhe confiara e, por isso, reconhece-se

como humilde serva da humanidade. É estando presente na vida e tarefas dos homens que aí reflete a luz de Cristo na construção do mundo.

CONCLUSÃO

Chegados ao fim da nossa dissertação e, conscientes que esta reflexão não é fechada e fica aberta a outras reflexões de igual importância, tendo percorrido o caminho que Deus faz com a humanidade, aferimos que a misericórdia é um atributo divino e que pela graça divina é inscrito no coração do homem para que este seja capaz da misericórdia.

O ponto de partida foi a abordagem semântica e conceptual das palavras bíblicas que nos dizem a misericórdia, e, aí percebemos como Deus na sua sábia pedagogia se vai manifestando e dando a conhecer ao homem. Deus que se compadece e ama o seu povo mesmo quando este é infiel à Aliança, porque não pode deixar de ser fiél a si mesmo. Deus que se fez homem, em Jesus Cristo, para revelar ao homem verdadeiramente aquilo que ele é: filho muito amado do Pai.

O ser humano imagem e semelhança de Deus é chamado, através do seu ser, à comunhão com Deus e esta realidade converte-o num ser relacional, de comunhão, ser de comunicação. Assim podemos perceber que o ser humano deseja viver a sua verdade de modo muito íntimo e profundo, como dom, na mútua reciprocidade com todos os outros e com toda a realidade. O mistério do ser humano é do ponto de vista do mistério da encarnação e redenção um mistério de comunhão. Exprime assim o desejo de plenitude do ser e, por isso, não é só um *modus operandi* para facilitar uma certa relação com os outros seres humanos.

No decurso do nosso trabalho aferimos que a misericórdia não ocorre apenas numa relação vertical – de Deus para o homem – mas tem realização vertical, ou seja, na relação entre os homens; esse foi o mandato deixado por Cristo: “sede misericordiosos como é

misericordioso o vosso Pai” (Lc 6,36) e só assim alcançaremos a misericórdia divina (Mt 5,7). Este dinamismo de ser misericordioso para com o outro acontece porque também nós nos vemos necessitados de misericórdia, que nos chega da parte de Deus por meio da Igreja, que é o corpo místico de Cristo. Neste corpo, todos os membros entre si, devem prestar-se um serviço recíproco, segundo os dons de cada um, segundo os dons que lhe foram dados pelo Senhor.

Se tivéssemos que arranjar um conceito síntese, uma realidade para exprimir o conteúdo desta relação, não hesitaríamos em dizer que é o amor, mas não um amor qualquer, um amor de misericórdia, ou melhor, o amor misericordioso. A verdadeira humanidade encontra-se no desenvolvimento da convivência que humaniza, ou seja, de um emaranhado de relações direcionadas a acolher a condição humana na humana condição. Trata-se, portanto, de acomodar-se a partir de uma mútua compreensão na radical fragilidade humana e garantir que através de recíprocas relações de humanização a humanidade de cada um e de todos seja sempre melhor e em ordem a aprofundar a própria dignidade.

Uma das características do papa Francisco é ser um homem de discernimento, como alguém que é perfeitamente conhecedor da realidade do seu tempo. Num mundo em rápida transformação onde as mudanças acontecem de forma abrupta, é importante que a Igreja esteja atenta aos sinais dos tempos, como nos é referido no Concílio Vaticano II (GS 4^a, 11^a) para que possa cumprir fielmente a sua missão. Conhecer o mundo, a realidade e manter continuamente um espírito de discernimento, de investigação, de reflexão para aí ver os sinais de Deus que se nos quer comunicar hoje por meio destes sinais. Silêncio, reflexão e oração são dinamismos a ter em conta para que efetivamente a misericórdia divina se torne operante e eficaz no meio dos homens.

BIBLIOGRAFIA

- *BIBLIA SAGRADA, para o Terceiro milénio da encarnação*, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 2003.

I – DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

1. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes: A Igreja no mundo*, in *Concilio Ecuménico Vaticano II, documentos conciliares e pontificios*, 10ªEd., A.O., Braga, 1987.
2. JOÃO XXIII, Carta Encíclica *Mater et Magistra*, in STILWELL, Peter (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.
3. _____, Carta Encíclica *Pacem in Terris*, in STILWELL, Peter (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.
4. PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, in STILWELL, Peter (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.
5. _____, Carta Encíclica *Populorum Progressio*, Edições Paulistas, Lisboa, 1989.
6. _____, Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*, ao Cardeal Maurice Roy, por ocasião do 80.º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*, in STILWELL, Peter (Coord.), *Caminhos da Justiça e da Paz, Doutrina Social da Igreja, documentos de 1981 a 1991*, 4ªEd., Rei dos Livros, 2002.
7. JOÃO PAULO I, *Angelus Domini*, Domingo, 10 de Setembro de 1978, in https://w2.vatican.va/content/john-paul-i/pt/angelus/documents/hf_jp-i_ang_10091978.html, acedido em 18/02/2019.
8. JOÃO PAULO II, Carta Encíclica *Laborem Exercens*, Editorial A.O, Braga, 1981.
9. _____, Carta Encíclica *Sollicitudo rei Socialis*, Edições Paulistas, Lisboa, 1988.
10. _____, Carta Encíclica *Centesimus Annus*, Edições Paulistas, Lisboa, 1991.
11. _____, Carta Encíclica *Dives in Misericórdia*, 3ªEd., A.O., Braga, 1981.

12. ____, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz*, janeiro de 2002, in http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20011211_xxxv-world-day-for-peace.html, acedido em 31/07/2019.
13. BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, Paulinas, Lisboa, 2006.
14. ____, Carta Encíclica *Caritas in Veritate*, Paulus, Lisboa, 2009.
15. FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulus, Lisboa, 2013.
16. ____, Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, *Misericordiae Vultus*, Paulinas, Lisboa, 2015.
17. ____, Carta Apostólica *Misericordia et Misera*, Paulinas, Lisboa, 2016.
18. ____, *Justiça e misericórdia, Meditações matutinas na missa celebrada na Capela de Santa Marta*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/Papa-francesco-cotidie_20170224_justica-com-misericordia.html, acedido em 31/07/2019.
19. ____, *Homilia na visita à paróquia romana dos santos Isabel e Zacarias – Solenidade da Santíssima Trindade*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130526_omelia-parrocchia-elisabetta-zaccaria.html, acedido em 06/09/2019.
20. ____, *Carta a Dom Rino Fisichella*, 1 de setembro de 2015, in http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150901_lettera-indulgenza-giubileo-misericordia.html, acedido em 15/09/2019.
21. ____, *Discurso aos bispos da Conferência Episcopal da Eslováquia em visita “ad Limina Apostolorum”*, Quinta-feira, 12 de Novembro de 2015, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151112_ad-limina-slovacchia.html, acedido em 17/09/2019.
22. ____, *Discurso por ocasião da visita ao Congresso do Estado Unidos da América, Washington, Capitólio, Quinta-feira, 24 de Setembro de 2015*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html, acedido em 18/09/2019.
23. ____, *Mensagem para a 100ª Jornada Mundial do migrante e do refugiado*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/migration/documents/papa-francesco_20130805_world-migrants-day.html, acedido em 20/09/2019.
24. ____, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude* (Domingo de Ramos – 13 de abril de 2014), in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, acedido em 21/09/2019.
25. ____, *Discurso ao Parlamento Europeu, 25 de Novembro de 2014*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-parlamento-europeo.html, consultado em 25/09/2019.

26. ____, *Discurso aos Org.anismos de caridade católicos que trabalham no contexto da crise na Síria*, 30 de maio 2014, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140530_operatori-carita-siria.html, acedido em 28/09/2019.
27. ____, *Discurso em visita ao bairro pobre de Kangemi – Nairobi/Quênia*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_kenya-kangemi.html, acedido em 06/10/2019.
28. ____, *Discurso na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html, acedido em 10/10/2019.
29. ____, *Homilia na missa de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130519_omelia-pentecoste.html, acedido em 15/10/2019.
30. ____, *Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/youth/documents/papa-francesco_20140121_messaggio-giovani_2014.html, acedido em 18/10/2019.
31. ____, *Discurso aos participantes da Assembleia Plenária do Conselho Pontifício dos Imigrantes e Refugiados*, in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html , acedido em 20/10/2019.
32. ____, *Discurso no encontro promovido pela Fundação Banco Alimentar* in http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151003_banco-alimentare.html, acedido em 22/10/2019.
33. ____, *Discurso à Plenária do Pontifício Conselho para a pastoral dos migrantes itinerantes*, 24 de Maio de 2013 in https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130524_migranti-itineranti.html, acedido em 23/10/2019.

II – ESTUDOS

1. AGOSTINHO DE HIPONA, *Comentário ao Evangelho de S. João*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1944.
2. ALONSO, Carmen, “La maternidad divina de María, paradigma de la misericordia cristiana”, *Iglesia y Familia*, 37- novembro (2016), 1 - 10.
3. ALVES, Herculano, “A misericórdia na bíblia”, in SEZINANDO, Alberto (Org.), *Sinais de misericórdia*, Paulinas, 2016, 151-177.
4. ARISTOTELES, *Obras*, Aguilar, Madrid, 1964.
5. BONORA, Antonio, “Giustizia”, in ROSSANO, Pietro – RAVASI, Gianfranco – GIRLANDA, Antonio, *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*. 3ªEd., Paulus, Milão, 1989.

6. BORGES DE PINHO, José, “Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia”, in AMBROSIO, Juan (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCE, Lisboa, 2016, 124-165.
7. _____, “A Igreja, casa da misericórdia”, in *Humanística e Teologia*, UCE, Porto, 2016, 29-57.
8. BROER, Ingo, “Misericórdia”, in KASPER, Walter, *Diccionario Enciclopédico de exegesis y teologia biblica*, Tomo II, Herder, Barcelona, 2011, 1087 – 1089.
9. BULTMANN, Rudolf, “Eleos”, in KITTEL, Gerard, FRIEDRICH, Gerard, *Grande Léxico del Nuevo Testamento*, Vol. III, Paideia, Brescia, 1965, 400 - 419.
10. CANTALAMESSA, RANIERO, *O Rosto da Misericórdia*, 2ªEd., Paulus, Lisboa, 2019.
11. CERBELAUD, Dominique, “Misericórdia”. in LACOSTE, Jean (Org.), *Diccionario Crítico de Teologia*, Loyola, São Paulo, 2004, 1150-1152.
12. CICÉRON, *Les Devoirs*, 2ªEd., Les Belles Letres, Paris, 1970.
13. CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Cascais, 2005, 115-142.
14. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, *As obras de Misericórdia corporais e espirituais*, Paulus, Lisboa, 2015.
15. COUTO, António, “As Obras de Misericórdia”, in *Humanística e Teologia*, Tomo XXXVII, Fasc.1, UCE, Porto, 2016, 173-185.
16. *DECRETUM GRATIANI, Scientia Canonica*, v. 1, n. 1, p. 9-21, jan./jun. 2018.
17. DEL VECCHIO, GiOrg.io, “Giustizia”, in: AZARA, Antonio - EULA, Ernesto (Dir.). *Novissimo Digesto Italiano*, V.7, Torinese, Torino, 1961, 1112- 1115.
18. ESSER, Hans-Helmut, “Misericordia”, in COENEN, Lothar – BEYREUTHER, Erich – BIETENHARD, Hans (Org.s), *Diccionario teológico del Nuevo Testamento*, Tomo III, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1983, 99 – 106.
19. FABRIS, Rinaldo, *Matteo*, 2ª Ed., Borla, Roma, 1996, 126-127.
20. FERNANDES, Leonardo, *Eterna é a sua misericórdia: reflexões bíblicas e leituras orantes*, Paulinas, São Paulo, 2016.
21. FERNANDEZ, Vitor, *A revolução suave do Papa Francisco, descrita pelo teólogo que lhe é mais próximo*, Paulinas, Lisboa, 2014.
22. FRANCISCO, *O nome de Deus é Misericórdia, uma conversa com Andrea Tornielli*, Planeta, Lisboa, 2015.
23. IRENEU DE LIÃO: *Contra os hereges*, Livro IV, Paulus, São Paulo, 1995.
24. JUSTINIANO, *El digesto de Justiniano*, Editorial Aramazi, Pamplona, 1968.
25. KASPER, Walter, *A Misericórdia, condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Cascais, 2015.
26. KOEHLER, Théodore, “Miséricorde”, in VILLER, M. – CAVALLERA, F. – GUIBERT, J. – RAYEZ, A. – DERVILLE, A. – LAMARCHE, P. – SOLIGNAC,

- A. (Org.s), *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, X, Beauchesne, Paris, 1980, 1313 - 1325.
27. LÉON-DUFOUR, Xavier - CAMBIER, Jules, “Misericórdia”, in LÉON-DUFOUR, Xavier., *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Vozes, Petropolis, 1972, 594-598.
28. LESÉTRE, H., “Miséricorde”, VIGOUROUX, F., *Dictionnaire de la bible*, Vol. IV, Letouzey et ané, éditeurs, Paris, 1912, 1130 -1132.
29. MCKENZIE, John, *Dicionário Bíblico*, Paulinas, São Paulo, 1983, 614-618.
30. MENDONÇA, José, *Elogio da Sede*, Quetzal, Lisboa, 2018.
31. MESSIAS, Teresa, “Protagonistas da misericórdia de Deus”, in AMBROSIO, Juan (Coord.), *A Misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho*, UCE, Lisboa 2016, 166-194.
32. MONGE, Manuel, *Este és el tiempo de la misericórdia*, Sal Terrae, Santander, 2016.
33. MOREIRA, Gilvander, *Compaixão-Misericórdia: uma espiritualidade que humaniza*, Paulinas, São Paulo 1996, 42-50.
34. MUÑOZ, Rodrigo, “Justicia y misericórdia. Culpa, punición y perdon”, in *Scripta Theologica*, 2016, 131-148.
35. PAGANOTTO, Diones, “A Teologia Bíblica da Misericórdia: Análise teológica do conceito de misericórdia na Sagrada Escritura” in *Revista Contemplação*, 2016 (14), 168-190.
36. PALMA, Alexandre, “Jesus: rosto de misericórdia” in Ambrosio, Juan (Coord.), *Misericórdia de Deus: coração pulsante do evangelho*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2016, 104-123.
37. RAHM, Haroldo - LAMEGO, Maria, *Eu sou quem sou, minha identificação em Deus*, Edições Loyola, São Paulo, 1976, 6.
38. RAHNER, Karl, *Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo*, Paulus, Lisboa, 2008.
39. ROCCHETTA, Carlo, *Os sacramentos da fé: ensaio de teologia bíblica sobre os sacramentos como “maravilhas da salvação” no tempo da Igreja*, Paulinas, Lisboa, 1991.
40. RODRIGUES, Eli, “A compaixão (*Mitleid*) em Schopenhauer e a piedade (*pitié*) em Rousseau, in CORREIA, Adriano – DEBONA, Vilmar – TASSINARI, Ricardo (Org.s), *Hegel e Schopenhauer*, ANPOF (Associação Nacional de Pós graduação em Filosofia), São Paulo, 2017, 263-275.
41. ROSSÉ, Gerard, *Il vangelo di Luca*, Città Nuova, Roma, 2001.
42. SANCHES, Wagner, “Francisco e o desafio da cultura eclesial dominante”, in SANCHES, Wagner – FIGUEIRA, Eulálio (Org.), *Uma Igreja de portas abertas – nos caminhos do papa Francisco*, Paulinas, Lisboa, 2016, 51-66.
43. SCHAİK, A. Van, “Misericórdia”, in BORN, A. Van Den, *Dicionário enciclopédico da bíblia*, Editora Vozes, Petropolis, 1971, 994 – 996.
44. SCHELER, Max, *Essência y Formas de la Simpatía*, Losada, Buenos Aires, 2004.

45. SICRE, José, *Profetas*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987.
46. STAUDINGER, F., “Eleos”, in BALZ, Horst– SCHNEIDER, Gerhard (Org.s.), *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento I*, Sígueme, Salamanca, 1996, 1310 – 1318.
47. TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologiae*, Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, 1955.
48. TRENBLAY, Réal, “Justice humaine et pardon divin, un binome à articuler”, in GNADA, Aristides – WITASZEK, Gabriel (Org.s.), *Dono per um giusto comportamento morale – Giustizia e Misericórdia*, Editiones Academiae Alfonsianae, Roma, 2016, 129-135.
49. VAZ, Armindo, “Jesus, o rosto misericordioso de Deus Pai”, in *Bíblica*, série científica, Ano XV (2006), 113 – 130.
50. _____, “Justiça e misericórdia na bíblia hebraica”, *Didaskalia* XLI (2011) I, 221-234.
51. ZOBEL, H.-J., “hesed”, in BOTTERWECK, G. Johannes – RINGGREU, Helmer – FABRY, Heinz Josef, *Theological Dictionary of the Old Testament*, Vol. V, Grand Rapids, Michigan, 1986, 44 - 64.

III – TEXTOS UTILIZADOS E NÃO CITADOS

1. PIVA, P, “Misericórdia”, in ROSSI, Leandro – VALSECHI, Ambrogio, *Diccionario Enciclopédico de Teologia Moral*, 4ªEd., Paulinas, 1980, 680-684.
2. PIKAZA, Xabier, *Diccionario e la Biblia, historia y palabra*, Verbo Divino, 2007, 649 – 652.
3. KAMPLING, Rainer, “Misericórdia”, in BERLEJUNG, Angelika – FREVEL, Christian (Org.s), *Dicionário de termos teologicos fundamentais do Antigo e do Novo Testamento*, Paulus, Lisboa, 2011, 313 – 314.
4. SCHÖKEL, Luis, *Diccionario bíblico hebreo – español*, Editorial Trotta, Madrid, 1994, 267 – 268.
5. STOEBE, H.J., “hesed”, in JENNI, Ernst – WESTERMANN, Claus, *Diccionario teologico manual del Antiguo Testamento*, I, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1978, 832 – 861.
6. WALTER, N., “Splagchnizomai; Splagchnon”, in BALZ, Horst – SCHNEIDER, Gerhard (Org.s), *Diccionario exegetico del Nuevo Testamento*, I, Ediciones Sígueme, Salamanca, 2012, 1468 – 1473.

IV - WEBGRAFIA

1. VIEIRA, Tarcisio, “A justiça na Igreja: compreensão teológico-jurídica”, *Scientia Canonica*, v. 1, 9-21, in <http://scientiacanonica.Org./index.php/sc/issue/view/1>, acessado em 07/03/2019.
2. PAIVA, Geraldo, *Ética da Misericórdia: associações com a Psicologia*, *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, São Paulo, V. 37, 92, 1-10, 5, in <http://www.redalyc.Org./articulo.oa?id=94651818002>, acessado em 05/03/2019.

ÍNDICE

SIGLÁRIO	5
RESUMO	6
ABSTRACT	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - DIALÉCTICA DA MISERICÓRDIA	
1. Problemáticas	12
2. Perspetivas filosóficas	15
a. Um olhar filosófico negativo sobre a misericórdia.....	16
b. Um olhar filosófico positivo sobre a misericórdia.....	19
3. Perspetiva cristã.....	21
CAPÍTULO II - VOCABULÁRIO BIBLICO DA MISERICÓRDIA	
1. Antigo Testamento	24
a. <i>Hesed</i> (חסד)	25
b. <i>Rah^amim</i> (רחמים).....	30
2. Novo Testamento.....	34
a. Ἔλεος e os seus derivados	35
b. <i>Oiktirmós</i> e os seus derivados.....	36
c. <i>Σπλάχνα</i> e os seus derivados	37
CAPÍTULO III - A MISERICÓRDIA DIVINA	
1. A misericórdia do Pai	40
2. Jesus a encarnação da misericórdia divina.....	44
2.1 As palavras de Jesus.....	49
a. A parábola do Bom Samaritano	50

b. A parábola do pai misericordioso (Lc 15, 11-32).....	54
2.2. Os gestos de Jesus	58
2.3. As comunidades cristãs	64
CAPÍTULO IV - A MISERICÓRDIA NO MAGISTÉRIO DA IGREJA	
1. Papa João XXIII (1958 – 1963).....	67
2. Papa Paulo VI (1963 – 1978)	71
3. Papa João Paulo II (1978 – 2005).....	75
4. Papa Bento XVI (2005 – 2013)	79
a. Encíclica <i>Deus Caritas est</i>	79
b. Encíclica , <i>Caritas in Veritate</i>	80
5. Papa Francisco (2013 -).....	83
a. Bula <i>Misericordiae Vultus</i>	85
b. Carta Apostólica <i>Misericordia et Misera</i>	88
CAPÍTULO V - A MISERICÓRDIA, UMA PRAXIS	
1. Obras de Misericórdia	94
2. Misericórdia e Justiça	102
3. A Igreja, “casa de misericórdia”	111
3.1 Pelo anúncio e testemunho.....	112
3.2 Pelo serviço	113
3.2.1 Os migrantes e refugiados	118
CONCLUSÃO	129
BIBLIOGRAFIA.....	131
ÍNDICE	138